

# Praia do Canto



Copyright © 2022, Mariza Neves Guimarães (org.).

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

**Compra direta e fale conosco:** <https://espacomilfontes.com>

[comercial@editoramilfontes.com.br](mailto:comercial@editoramilfontes.com.br)

Brasil

### Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (FDV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmar Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del País Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDF) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Mariza Neves Guimarães  
(Organizadora)

# Praia do Canto

Assim contamos a nossa história

*Segunda edição revisada*



Editora Milfontes  
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

#### **Revisão**

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

#### **Capa**

Imagem da capa:

Imagem da capa: Avenida Saturnino de Brito, Praia do Canto, Vitória

Autor: Pedro Fonseca

Contracapa

Imagem da contracapa: Fiorino Petrocchi, na Praia do Canto, Vitória, em 26/11/1939

Acervo: Família Busatto e Petrocchi

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

#### **Projeto Gráfico e Editoração**

Edjalma Nepomoceno Pina

#### **Impressão e Acabamento**

GM Gráfica e Editora

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P898 Praia do Canto: assim contamos nossa história/ Mariza Neves

Guimarães (organizadora). 2ª ed.

Vitória: Editora Milfontes, 2022.

208 p.: 23 cm.: il.

ISBN: 978-65-5389-026-8

1. Memória 2. Narrativas históricas 3. Bairro Praia do Canto, Vitória, ES

I. Guimarães, Mariza Neves

CDD B869.93

*Aos meus queridos filhos Fábio e Guilherme,  
razão maior da minha existência.*



*Agradeço a:*  
*Ana Maria Guimarães Tovar, minha irmã,*  
*Antônio Carlos Sessa Netto,*  
*Apoena Medeiros,*  
*Fernando Achiamé,*  
*Luciana Nemer,*  
*Nara Teresa Rosetti Rebello,*  
*Ronaldo Martins.*



## Nota à Segunda Edição

A primeira edição deste livro se esgotou rapidamente.

Devido à incessante procura por parte de pessoas interessadas na obra, decidiu-se por uma nova edição.

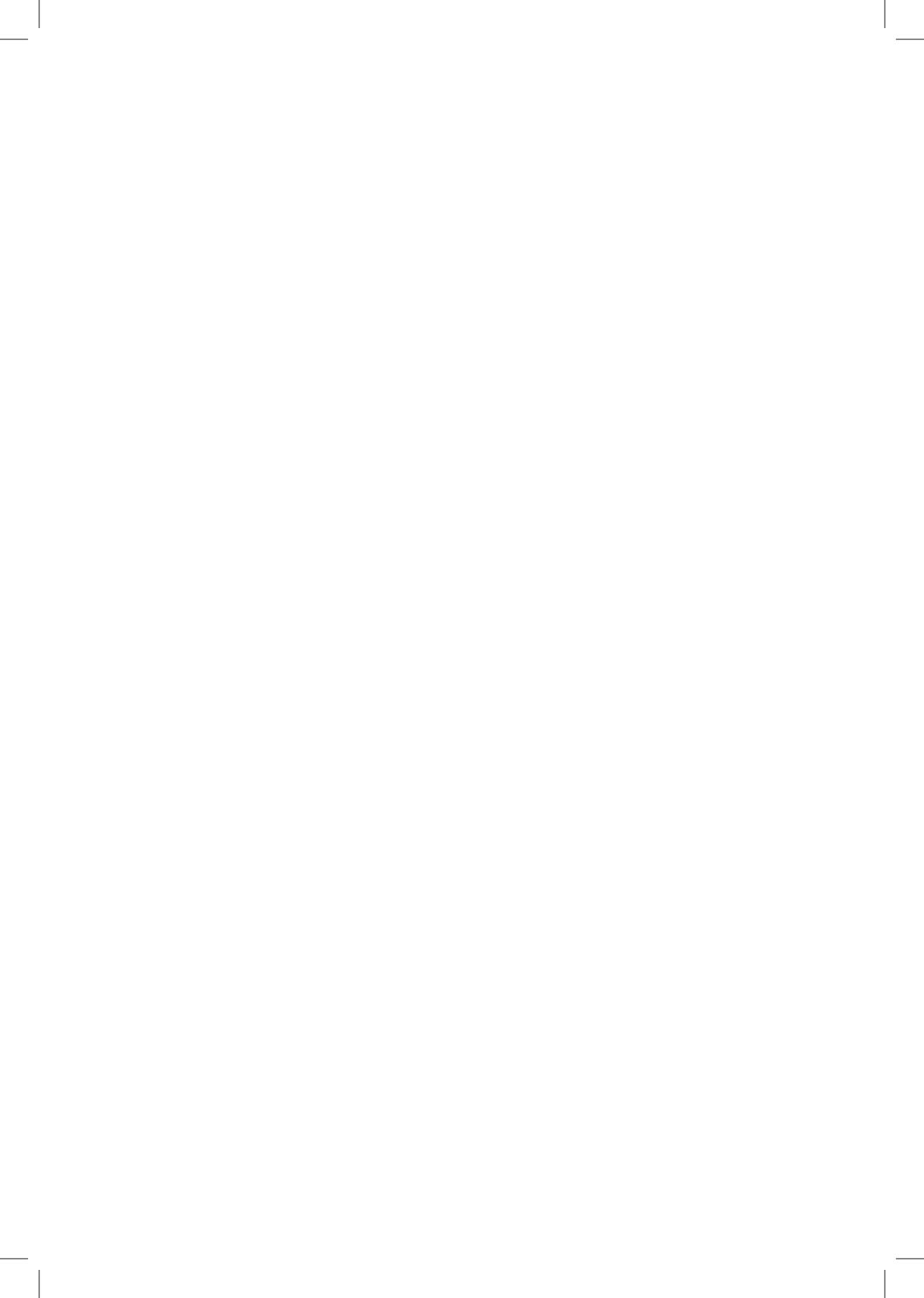
Foram feitos ajustes pontuais, sem entretanto interferir no conteúdo dos textos, nem na grafia do nome das ruas, que foram mantidas como registradas pelos cronistas.

Reitero os agradecimentos aos cronistas e colaboradores, lembrando que o resultado financeiro será convertido, como na edição anterior, em benefício de instituições que apoiam pessoas em situação de vulnerabilidade social.

*Vitória, inverno de 2022.*

*Mariza Neves Guimarães*

*Organizadora*



## Sumário

Nota à Segunda Edição .....	9
Apresentação da primeira edição.....	15
Prefácio .....	17
Uma Praia do Canto eterna.....	17
A Praia do Canto do meu tempo.....	21
<i>Alice Madeira Abad (Lissú)</i>	
Alguns dos frequentadores da: Praia do Canto.....	25
<i>Álvaro Abreu</i>	
De volta às raízes .....	27
<i>Antônio Carlos de Medeiros</i>	
Fotografias e Fotógrafos .....	31
<i>Antônio Carlos Sessa Netto</i>	
O Maluco da Livraria.....	35
<i>Antônio Carlos Viana Braga</i>	
Memórias vivas da Praia do Canto: personagens folclóricos que marcaram a história do bairro .....	41
<i>Antônio Rogério Cola (Lelo)</i>	
Miramar: recordando o passado.....	47
<i>Antônio Sérgio Macedo Silva</i>	

O Clube do Muro .....	51
<i>Bruno Junger Mafra</i>	
Minha Praia.....	55
<i>Cacau Monjardim</i>	
Olhe o coco! .....	59
<i>Chico Lessa</i>	
Modéstia à parte, eu morei na Rua Madeira de Freitas!.....	63
<i>Claudio Abreu</i>	
Carmélia e eu.....	69
<i>Cláudio Tovar</i>	
Amigos da Praia do Canto .....	73
<i>Deomar Bittencourt</i>	
Um bonde com destino à saudade .....	75
<i>Evandro Neves Guimarães (Bujão)</i>	
Redes lançadas numa certa Praia do Canto .....	81
<i>Fernando Achiamé</i>	
Memórias de um colégio da Praia do Canto: Sacré-Coeur de Marie .....	89
<i>Gracinha Neves</i>	
Nascido na Praia do Canto .....	95
<i>Italo Baldi</i>	
Galera da Ilha.....	99
<i>José Henrique Murad Neffa</i>	
Equilíbrio e lembranças da Praia do Canto.....	103
<i>Judith Ottoni</i>	
Santa Helena: A Praia que deixou de ser, mas continua sendo ...	107
<i>Luiz Alberto Varejão &amp; Dilson Antônio Varejão</i>	
Pescadores da Praia do Canto.....	111
<i>Manuela Lopes Santos Neves</i>	

E a capoeira chegou.....	115
<i>Marcelo Neves Guimarães</i>	
Recordando a nossa Praia do Kanto .....	121
<i>Marcelo Paes Barreto</i>	
Relatos saudosos de um ausente.....	125
<i>Marco Aurélio Rocha</i>	
O muro da vergonha.....	131
<i>Mario Luiz “Caçã” Martins de Almeida</i>	
Surgem os surfistas .....	135
<i>Mario Luiz “Caçã” Martins de Almeida</i>	
Retalhos de memória.....	141
<i>Mariza Neves Guimarães</i>	
O Sacré-Coeur de Marie da Rua Moacir Avidos.....	147
<i>Marizé Rosetti Rebello</i>	
A praia proibida .....	153
<i>Nara Teresa Rosetti Rebello</i>	
Caranguejo bota ovo? .....	159
<i>Paulo Linhares Ayres</i>	
O dia em que um Ford 29 voou para as areias da Praia do Barracão .....	161
<i>Paulo Roberto Monteiro Esteves</i>	
Praia Tênis Clube.....	163
<i>Penha Lima Correia</i>	
O início do voo livre .....	167
<i>Ricardo Neves Guimarães (Guigui)</i>	
Música na grande Praia do Canto.....	171
<i>Rogério Coimbra</i>	
Vital: uma folia que deixou saudade.....	175
<i>Rominho Dias</i>	

Os guaiamuns e o bonde.....	177
<i>Ronaldo Ewald Martins</i>	
Um garoto no Iate Clube.....	181
<i>Ronaldo Ewald Martins</i>	
Feliz o tempo que passou.....	185
<i>Ronaldo Nascimento</i>	
Reminiscências do Bar Michel e o fenômeno da fosforescência na Praia Comprida .....	187
<i>Sérgio Figueira Sarkis</i>	
A invasão das motos na Praia do Canto .....	189
<i>Tacaá de Paiva</i>	
Memórias de uma bailarina .....	193
<i>Tamára Pereira de Souza Medina</i>	
Quantas recordações!.....	199
<i>Zazá Paiva</i>	
Praia Tênis Clube: recordar é viver.....	203
<i>Zilce Lima Cabral</i>	

## Apresentação da primeira edição

No dia 23 de maio de 2014, no mês de fundação do nosso querido Praia Tênis Clube, ocorrida em 1934, levada pela saudade e vontade de resgatar histórias vividas na Praia do Canto e seus arredores, criei no Facebook uma página referente à Praia do Canto, inicialmente com o nome de “Histórias da Praia do Canto” que posteriormente alterei para “Histórias da Praia do Canto de Ontem”. A ideia era focar nos dias antigos e não nos assuntos corriqueiros do bairro, objeto de outras páginas. Ao longo do primeiro ano tivemos relatos saudosos e valiosos de antigos e novos moradores da região que era vizinha das praias Comprida, do Barracão, de Santa Helena e assim fomos incorporando pessoas com o mesmo interesse. Hoje na nossa página, assim a denomino, temos cerca de 6.300 membros.

Com a ajuda de uma comissão, da qual fizeram parte pessoas queridas – Ana Guimarães, Angelina Cabral, Maria Cecília Faria Shimamoto, Maria Idalba Soneghet Barros, Maria Tereza Casotti Rocha, Rachel Coimbra e Ronaldo Martins – organizamos e realizamos o nosso I Encontro dos Amigos da Praia do Canto no dia 23 de maio de 2015 na Curva da Jurema e reunimos aproximadamente 130 pessoas. Anualmente temos realizado estes encontros, sempre no mesmo local, com aumento do número de pessoas, da alegria e da confraternização.

Neste ano de 2019, no dia 24 de agosto, realizaremos o nosso V Encontro e resolvemos deixar como marca o lançamento de um livro. Essa ideia sempre esteve presente e Ronaldo Martins foi, desde

o início, seu incentivador maior, buscando assuntos e sugerindo nomes que pudessem relatar suas histórias e não deixar morrer a memória do bairro.

Os temas e autores foram sendo escolhidos de maneira informal com base em participações e interesses identificados na página do Facebook “Histórias da Praia do Canto de Ontem”, buscando englobar várias épocas e pessoas de grupos diferentes que viveram no bairro.

Este livro é, portanto, único. As frases nele contidas surgiram a partir de vivências e convivências de cada autor que registrou sua presença e sua saudade entrelaçadas à memória para eternizarem as histórias da nossa Praia do Canto.

*Mariza Neves Guimarães*

# Prefácio

## Uma Praia do Canto eterna

*From this day to the ending of the world,  
But we in it shall be remembered –  
We few, we happy few, we band of brothers.  
Shakespeare – Henry V*

A partir de um sonho amoroso, alimentado pelo desejo de integrar pessoas fraternas e recorrendo a muita sensibilidade e coragem, a querida amiga Mariza Neves Guimarães organizou esta valiosa coletânea, que reúne olhares diversos sobre um lugar e uma época especiais. Cada autor guarda dentro de si a Praia do Canto somente sua, intimamente sua por ter estabelecido com ela vínculos exclusivos. Afinal, a visão de mundo da ex-aluna do Sacré-Coeur nos anos 40 não poderia mesmo ser igual à de outra que estudou no colégio décadas depois. Qual o problema? Nenhum. Ao contrário: os temas ligados ao bairro (clubes, bares, festas, hábitos, escolas, amizades...) receberam diferentes interpretações que se enriquecem mutuamente em proveito de todos. Além disso, estas variadas contribuições têm o poder de ressaltar as qualidades individuais dos cronistas e, simultaneamente, revelar os comportamentos da geração a que pertencem.

Ao registrarem fatos bem depois que ocorreram, as memórias escritas costumam esquecer ou reprimir o que aconteceu de ruim e valorizar passagens positivas. A faculdade da memória é muito seletiva, mas “de tudo fica um pouco” nos garante Drummond.

Estes depoimentos referem-se a experiências existenciais e reflexões de quem viveu em uma região de Vitória dos anos 40 até os 90. Alguns relatos tratam de períodos mais recentes e assim o conjunto abrange umas boas seis décadas do século passado e os anos iniciais do atual. E, o que é ótimo, com avaliações subjetivas e contradições inerentes a cada autor. Porém, nas entrelinhas das crônicas percebe-se certos sentimentos comuns. Um deles é mais evidente: aquele passado nos parece agora tão distante e estranho, mas ainda nos morde os calcanhares!

Conhecendo ou não a Praia do Canto, é certo que saímos desta obra muito bem informados sobre as pessoas, as coisas e os acontecimentos do universo praiano. Então as pessoas se comportavam assim? Certo colega, quem diria, era um sujeito sensível e aquela bonita morena já praticava o surfe. Na época as coisas funcionavam assim? Realmente, houve aulas de balé no Praia Tênis e de capoeira no Centenário. Os eventos se deram assim? É verdade, dentro da disciplina rígida do colégio religioso ou ao sabor das improvisações no pocket show do Iate Clube...

Bairrismos à parte, deve-se reconhecer que ter morado ou frequentado a Praia do Canto naqueles anos se constituiu em um grande e prazeroso privilégio. Em certo sentido fomos os “happy few”, os privilegiados, um “bando de irmãos” mesmo considerando que ali viviam pessoas de variada condição social e que tiveram destinos diferentes. Residindo ainda no bairro ou tendo se mudado, os antigos praianos cultivam uma característica: aquela Praia do Canto jamais saiu de seus corações e mentes, e prossegue gerando lembranças nostálgicas como atestam estes escritos. E se eles celebram sobretudo aspectos positivos do passado, nem por isso devem ser considerados demasiadamente otimistas. Por um simples motivo: descrevem a infância, a adolescência, as descobertas sentimentais, a iniciação sexual, os estudos, a transição para a vida adulta. Enfim, tempos bons nas vidas dos autores que eram jovens então, saudáveis e com esperança em relação ao futuro que construiriam. Além de estarem vivos quase todos os seus parentes e amigos.

As fotos reproduzidas constituem uma beleza à parte e ajudam a contextualizar os conteúdos a que se referem. Para sustentar suas afirmações e prová-las sem deixar margem a dúvidas, muitos cronistas lançaram mão de imagens. Algumas delas circulam há tempos nas redes sociais, geralmente sem identificação adequada ou fora de uma compreensão mais abrangente das circunstâncias em que foram produzidas, ao contrário do que ocorre aqui.

Este não é um livro de história convencional, mas as informações nele contidas certamente fornecerão bons subsídios e excelentes indicações para quem quiser elaborar trabalhos de pesquisa histórica sobre o bairro em determinada época, utilizando o método da “biografia coletiva”. Porque “Praia do Canto – assim contamos nossa história” cumpre muito bem o objetivo a que se propôs: esboçar o perfil e o comportamento de pessoas; examinar instituições que existiram no lugar; registrar costumes e eventos marcantes. Inevitavelmente, tudo isso provoca em quem lê, sobretudo nos que usufruíram daquela Praia, sentimentos antigos ou renovados. Um deles é a saudade de nós mesmos, do que fomos um dia e já não somos mais. E também a saudade, esse amor que permanece, dos que não mais convivem conosco por terem se transferido para outro lugar ou falecido. Algum remorso também surge aqui e ali: por não ter estreitado a amizade com aquela pessoa, ou participado de mais pescarias, ou dado aquele beijo... “Toda história é remorso” sopra de novo Drummond.

No entanto, após a leitura destas crônicas creio que o sentimento predominante em nós praianos seja o da alegria. Pelas situações narradas que passamos a conhecer ou de que nos recordamos, tenham sido elas corriqueiras, divertidas ou curiosas. Sim, vivi isso também: estudei no Angela de Brienza, brinquei de quadrilha na rua, esperei a saída das meninas na ladeira do Sacré-Coeur... Muito bom constatar que, com poucas exceções, a juventude dourada daqueles anos dourados continuou brilhando na vida – as crianças levadas viraram jovens rebeldes e, pela formação que tiveram, permaneceram cidadãos responsáveis. A maioria se casou,

teve filhos e alguns privilegiados hoje usufruem a feliz condição de avós apaixonados.

Percorridas as páginas da coletânea, permanece um gosto de quero mais. Faltaram aqui pessoas e temas importantes? Sem dúvida, mas isso comprova os imensos esforços dispendidos para desbravar os caminhos e levar a bom termo a realização de um sonho. Tenho certeza que todos os que se deliciarem com os textos aqui reunidos ficarão gratos a Mariza e aos autores após enriquecerem suas existências com belas histórias, memórias e recordações. Que venham mais crônicas para nosso deleite e para reforçamos ainda mais nossa identidade e o amor à vida.

Por fim, estão de parabéns a organizadora, autores e leitores ao garantirem a sobrevivência na eternidade de algo daquela Praia do Canto, e que durará enquanto o tempo existir. Uma prova? Este livro!

*Praia do Canto, Vitória, Dia de São Pedro, 2019.*

*Fernando Antônio de Moraes Achiamé*

## A Praia do Canto do meu tempo

*Alice Madeira Abad (Lissú)*

A saudade que sinto da Praia do Canto, da minha época de 1959, é incalculável. Quando caminho pela manhã e vejo os edifícios tomando conta dos locais onde belas casas de meus amigos existiam, sinto tristeza. Como eram alegres os verões quando as ondas batiam no muro da Saturnino de Brito! Hoje são os pontos de ônibus em frente à Praça dos Namorados e antes lá ficávamos conversando na areia que sobrava em épocas de marés baixas.

Magdalena Renoldi, hoje Murad, Elbinha Tommasi, hoje Costa, Clara Maria Leal, dona Yvonne Martins com os filhos Annibal, Jolindo e Ronaldo, e várias outras pessoas moradoras nesse “arrabalde” que era a minha Praia do Canto, marcavam ponto nesse local. Boias e câmaras de ar de caminhões eram usadas quando queríamos ir mais longe, no mar de águas limpas e deliciosas. À noite tínhamos os jogos praianos no saudoso Praia Tênis Clube. Ali era o nosso segundo encontro. Assistíamos a jogos de futebol de salão, basquete e tênis. Havia torcida organizada e surgiram vários namoros como o de Léa Regina Penedo com Amandinho Gonçalves e o de Zilce Lima e Joel Cabral, dentre outros. Às vezes, à tarde, levávamos uma “vitrola” para o PTC e dançávamos até o comecinho da noite. Era tudo divertido para nós, pois formávamos uma só família. Todos eram filhos de amigos de nossos pais. Não havia música funk e nem drogas.

Aos sábados havia uma turma que almoçava na casa de dona Alice Murad com grande animação em volta de uma deliciosa mesa de comidas árabes. Aos domingos o almoço era em minha casa, depois de colhermos cajus no terreno do Colégio Sacré-Coeur, situado à Rua Moacir Avidos. Hélio Dórea, Angela Aguirre, Verinha Sarlo, Luiz Renato Santos Neves, Carlos Alberto Neves, Magdalena Murad e Milton Murad faziam parte desse grupo.

Assim era a nossa época de praianos que eu desejava que meus filhos e netos também tivessem tido. Violência? Assaltos? Nem ouvíamos essas horríveis palavras. Os muros das casas eram baixos, a luz nas ruas era pouca, mas eficiente e, à noite, podíamos andar despreocupadamente pelo nosso bairro. Conversávamos sentados no muro da casa de Betinho Madeira, que ficava na esquina das ruas Celso Calmon com a Avenida Saturnino de Brito até às dez ou onze horas, mais ou menos. Contávamos casos e marcávamos o programa do dia seguinte, que começava sempre na praia, pela manhã.

E as festas de 15 anos? Eram realizadas em nossas casas e naqueles eventos usávamos pela primeira vez sapatos de saltos altos. Era um sonho que, para nós, meninas, se tornava realidade. Como esperávamos por esse dia! Era a nossa época cor de rosa.

Os grupos da Praia do Canto frequentavam o Clube Vitória, que ficava no Parque Moscoso, no Centro da Cidade, onde também eram realizados os melhores carnavais da minha época. Eu fui madrinha do bloco “Os Inocentes” formado por amigos. Fazíamos sucesso na época quando entrávamos no clube todos juntos, dando início à festa de carnaval.

Aqui, na Praia, tínhamos amigos que moravam na cidade, como Ana Angela Neves, Vera Zanol, Terezinha Abreu, Luiza Sarlo e Luiza Maria Martins. Essa turminha frequentava a minha casa, onde eu tinha, na sala da frente, a “boate vermelhinha”, nos anos de 55 e 56, quando tomávamos cuba-libre, comíamos canapés e dançávamos até à meia-noite todas as sextas-feiras do verão.

A minha rua e outras também do bairro não tinham calçamento. Eram de terra batida e alguns postes de luz bem distantes um do outro. As empregadas eram fiéis e moravam em nossas casas. Faziam parte da família, o que era muito bom. A babá Janira morou em nossa casa até se casar, quando eu já tinha 18 anos! Não havia restaurantes e os pães e o litro de leite eram entregues nas casas, de manhã bem cedinho, acondicionados em um grande cesto numa bicicleta. O verdureiro Zé Pretinho também passava às 8 horas e sempre contava uma novidade às nossas empregadas. Era o jornal ambulante!

Aos 18 anos entrei na UFES para cursar a faculdade de direito. Todas as noites ia para a Cidade Alta, onde ficava a instituição em frente ao palácio do governo, dirigindo minha rural verdinha que eu tanto amava. Lá encontrava colegas e amigos moradores da Praia do Canto e da cidade, quando marcávamos nossa programação para o dia seguinte após as aulas. Nas quintas havia o galetto dançante no Iate Clube, que era superanimado e que eu não perdia, pois as diversões em Vitória eram poucas. Não havia shopping centers e nem cinemas no bairro. Então, os acontecimentos no Iate e no Praia Tênis eram sempre animados e maravilhosos, imperdíveis para mim e para os meus amigos. Hélio Dórea era o colunista dos “brotos” e estava sempre em todos os “points”.

Nessa deliciosa Praia do Canto já existiam várias casas bonitas e amplas, mas ainda havia muitas casas de pescadores. Era um bairro bucólico com seus flamboyants floridos, um verdadeiro cartão postal. Nosso maior divertimento era a Praia do Barracão, onde nós, os jovens, curtíamos o mar e o sol. E as festinhas de aniversário? Como eram boas! Os nossos pais também iam conosco; e nada de moça ir sozinha. Havia revezamentos de mães nas festas de clubes. Minha mãe, Alice Madeira, revezava sempre com dona Maria Amélia Lima, mãe de Penha Correa e Zilce Cabral. Éramos as últimas a sair, pois curtíamos as festas até o finalzinho, aos últimos acordes da orquestra do saudoso Hélio Mendes.

Hoje a Praia do Canto perdeu parte do seu bucolismo com trânsito engarrafado, assaltos, roubos e pessoas presas em seus apartamentos, os quais denomino “gaiolas de ouro”. Ah! Se pudéssemos voltar e viver essa época boa, quando éramos felizes e não sabíamos. Isso seria o melhor da vida.



Bloco “Os Inocentes”. Da esquerda para a direita, em pé: Donato Nogueira, Carlos Augusto Salles, Lissú Madeira (madrinha do bloco), Joel Cabral, César Nogueira, Carlos Alberto Esteves Neves (Gordinho), Luiz Renato Santos Neves (Nanato). Sentados: Pedro Mentirinha, Marco Aurélio, Cyro Medeiros Filho e Victor Hugo Vervloet. Acervo Alice Madeira Abad (Lissú).

## Alguns dos frequentadores da Praia do Canto

*Álvaro Abreu*

No primeiro Encontro dos Amigos da Praia do Canto, na Curva da Jurema, havia uma lista dos que não puderam estar presentes por já terem partido desta para uma melhor, como se diz. Quase todos estavam identificados por seus apelidos. É impressionante como o apelido tem o poder de nos trazer de volta, instantaneamente, a imagem da pessoa que não se vê há décadas.

Achei por bem escrever uma crônica lembrando que Vitória era conhecida como a cidade onde todo mundo tinha apelido. Com a ajuda de Léo Siqueira, Faustinho “Cinco Pontes” Tancredi, Artur “Bode Velho” Neves, Ronaldo “Bolão” Martins, Roberto “Punhal” e meu irmão Afonso “Paçoca”, foi fácil lembrar de quase 200 pessoas que frequentavam o bairro nos anos 60 e 70, todas conhecidas por apelido. Recebi reclamações de leitores por não ter citado umas 80 delas e tratei de incluí-los na crônica seguinte.

Para que não se perca essa memória, resolvi fazer uma relação completa para publicá-la neste livro. Tenho certeza de que depois de varrê-la, em busca de seus conhecidos, cada um vai sentir falta de outros tantos personagens daquela época e vai ficar se perguntando por onde eles andarão.

Confira:

Abelha, Abelha Rainha, Adotivo, Alemão, Americano, Aniversário, Anta, Aranha, Araponga, Aribu, Ataré, Ave Maria,

Babão, Bacana, Baco, Bacurau, Badejo, Baducho, Baianinho, Baiano, Baixinho, Bal, Banal, Barão, Barba Roxa, Bardal, Barra Pesada, Barrica, Barriga, Batata, Belas Coxas, Beleléu, Benegute, Bibelô, Bibinha, Bicuda, Biriba, Biruta, Bitiza, Boca de Bueiro, Boca de Caçapa, Boca de Gaveta, Boca de Velha, Boca Negra, Boca, Bocão, Bodão, Bode Inglês, Bode Velho, Boi Berrou, Boi Louro, Boião, Boquinha, Bolão, Bolinho de Bacalhau, Bombom, Boreco, Bororô, Bossa Nova, Brejeiro, Bridadeiro, Brocoió, Brucutu, Bujão, Buldogue, Bustrica, Cabeça de Manga, Cabeção, Cabeco, Cabeleira, Cação, Cacau, Cachaça, Cachorro, Caciقة Nariz Torto, Cadeado, Caixote, Calombal, Caluca, Calunga, Camelão, Canarinho, Canário Belga, Canela, Canjonça, Capoteiro, Caranguejo, Careca, Cariê, Carioca, Caticoco, Catita, Caveira, Cebola, Cereba, Chatão, Chico Banha, Chico da Brahma, Chico Virilha, Choco, Chupetão, Cinco Pontes, Ciroca, Cobra d'Água, Coelhinho, Coleira, Comandante, Conde Bulau, Coquinho, Coroa, Coronel Farofa, Coruja, Cuca, Cuco, Dadá, Dadau, Dedé, Diganso, Digão, Dó Maior, Dondom, Doutor Bezerra, Dudu, Escambau, Escovão, Esperança, Fachada, Fermento, Ferramenta, Fininho, Foguetão, Força Maior, Fubá, Fura Saco, Fureba, Galego, Galo Cego, Galo Velho, Garibu, Garrafa, Garrafão, Gasolina, Gato, Gaturamo, Gemada, Gereréu, Gigi Coxinha, Golias, Gordinho, Grapuá, Gringo, Grotas, Hortelino Trocaletra, Ico Penico, Bidinga, Jacaré, Jagolê, Japira, Jarrão, Je Suis, Jiboia, Kinkas, La Saca, Lagosta, Lajota, Leléu, Louco-louco, Loucura, Lula, Lulu, Macaco, Macarrão, Madrugá, Magro, Mamão, Mamário, Mané Diabo, Maneco, Mãozinha, Marreta, Marta Rocha, Medonho, Meio-Fio, Melau, Mimosá, Mingol, Mirueira, Miserute, Mococa, Monovo, Morcego, Mu, Muito Pesado, Muleta, Narigão, Nena, Neném, Neném Borrado, Neném Prancha, Neném Russo, Neneu, Neneua, Neni Bustamante, Ninica, Olho de Pontaria, Osdiva, Pardal, Paru, Passarinho, Paçoca, Pato Rouco, Patola, Paulete, Paulo Boi, Paulo Branco, Pé de Burro, Pé de Mesa, Pé de Pato, Pé de Valsa, Peidão, Pelota, Perereca, Perninha, Peroal, Peter Banana, Pica, Piloto, Piluta, Pinduca, Pinico, Pintinho, Pinto Velho, Pintor de Rodapé, Pipa, Pipoca, Pirão, Pirica, Pitirica, Polenta, Pombo Roxo, Popó, Poró, Pororoca, Preguinho, Pulú, Punhal, Puru, Pururuca, Quadrado, Queca, Queixo de Velha, Quiabo Duro, Quina Pau, Rato Branco, Ringo, Risonho, Robeci, Ronaldo Beleza, Russo, Sabiá, Salsicha, Sapo, Sapoxó, Sarué, Seis e Meia na Praça, Seu Manduca, Seu Xinga, Several, Siri Cagão, Sobrado Velho, Socó, Squiff, Sovaco Ilustrado, Taca, Taruira, Teteco, Tik, Tina, Tobinha, Tomba-Homem, Tora, Três Fios, Tuffý dos Patos, Tuzoca, Uroga, Vavá Três Pulinhos, Violão Ladrão, Xandoca, Xiru, Zarbele, Zé Besteira, Zé Cueca, Zé do Coco, Zé Pequeno, Zé Pretinho, Zene, Zobertil.

## De volta às raízes

*Antônio Carlos de Medeiros*

Reminiscências. Estamos sendo levados a elas ao participar dos Encontros dos Amigos da Praia do Canto. Grande ideia da Mariza. Já vamos para o V Encontro, dia 24 de agosto de 2019. Vejo sempre lá amigos do tempo da escola primária, a Escola Sophia Müller, quando aquele pedaço da Praia do Canto ainda se chamava Praia Comprida. Nasci ali, em frente à Sophia Müller: Avenida Desembargador Santos Neves, 1273. Depois virou Edifício Cyro Medeiros, em homenagem ao meu saudoso pai. Está lá.

Amiga querida, Mariza conseguiu criar um Encontro espontâneo e horizontal, como nas redes sociais, a praia dela. Não tem chefe, não tem regras e códigos. É proibido proibir. Reúnem-se amigos fraternos e colegas próximos para celebrar. Paira sempre afeto no ar. Afeto, cumplicidade e amizade genuína. Coisas da Praia do Canto. Coisas da Vitória antiga, antes do boom demográfico dos anos 1970. Quando Fernando Camargo sabia todos, absolutamente todos, os números das placas dos automóveis que circulavam pela Ilha.

Nos Encontros, revemos sempre muitos amigos e lembramos sempre de muita gente. De Marien Calixte, que sacou que “Viver é Ver Vitória”. De Carmélia M. de Souza, que espalhava que “Esta Ilha é Uma Delícia”. De Ronaldo Nascimento, que sempre vai aos Encontros, e que falava em “encaixotar sereno” nas madrugadas do

Buteko lá no Saldanha da Gama. E de Milson, que escreveu a genial peça “Vitória, de Setembro a Setembrino”. Paulo Boi brilhou no elenco.

Lá comparecemos apenas como amigos. “Somos” apenas amigos dos amigos, mais nada. O que sempre nos faz lembrar e praticar os melhores sentimentos humanos. Solidariedade, afeto e confiança, por exemplo. Esquecemos, até, que vivemos – aqui, ali e acolá (ou seria melhor “*Here, There and Everywhere*”?) – em tempos fraturados. Lá fora, terrorismo, migrações, xenofobia. Aqui no Brasil, insegurança, desemprego. Lá e cá, desesperança. Mas nos Encontros nos sentimos como se estivéssemos na nossa Pasárgada de Manuel Bandeira. Aí, momentaneamente, a desesperança é substituída pelo predomínio da lealdade, do respeito, da amizade, da ternura. Coisas da Vitória antiga.

Andarilho do mundo e da vida, nos Encontros tocam-me saudades. Ao mesmo tempo, mato saudades. Saudades dos amigos de infância e juventude que ainda preservo do lado esquerdo do peito. E de novos amigos que fiz depois, morando em outras cidades do Brasil e do exterior. Os desafetos, criados nos embates da vida, deixei para trás. Sem rancor, porque não os tenho. Faz mal ao coração.

Penso depois dos Encontros da Mariza: com todos estes amigos, para quê mais? É a vida em processo, é a sabedoria da maturidade da “melhor idade”. É a vantagem de preservar as raízes, apesar das andanças e mudanças.

Nós, da geração de Aquarius, que amamos os Beatles e os Rolling Stones e superamos os anos de chumbo. Nós, da Vitória antiga. Estamos lá, nos Encontros, lembrando das músicas do tempo em que o Souzinha e o Jairo Maia animavam desde as madrugadas na Kaverna e na Macumba, às festas no Praia Tênis Clube, no Clube Vitória e no Saldanha da Gama.

Lembrando, também, das meninas do Sacré-Coeur e do Colégio Americano. Muitas delas passam lá pelos Encontros. “Debutantes” do Hélio Dórea no Clube Libanês e “Meninas Moças”

do Ronaldo Nascimento no Saldanha da Gama. Olha que morei fora e andei por aí. Mas as mulheres mais bonitas são as capixabas. Os meus amigos de outros estados e outros países que já estiveram aqui visitando eu e Ângela, não me deixam mentir: todos concordam.

Os Encontros são muito legais. Pena que acabam. Mas a gente sempre dá um jeito de “esticar”. A Curva da Jurema fecha, mas terminamos só mais tarde, no Partido Alto.

É muito bom voltar às raízes. Agora, quando ainda me perguntam por aí de onde sou, respondo: “sou da Praia do Canto”...



# Fotografias e Fotógrafos

*Antônio Carlos Sessa Netto*

A chamada Praia do Canto, conhecida também por Praia Comprida, surgiu a partir do Projeto Novo Arrabalde do engenheiro sanitário Saturnino de Brito. E sua expansão se deu a partir da área privativa do bairro, sem os aterros feitos posteriormente, mas que, apesar das mudanças que foram muitas, ainda conserva alguns traços originais da sua concepção. A história passa... Um balneário que teve origem num vilarejo de pescadores tem na Reta da Penha o eterno olhar e as bênçãos da padroeira do estado. As largas ruas arborizadas nos levam a passear sentindo o frescor da brisa que vem do mar. E duas figuras importantes da cena fotográfica de Vitória escolheram a Praia do Canto para viver: Magid Saade e Paulo Bonino.

Magid Saade (1920-2017) foi funcionário do Banco do Brasil em Vitória, onde trabalhou por cerca de 35 anos, tendo iniciado sua carreira por concurso nos idos de 1943. Foi também professor da Universidade Federal do Espírito Santo no curso de Ciências Contábeis. A fotografia entrou na sua vida ainda na infância, quando tirou a foto de um grupo e ficou sabendo que a sua fora considerada a melhor de tantas outras tiradas. Foi tomado por um entusiasmo e, quando rapaz, comprou uma máquina fotográfica. Apesar disso não fez da fotografia uma profissão. Tinha preferência em fotografar pessoas sem truques de laboratórios, os famosos retoques. É um dos poucos brasileiros a

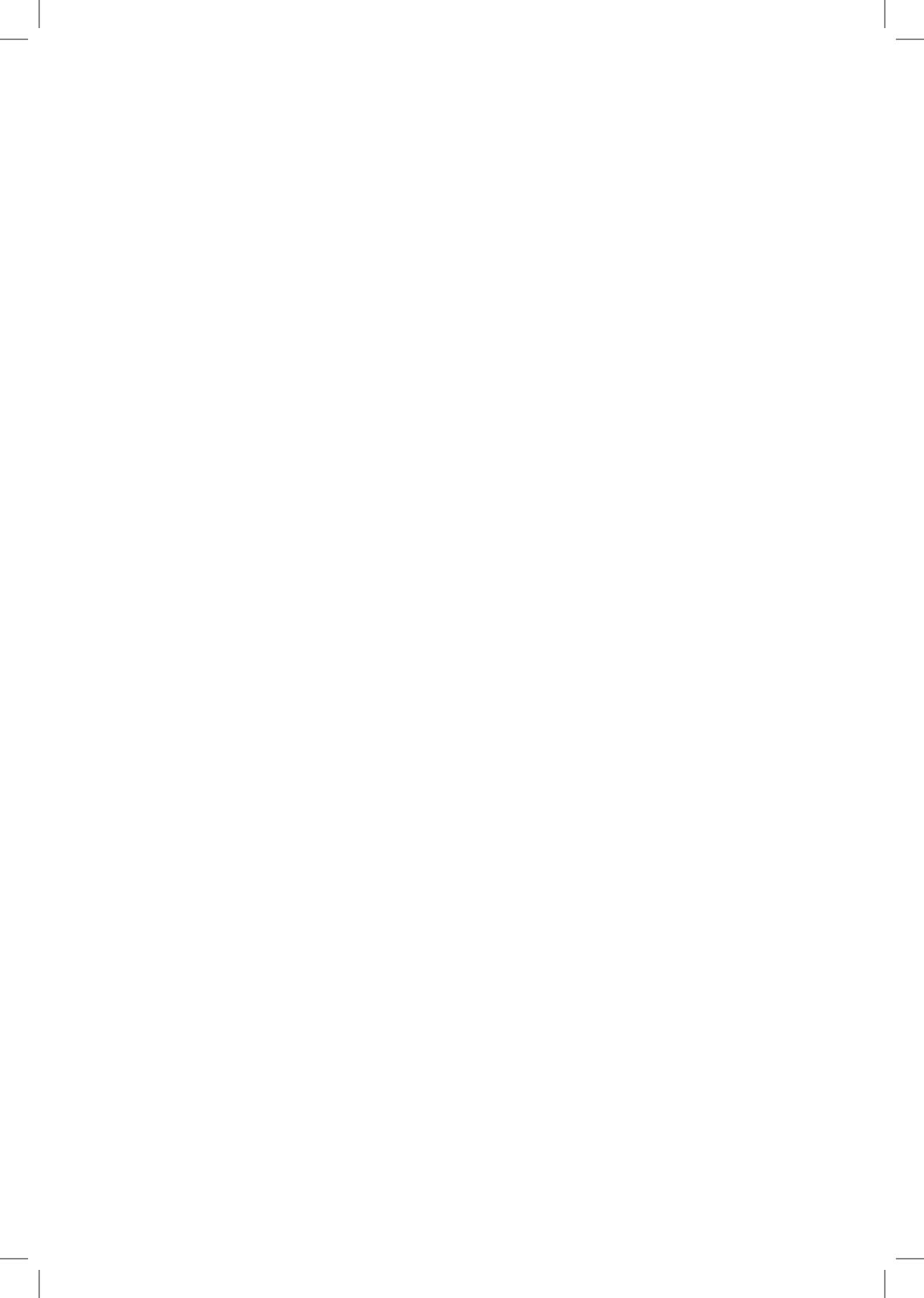
receber o título de “Excellence” da *Fédération Internationale de L’Art Photographique (FIAP)*. Seu legado para o Espírito Santo foi fundar e dirigir, com competência e por longos anos, o Foto Clube do Espírito Santo. Era respeitado por seus pares que o consideravam um sonhador, o mentor de tudo, a alma do Foto Clube. Sua viúva, dona Margarida, ainda preserva a casa na Praia do Canto onde moraram juntos até 2017, quando faleceu.

Paulo Bonino nasceu em 1928, em Santa Teresa (ES), mas em 1948 veio residir em Vitória e trabalhou no escritório da Singer. Foi para o Rio de Janeiro viver outras experiências profissionais em joalheria e como locutor anunciador nas rádios Continental, Relógio Federal e Globo. Em 1956, foi convidado pelo então governador Francisco Lacerda de Aguiar, o Chiquinho, para ocupar a Diretoria do Serviço de Cinema Educativo do Espírito Santo. Quatro anos depois deixou o governo após registrar inaugurações e solenidades, quando passou a se interessar pela fotografia aérea. Realizou seu primeiro voo em um “PP GMV”, conhecido como “Paulistinha”, que o fez passar por algumas situações perigosas devido ao modelo da aeronave. Mas sua paixão e dedicação o levaram a criar adaptações no pequeno avião que lhe permitiram obter boas imagens aéreas. Acompanhou do alto o desenvolvimento das cidades de Vitória, Vila Velha e Guarapari. Como repórter foi trabalhar na *Revista Capixaba*. Seu trabalho foi considerado por ele como “fotografia arte”. Outro dom fotográfico que dominava era o de captar imagens de beija-flores, e tal prática teve início junto ao ilustre cientista Augusto Ruschi. A partir daí, dedicou seu maior tempo em congelar imagens de um pássaro que tem suas asas tão fortes que lhe permitem planar no ar. Esses beija-flores lhe renderam grandes prêmios no Brasil e no exterior. Foi também um frequentador do Foto Clube do Espírito Santo fundado por Magid. Hoje vive entre a Praia do Canto e a cidade de Guarapari.



Comemoração do Foto Clube do Espírito Santo. Fotógrafos. Da esquerda para a direita: José Carlos Perini, Jorge Luiz Sagrilo, Érico Hauschild, Paulo Bonino, Nilton Pimenta, Antônio Carlos Sessa, Marinho Carlos, Magid Saade e Francisco Quintas. Acervo Antônio Carlos Sessa Netto.

Tecemos aqui pequenos, porém significativos, marcos de trajetórias, histórias de vida e legados históricos de um bairro e de dois amigos fotógrafos que, com suas máquinas em punho, ensinaram gerações e gerações por meio de sua incrível arte, responsável e bela. Ao bairro, que hoje se apresenta com brilho, os meus parabéns! E aos dois amigos queridos a minha reverência e o meu respeito.



## O Maluco da Livraria

*Antônio Carlos Viana Braga*

Apesar de só ter vindo morar em Vitória em 1983, tenho origens históricas e vivenciais por aqui. Durante a década de 40, meu pai, médico sanitaria, foi nomeado Superintendente do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) do então Ministério da Educação e Saúde, no contexto do esforço de guerra e com a missão de erradicar a malária e a febre amarela no estratégico vale do rio Doce, por onde escoava o minério de ferro de Minas Gerais. Isso foi mais de dez anos antes do meu nascimento. Moravam na então Rua Itapemirim, atual Chapot Prévot, onde nasceu minha irmã Adelina.

.....

Abrir uma livraria na Praia do Canto? Tá maluco? Em Vitória não se lê! E menos ainda naquele lugar. Hoje pareceria outra loucura, sabendo como o bairro está modificado, mas na década de 80 era um lugar essencialmente residencial. Havia o Centro da Praia, algum comércio ali por perto e, na Reta da Penha, pequenos estabelecimentos como também na Rua Aleixo Neto e na Desembargador Santos Neves. Na Praia do Suá havia mais pontos comerciais, que iam se adensando pela Avenida Vitória e dessa forma ia se aproximando o centro da cidade, onde se concentrava o comércio mais sofisticado, além de escritórios e consultórios. Então, a escolha do “ponto” era primordial na Praia de então. Não entramos em detalhes – para aproveitar bem o espaço



O pai de Antônio Carlos Viana Braga de mãos dadas com sua filha mais velha, Regina, e seu filho Nani na Rua Itapemirim, hoje Chapot Présvot.  
Acervo Antônio Carlos Viana Braga.

que temos para uma crônica – mas decidimos pela escolha de uma pequena loja que ficava na esquina da Avenida Desembargador Santos Neves e a Rua José Teixeira, que os mais antigos identificavam como a venda do Pedro Daniel. Esse passou a ser o nosso ponto de referência por muito tempo naquela Vitória quase sem placas de ruas e, muitas vezes, colocadas no meio do quarteirão para economizar nas pontas. E, assim, as referências eram nomes de edifícios como o Jusmar e o Portugal, bem como alguns apelidos de ruas como a da Bambina ou da Luzimar lustres. Assim, a Livraria Don Quixote se instalou no Pedro Daniel, mas com porta fechada, o que era um mal necessário, pois sem ar condicionado não havia como aplacar o calor intenso.

Vitória não era ainda essa agradável e limpa cidade, com as ruas e praças ajardinadas que existem hoje. E, no cruzamento escolhido, jazia uma dessas caçambas de entulho onde era atirado o lixo das redondezas, trocada de vez em quando pelo caminhão da prefeitura. O vento sul – que, por sinal, anda desaparecido – soprava poeira, folhas, papéis em redemoinhos que mais pareciam capim em cidades do Velho Oeste! Vale dizer, companhias totalmente indesejáveis para livros de papel. Aliás, aquele cruzamento, na época em que não existiam ainda semáforos a cada 50 metros, era palco de acidentes espetaculares e quase diários, sem falar dos caminhões lotados de pelotas de minério que ainda seguiam para o antigo cais de minério. Caminhões “Fenemês” arcaicos, cujos motores a diesel faziam tudo tremer na medida em que liquefaziam os órgãos moles de seus infelizes motoristas com sua nociva baixa frequência. Creio que foi por “São Cervantes” que nunca ninguém se machucou seriamente naquele local, mas carros chegavam a capotar e, certa madrugada, o querido vizinho José Augusto Carvalho ligou para avisar que um ônibus havia arreventado nossa vitrine: medo de saque! Ora, ora... Saque de livros? Hoje, talvez, visto que se furtam hidrômetros de plástico. Sobrevivemos a isso. Silenciamos bocas já que, efetivamente, não só o capixaba gostava de ler como tinha excelente gosto. O acervo da livraria se compôs de acordo com

a demanda e a mesma se mostrou sofisticada e exigente. E foi encorajada, foi valorizada. Se o primeiro livro vendido foi um de Agatha Christie – que hoje poderia até ser um clássico – por ali passaram obras notáveis, raras e algumas bem caras. A Praia lia, sim! E presenteava!

Em certos bons Natais as portas tinham que ser cerradas ou ninguém ia para casa. E já antevíamos escadas rolantes... *Hélas*, o mundo tinha outros planos e, como açougues, cerzideiras, engraxates, douradores e limpadores de chaminés, o comércio de livros independente foi aos poucos perdendo o seu “lugar ao sol”. Saiu do Pedro Daniel para estantes mais amplas, mas aí o peso da burocracia e a impossibilidade de competir com a eficiência da venda on-line pesou mais ainda e ele não resistiu. Foi-se, mas antes espalhou milhares de livros por aquele tal bairro de não leitores. E por outros bairros e cidades. Um refúgio cultural onde, a exemplo do Pedro Daniel, tinha-se “conta” e uma equipe ávida por tentar adivinhar o humor e a necessidade da pessoa que não procurava algo específico, mas buscava algo: conhecimento, emoção, escapismo, uma ajuda: “indique-me um *bom* livro”. Algumas vezes aquele “bom livro” jazia em sua própria casa, triste e abandonado numa prateleira qualquer. “Vá para casa e o leia!” E lá ia ele, já com a curiosidade acesa para seu encontro com a resposta para o seu momento. Querem algo mais tipicamente Praia do que essa doce cumplicidade que se estabelecia? Depois o cliente retornaria, sempre reconhecido pelo nome. Talvez reclamasse, talvez agradecesse. De lá saíram amizades e até casamentos, além da difusão cultural. Filhos? Quem sabe? Era-se sempre deixado em paz, em meio às várias figuras excêntricas zanzando, como o mendigo andarilho que de vez em quando entrava para folhear alguma coisa, sempre calado, mas que um dia, ao tocar o telefone com o pessoal de casa longe, sentiu-se absolutamente à vontade para atender: “Don Quixote!”. Ele se sentia acolhido. Sim. A época das portas que não viviam trancadas, dos meninos de rua que iam examinar os livrinhos em seu cantinho. Nós, que lá trabalhamos e os leitores que a sustentaram, temos saudades, mas sabemos

bem que eram outros tempos. Como bem disse Camões, naquele lindo volume de seus sonetos, publicado pela Casa da Moeda de Portugal:

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o Mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades.*

*O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.*

*E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto:  
Que não se muda já como soía.*



## Memórias vivas da Praia do Canto: personagens folclóricos que marcaram a história do bairro

*Antônio Rogério Cola (Lelo)*

Na primavera de 1947, nasci como sétimo filho de dona Sylvia Oliveira e de Carlos Braz Cola, dos quais recebi o nome de Antônio Rogério, em meio a uma prole numerosa. Minha irmã primogênita, Angela Maria, foi quem assumiu meus cuidados neonatais, devido os muitos afazeres de minha mãe que, além do serviço doméstico, cuidava de mais seis filhos. Acima de mim, a mana Alacoque, com seus dois aninhos, na sua linguagem de bebê, quando tentava dizer meu nome Rogério, falava Lo-re-lo, o que resultou no meu apelido “Lelo” no seio da família. Daí para as ruas foi só questão de tempo; logo fiquei conhecido por tal alcunha. Em meados dos anos 50, já me arvorando em busca de mais liberdade, de amigos, de brincadeiras mais emocionantes e compartilhadas com a garotada da vizinhança, iniciei meu cotidiano no bairro, participando mais das suas realidades.

Naquela época eram pouquíssimas as opções de comércio na Praia do Canto, existindo apenas alguns bares, vendas e quitandas. Os moradores supriam-se através de ambulantes que vendiam frutas, legumes, verduras, pescado e leite; também apareciam no bairro alguns desvalidos, batendo de porta em porta em busca de algum auxílio. Dentre estes, alguns já eram ilustres conhecidos que

angariaram a simpatia dos moradores e, de certa forma, completavam o cenário humanístico do bairro, seja pela sua indigência seja por circunstâncias às vezes dolorosas. Figuras interessantes pela própria ignorância ou pela personalidade extrovertida, mas que na essência guardavam certa ingenuidade pelo modo simplório de ser e, assim, mereciam o respeito e consideração dos moradores. Muitos deles habitam minha lembrança como se vivos ainda estivessem, por estarem ligados a alguns fatos marcantes da minha infância, medos ou situações engraçadas que me proporcionam recordações agradáveis e por fazer parte da minha história.

Dentre tantos que conheci, e com os quais tive mais contato na infância e adolescência, alguns merecem destaque. Por isso escolhi quatro deles em face do seu comportamento incomum, fora dos padrões da época, por serem pessoas que eu frequentemente encontrava nas minhas andanças e que protagonizaram episódios interessantes, engraçados ou até violentos, o que gerava emoção, burburinhos e muita fofoca entre a vizinhança. Queria dizer mais sobre todos eles, mas, limitando-me ao espaço nesta obra, restringi-me àqueles com quem convivi mais de perto e pelos quais tive mais simpatia. Assim, neste resgate escolhi as figuras de Melo Bico, Dondom, Tenente Vavá e Zé do Coco aos quais me reporto apenas sobre suas características pessoais e o *modus vivendi* de cada um.

## Melo Bico

Dona Irene, moradora da “volta da pedra” no final da Praia do Canto, mãe de “Biquinho” e “Zé Melo Bico”, habitava um barracão construído ao lado do campo do Itaúna Futebol Clube. Perambulava pelas ruas em busca do sustento e, nessa condição, buscando amenizar a sua dor, ao passar pelos bares pedia sempre aos frequentadores pingüços que lhe pagassem uma pinga. O fato interessante era que, no ato do balconista servir-lhe a dose, ela olhava para o copo e dizia: – Essa aí não dá nem pra melar o bico! e ato seguinte cuspiu de lado no chão e pedia outra dose ao balconista. Nesse ritmo após alguns anos já era alcoólatra e, assim, Melo Bico

ficou muito conhecida no bairro e tinha sempre um destino certo para suas paradas, tradicionalmente, nas casas de pessoas generosas que com muito carinho a acolhiam na sua indigência. Tenho fixo na lembrança a dona Noêmia Barroso Saade, conhecida como Zizinha pelos vizinhos, que a recebia com muito carinho e atenção sempre ao final da tarde, quando lhe garantia o jantar. O fato curioso era que dona Zizinha lhe pedia sempre que fechasse o portão da garagem, por onde ela entrava e saía e que, costumeiramente, ela deixava aberto. Assim, ao sair ela batia o portão com toda força e gritava em alta voz: – Dona Ziziiiiina, fecheeeeeiiii, heiiiiinnn!...

## Dondom

Julião Pires morava na orla do mangue num lugar chamado Sovaco da Perua, hoje conhecido como Triângulo das Bermudas. Era um homem sério e trabalhador, pai de Maria, Zoca e Lulu. Já o conheci idoso, nos seus 60 anos, e sempre tive simpatia, estima e respeito por ele. Com seu jeito simples de lidar com a vida, nos entretinha com muitas estórias e situações curiosas do bairro. Tinha na pesca seu sustento e, nas noites de lua cheia e nas madrugadas de verão, eu e meus irmãos Luiz e Zé Paulo saíamos muito com ele na canoa *Boa Vida* para alguns lances de arrastão na enseada da Praia do Canto. Essas pescarias sempre começavam pela prainha do Sacré-Coeur, seguindo depois pelas praias da Ilha do Frade até o baixio da Ilha das Andorinhas e, finalizando, na Praia Comprida. Dependendo do resultado da pesca, ele ainda esticava até Pontal de Camburi para mais alguns lances. Eu tinha muito prazer de participar dessas pescarias, pois, além de remar o batelão, ajudávamos a puxar a rede. Uma imagem que nunca me sai da lembrança era a de quando a rede chegava à praia e eu me encantava com a enorme quantidade de peixes, camarões, siris e lagostas. A cada lance, nosso esforço sempre era recompensado com um espetáculo maravilhoso, de um brilho prateado dos peixes saltitando na rede, o que se completava com as luzes do amanhecer. Além da pesca, Dondom trabalhava no Iate Clube do Espírito Santo como garagista e ainda exercia uma função, meio que *sui generis*, de uma espécie de consultor

meteorológico, informando as condições do tempo e das marés aos organizadores das competições de vela. Lembro-me também do seu barquinho *Atrevido*, com o qual levava as boias demarcadoras da raia das regatas de modo a posicioná-las nos pontos definidos. Pessoa valorosa, folclórica e muito querida por todos, Dondom nos encantava com seus causos de pescarias mágicas, fatos curiosos e até confidenciais de alguns moradores, bem como das superstições que carregava consigo.

### Tenente Vavá

Nunca soube do seu nome e origem; sei apenas que se tratava de um indigente, com algum tipo de deficiência mental, mas sempre o vi como uma pessoa diferente, muito alegre e dócil, que nos divertia bastante. Perambulava pelo bairro em busca de algum auxílio e mantinha uma aparência inconfundível, sempre envergando um paletó meio que surrado e sujo, com a cintura cingida por uma corda de sisal e carregando dois pedaços de ripa embrulhados num jornal debaixo do braço. A característica marcante dessa figura era a de que sempre se aproximava silenciosamente, devagarzinho, chegando-se às pessoas ou rodas de conversa com um largo sorriso amarelado de modo a conseguir aquilo que pretendia. Se lhe dessem a mínima atenção ou alguma ajuda, logo fazia uma continência e dava três pulinhos gritando: – Hihi!!!... Hihi!!!... Hihi!!! Depois, em nova continência, declamava o seu costumeiro versinho: – Tenente Vavá, comedor de fubá, não quer saber de trabalhá, só quer saber de passeá, só quer saber de namorá!!! E saía correndo rumo a um novo destino.

### Zé do Coco

Zé do Coco ou Zé Caboclo, como também o chamavam, chegou ao bairro lá pelos idos de 1940. Desconheço suas origens, mas sei que era um ex detento que foi acolhido pela família do Robson Castello, morador da Praia de Santa Helena, por quem era muito estimado e de confiança. Tomava conta do seu sítio em Jacaraípe,

cuidando de um imenso coqueiral. Caboclo musculoso, com muita força nos braços, gostava de exibir seu físico, andando sem camisa, vendendo coco verde pelo bairro. Mantinha um ponto fixo debaixo de uma frondosa castanheira, ainda viva, defronte ao antigo bar do Walter. Empurrava seu carrinho de cocos e, indefectivelmente, trazia consigo o seu facão Jacaré, muito bem afiado, que usava para abrir os cocos e atacar quem o perturbasse. Onde encostava era logo cercado de uma freguesia certa e ávida por uma aguinha de coco, principalmente nos dias de verão. Adorava uma prosa e tinha o costume de medir forças com a rapaziada, que sempre o cercava para discutir futebol e jogar uma conversa fora. Frequentemente desafiava os mais fortes e tirados a valentes para disputar a famosa queda de braço, sendo que ninguém jamais o venceu. Assim, mantinha sua hegemonia na disputa e o respeito da garotada. Botafoguense doente e rio-branquense desde os primórdios do clube, detestava flamenguistas. Quando o Flamengo perdia, para ele era motivo de alegria e muita gozação.

Nesse contexto cresci e convivi, em minhas duas primeiras décadas, com essas notáveis figuras quando a Praia do Canto ainda era um lugar bucólico, aprazível, com a lembrança do seu tempo de arrabalde. Além deles conheci muitos outros personagens, alguns já no andar de cima, que também marcaram minha história, dos quais guardo reverência, consideração e respeito pelo que me ofereceram de bom nos meus dias antigos.



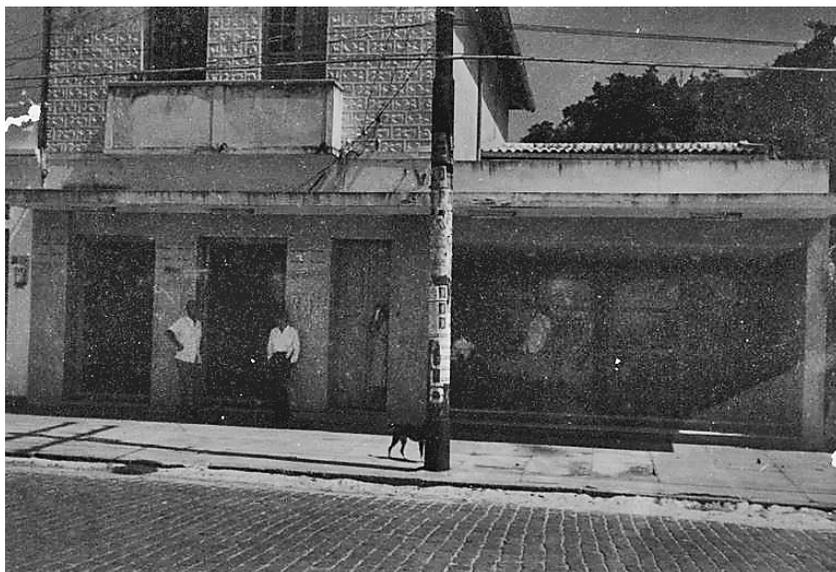
## Miramar: recordando o passado

*Antônio Sérgio Macedo Silva*

Localizado na região norte da ilha de Vitória, entre as praias do Canto, Comprida, do Barracão e de Santa Helena, o Miramar marcou época por cerca de 50 anos, por ser o local de encontro de várias gerações e ter sido testemunha de uma incrível metamorfose paisagística, estrutural e humana ao longo de tantos anos.

O estabelecimento surgiu quando da sociedade de dois cunhados, Walter e Antônio Domingues da Silva, meu pai, de um carioca e um cachoeirense. Era uma construção simples tipo botequim que na década de 50 vendia produtos diversos, até gasolina! Alguns anos depois foi reformado e se transformou no primeiro american bar do Espírito Santo. Suas paredes receberam revestimento até o teto, abrigando um balcão de fórmica, refrigerado, com vidraça e banquinhos, mesas e cadeiras também em fórmica e um salão anexo, onde passou a funcionar um restaurante especializado em frutos do mar, com ambiente ventilado e equipamentos elétricos de última geração para a época, inclusive som ambiente.

O Walter, sempre no caixa, era o contador de histórias, pois sabia de coisas do arco da velha. Já o Antonio, português, era um exímio cozinheiro e sorveteiro, mestre inigualável na moqueca capixaba, mas vale lembrar que o seu sorvete de coco verde ficou tão famoso que muitas pessoas vinham de longe para degustá-lo. Um dos seus maiores apreciadores era o dr. Carlos Lindenberg.



Fachada do bar Miramar. Acervo Antônio Sérgio Macedo Silva.



Antônio e Walter no salão anexo do Miramar após a reforma. Acervo Antônio Sérgio Macedo Silva.

O Miramar se tornou o ponto de encontro de amigos por décadas e um dos primeiros “points” da moqueca capixaba, para onde eram levados os ilustres visitantes em passagem pelo estado: artistas, cantores, empresários, políticos. Gente famosa que fazia questão de deixar no revestimento das paredes suas mensagens de carinho ao povo capixaba escritas com um pincel atômico. Havia frases de Jânio Quadros, do marechal Lott, do Carequinha. Miltoninho, cliente usual, fazia questão de pegar o violão e dar uma “canja” e não posso esquecer de citar Maysa Matarazzo e Nara Leão, nossa capixaba famosa. Lembro-me bem de pessoas especiais como Seu Guarapari, corretor do jogo do bicho, sempre de paletó e chapéu, que morava ali perto numa chácara ao lado da casa de Rachel Coimbra, como também do Otinho, o “poeta” de Carmélia, que tinha cadeira cativa, do delegado João Lopes, do dr. Ormandino Benezath, do cubano/americano Herberto, do dr. Robert Ewald, de Seu Júlio, Seu Norton, Wilson Drews, Ronald Sarlo, Ronald Rubim, José “Cabeção” Gonçalves, dos irmãos Paulinho, Marcelo e José Carlos (Cacau) Monjardim Cavalcante, Lucilo Santana, dentre muitos outros que sempre estavam por lá e de quem corro o risco de esquecer, mas lamentando antecipadamente por não lembrar de todos.

Ponto de encontro e de partida: assim também se pode descrever o Miramar. Ali tudo começava e, como uma grande família, os frequentadores sempre passavam quando estavam indo a uma praia, uma pescaria, uma balada. No balcão e nas mesas aguardavam amigos que viriam, com certeza, ou esperavam carona para alguma festa, na maioria das vezes na Praia da Costa ou em Guarapari. Isto me traz à lembrança o solidário amigo Ítalo Baldi e sua kombi, que nunca deixavam ninguém para trás. Amizades que começaram na Escola Sophia Müller, no Grupo Escolar Irmã Maria Horta, no Colégio Sacré-Coeur de Marie, no grupo de Escoteiros do Mar Almirante Tamandaré, no grupo das bandeirantes do Parque Moscoso, no Praia Tênis Clube e no Iate Clube e foram forjando fortes laços de amizade e de convivência social, que hoje temos orgulho em denominar Amigos da Praia do Canto.

Por volta de 1975, o Miramar foi negociado para um carioca chamado Cirilino Simões que, mais ou menos dois anos depois, o vendeu para o gente boa Pedrinho. Ele e sua família continuaram, por muito tempo, com o padrão Miramar. O estabelecimento já não era do meu pai, mas Pedrinho nos acolhia como se fôssemos parentes e amigos do peito já que, desde a infância, rumava para lá à procura dos sorvetes de Seu Antônio.

A partir de então, iniciou-se uma nova geração na clientela da casa. Fica o legado da nossa história, inesquecível, no bairro e na memória de todos que por lá passaram, pois todos recordam, com certeza, que sempre tivemos o prazer em servir.



Da esquerda para a direita, em pé: Laércio Delanos, José Luiz Pippa Silva, José “Cabeção” Gonçalves, Walter (sócio do Miramar), Marcello Monjardim Cavalcante, Laudir (ao fundo, empregado do Miramar) e Paulo Monjardim Cavalcante. Agachados: Antonio Domingues da Silva (sócio do Miramar) e Roberto Monjardim Cavalcante.

Acervo Antônio Sérgio Macedo Silva.

## O Clube do Muro

*Bruno Junger Mafra*

Ficava na esquina da Rua Celso Calmon com a Joaquim Lírrio, ao lado direito de quem vai para a praia, numa casa simples com um muro baixo, ideal para sentar e bater papo. Até hoje não sei quem morava na casa (tenho uma vaga ideia de que era uma república de estudantes de medicina). Mas nada disso vem ao caso. O que importa, realmente, é que era ali a sede do glorioso Clube do Muro. Meninos, talvez pré-adolescentes, tomaram conta do pedaço e lá fizeram o seu local de encontro.

No início eram poucos: meu irmão Homero e eu, Marcelo Guimarães, os irmãos Carlos e Sazito – Ah! Desenhos imortais! – Vitor Manjuba, Alex Puralho (Alexandre Magno de Almeida e Souza, não é Maria Emília?), Mário Burns e George Russinho Burns, Valtinho Schroth, Renato e Wilmarzinho Barroso, Jefferson, que nós chamávamos de Jelso e descia lá das bandas do Romão para as reuniões do clube; e que, além de excelente pessoa, era exímio jogador de vôlei, responsável por nossas épicas vitórias sobre o time dos “pescadores”, turma de meninos lá do Sovaco da Perua. E como membro fundador havia também o grande Luiz Patranha e sua paixão por carros. Faziam parte do clube as meninas, como as irmãs Flávia e Isabella, a prima Annelise, Luciana, Neila, Jacqueline, as irmãs Gisele e Vanessa, Rosana Moraes, não tão presentes, mas que nunca deixaram de ser sócias.



Valter Schroth no Clube do Muro, esquina da Rua Celso Calmon com Joaquim Lírio, em setembro de 1974. Acervo Mariza Neves Guimarães. Foto cedida por Valter Schroth.

Como todo clube que se preza, o do Muro tinha quadra de futebol na rua em frente à casa de Rafinha, também membro, uma quadra de vôlei no grande quintal da casa do arquiteto Marcelo Vivacqua, esquina da Rua Joaquim Lírio com a Chapot Présvot. Foi ali que ocorreram os memoráveis embates contra os “pescadores”. Usávamos o quintal por dois motivos: o primeiro é que Marcelo gostava da turma e o segundo é que sua sobrinha, Marlizinha, era membro do Clube. Não tínhamos medo de jogar futebol no asfalto, pois no prédio ao lado do Muro moravam, naquela época, o neurocirurgião dr. Saleme, e o dr. Campinhos, ortopedista, e que se foi muito cedo! Maria Augusta, minha amiga, que o bom Deus esteja sempre com você.

Tínhamos também uma praia particular, a segunda que ficava ao lado esquerdo na Ilha do Frade e estava quase sempre deserta. Parece que a natureza sabia que aquele lugar era nosso, onde tomávamos sol nos finais de semana, jogávamos bola e queimada. Afinal, as meninas também tinham que participar e, ao mesmo tempo, fazer exercícios físicos, num tempo em que

academia era apenas uma palavra perdida nos dicionários. As sextas-feiras eram mágicas, quando Golias colocava som no Praia Tênis Clube. Esperávamos com ansiedade tais eventos, uma vez que rolavam namorinhos, as primeiras cervejas, o encantamento atingindo seu ápice. O som começava às 21 horas e terminava à meia-noite. Quando voltávamos era hora da festa de apertar campainhas e sair correndo, jogar para dentro dos quintais os sacos de lixo que ficavam em cima dos muros aguardando que os lixeiros os pegassem de madrugada. Tais atos não nos fazia bagunceiros e, sim, altruístas; afinal, os lixeiros ganhavam pouco e nós simplesmente reduzíamos o trabalho deles. Altruísmo com consciência social. Eta nós!

Inesquecível também a Feira dos Municípios, que acontecia uma vez por ano, onde rolava o vinho de jabuticaba da barraca de Santa Teresa, a paquera solta e as brigas também. E mais não ousa contar aqui! Naquela época já frequentávamos o Triângulo das Bermudas, o verdadeiro Triângulo com os bares Sizino, Di Don Don e Bilac. Cerveja e caipivodka, um ou outro conhaque, a briga das dez horas, da meia-noite, das duas horas da manhã!

Hoje, quando olhamos para trás, nos recordamos de uma Praia do Canto repleta de belas casas com jardins maravilhosos, latidos de pastor alemão e cheiro de café. Não esses prédios imensos de nomes estrangeiros: Maison sei lá das quantas, Tower sei lá do quê! O Clube do Muro ruiu junto com a velha Praia do Canto, o vestibular, a faculdade, o ganhar a vida, os problemas, as perdas, as tristezas e vagas alegrias da vida adulta. Mas eu tenho orgulho de ter sido um dos fundadores do Clube do Muro e, em nome disso, o bom e compreensivo Deus há de perdoar todos os nossos pecados traduzidos em bagunças, gritarias e correrias. Talvez até tente esconder um sorriso no rosto sério como meu pai aqui na terra fazia. O Clube dos Muro forjou homens de caráter, visto que, pelo que sei até hoje, nenhum membro se desviou dos caminhos percorridos e são homens sérios, íntegros e idôneos. E peço aos que chegarem primeiro que guardem o nosso lugar no time do céu.

*Praia do canto*

Ninguém nunca vai apagar o sorriso, a saudade, a consciência de ajudar os menos favorecidos e apagar os nossos sonhos cravados para sempre em nossas almas de eternos meninos.

# Minha Praia

*Cacau Monjardim*

Revirando o relicário de minhas memórias juvenis, eu encontro profundamente identificado pelo talvegue do passado pelo menos três estágios que fortalecem no tempo e no espaço as minhas traquinadas e peraltices dos primeiros anos. Lembrome com imensa saudade a primeira chegada às praias da minha meninice. Então morador convicto do centro urbano de nossa ilha, eu convivía com um grupo seletto de bons amigos, balançando de alegrias e descompromisso as ruas Coutinho Mascarenhas, Sete de Setembro, Coronel Monjardim e Graciano Neves, esperando o roteiro de fôfocas urbanas nas madrugadas da Costa Pereira.

Nessa fase nasceu em mim, e no grupo de amigos, a vontade irreprimível e desafiadora de conhecer e desfrutar o encanto das praias para nós tão distantes. Dando curso ao desejo, de moeda curta, eu e a minha turma corríamos por volta das 7:30 da manhã, pegando o reboque que o bonde da Central Brasileira levaria à Praia do Barracão, primeiro ponto terminal de nossa chegada à então Praia Comprida, hoje Praia do Canto. Desta praia partíamos para a pelada nas areias vizinhas da casa de dona Maryland, onde suados e cansados estávamos prontos para os primeiros mergulhos.

Com a repetição quase diária dessas evoluções, a gente acabou criando um desafio que sempre foi corajosamente vencido. O grupo saía da Praia do Barracão e, nadando escoltados por uma grande boia de borracha, chegávamos até à então distante Ilha do Boi para vermos e aplaudirmos a passagem dos Itas, que chegavam ao

porto de Vitória. Nessa ilha a gente se deliciava com o sabor de suas numerosas bananeiras e o refrescar tranquilo da água de uma de suas nascentes. E, então, a volta triunfal para a praia do Barracão e o pega ponga no reboque para o centro da cidade, onde todos moravam.

Num período mais avançado vivemos a alegria, a esportividade e a tranquilidade que o bairro começava a oferecer e nos permitia namorar o encanto da Praia do Suá, da Praia de Santa Helena, do trampolim que desafiava os mais afoitos e acabou perdendo sua segurança para ficar apenas na larga faixa de areia, onde realizamos partidas de futebol e voleibol. Estávamos, portanto, com diploma de profundos conhecedores das belezas praiieras, e nos transformando com sonhos de virtuais moradores do bairro.

Fui morar anos depois na Avenida Saturnino de Brito, já então jornalista e colunista envolvido em atividades publicitárias, turísticas e sociais, chegando a realizar grandes eventos de reconhecida projeção.

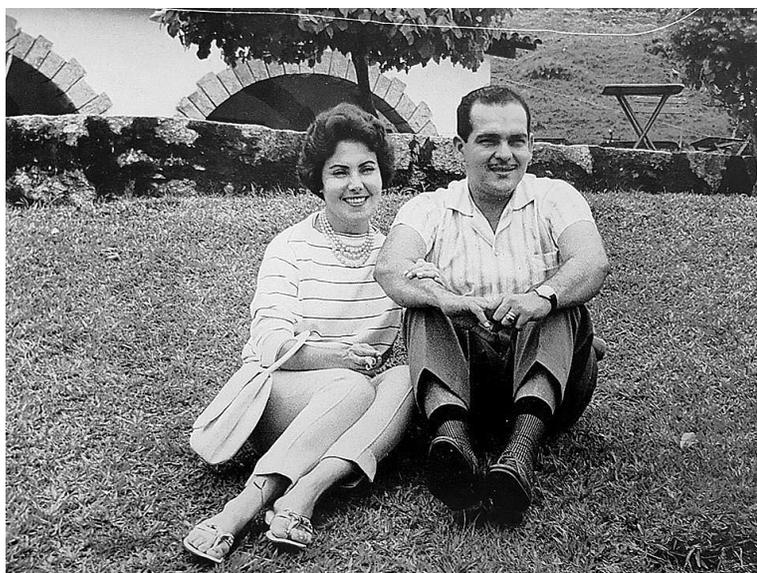
Participamos com o numeroso grupo de amigos da Praia do Canto de alguns eventos marcantes e inesquecíveis, valendo citar os Jogos Praianos, a inauguração do Cauê Clube e a explosão da pesca oceânica e das regatas promovidas pelo Iate Clube.

Recordo ainda do tempo em que da Praia Comprida a gente ia e vinha a pé para a Ilha do Frade, ao lado das pequenas boiadas que seguiam na maré baixa e no tranco, sendo uma deliciosa aventura daquele tempo.

Anos depois, testemunhamos e aprovamos a coragem do então deputado José Moraes, que com seus próprios recursos construiu a hoje bonita ponte de acesso à Ilha. Mas a minha grande aventura como jornalista foi ao lado de Plínio Marchini, Hélio Dórea e Maurílio Cabral, experientes redatores da então *Revista Capixaba*, e do fotógrafo Pedro Fonseca, ter sugerido a reportagem “Pela lata de lixo se conhece o morador”, alcançando recordes de tiragem e repercussão da revista, ao revelar nas portas das mansões

da época o conteúdo de estratégicas latas de lixo dos afortunados proprietários.

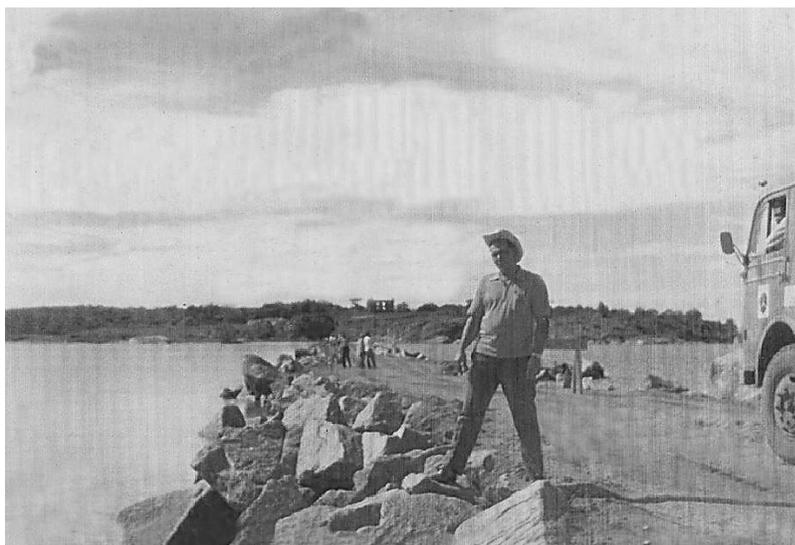
E paro por aqui...



Dalila e Cacau Monjardim na Avenida Saturnino de Brito, em frente à casa do engenheiro alemão Otto Schlemm. Acervo Cacau Monjardim.



Futebol de areia nos Jogos Praianos, sob o comando do técnico Pandolpho. Foto Pedro Fonseca. Acervo Cacau Monjardim.



Cacau Monjardim no início da construção da ponte para a Ilha do Frade, em janeiro de 1971. Acervo Cacau Monjardim

# Olhe o coco!

*Chico Lessa*

Na Vitória da década de 50, a Praia de Santa Helena ainda era um lugar ermo, onde morava a minha família numa casa aconchegante com um quintal de goiabeiras e terrenos baldios à volta, abandonados ao matagal. Num deles havia um caminho estreito que levava, a mim e à minha irmã Magda, ao bonde que passava na rua de trás, de onde seguíamos comumente até à Praia do Suá, bairro vizinho, casa da avó e onde nasci.

Chegávamos ao ponto com as congas, calçado da época de emborrachado com lona, cheias de areia. O areal no meio do caminho era frequentado por peladeiros e, eventualmente, abrigava algum circo mambembe ou um mínimo parque de diversões com alguns balanços de barquinhos, alto-falantes e a eterna jogatina dos incautos... Dali, na maioria das tardes, eu e meus amigos entre os quais alguns primos, saíamos imundos depois do bate-bola em direção à praia de Santa Helena, perdidos e largados pro derradeiro mergulho do dia. Depois era jantar ouvindo “Jerônimo, o herói do sertão”, novela da Rádio Nacional do Rio e, quando não fazíamos uma fogueirinha no canto do jardim ou brincávamos de capitão do campo, íamos dormir cedo.

Na principal avenida da região, a Ordem e Progresso, de duas vias em sentidos opostos, os números 812 e 820 identificavam duas casas geminadas, uma delas a nossa, que ficavam à direita de quem vinha do centro pela Avenida César Hilal, recém-inaugurada,

em direção à Praia do Canto, um bairro há pouco projetado, com suas ruas futuristas e de poucas casas ainda. Apesar de ter duas vias, todo o trânsito era feito na pista oposta e a única calçada com paralelepípedos, o que permitia a meus irmãos e a mim o privilégio de uma rua quase particular, já que a falta de calçamento tornava a passagem de carros bem remota. Havia um amplo canteiro entre uma e outra pista com calçada, grama e flamboyants, lugar de nossas brincadeiras.

Da varanda da frente, podíamos ver os veículos que apontavam na esquina com a Reta da Penha, logo depois do Praia Tênis Clube, onde normalmente eu jogava peladas pela manhã. Havia uma quadra de tênis com piso de saibro e uma outra, cimentada, com traves de gol e tabela de basquete; entre elas, uma arquibancada de quatro níveis sobrepostos. Dali, enquanto esperávamos nossa vez, ficávamos torcendo e zoando quem se sentava nos bancos dos reservas, encostados na cerca que dividia o espaço. Num certo dia, lá estava o técnico Arlindo, um careca normalmente mal-humorado que, após troca de clube, agora dirigia o Saldanha da Gama e se esgoelava ao orientar seus pupilos em campo, que enfrentavam o Praia, seu antigo time, numa partida de basquete.

De repente, um estranho no ninho! Aquele garoto, timidamente, foi se chegando e tentando se enturmar comigo e com uma galera que assistia ao jogo numa algazarra total. Era o nosso querido Vinícius Alves, o Tico, que, ao lado do irmão Ronaldo e família, havia se mudado naquele dia para uma casa vizinha ao clube. Não sei de quem foi a ideia, mas resolvemos tirar um sarro com o novato e apontamos, em quadra, um jogador da equipe visitante que jogava pela ala oposta e o incentivamos a gritar seu apelido, Quinapau, no intuito de sacaneá-lo e tumultuar o jogo. Ensinamos até a musiquinha: Arlindo Quinapau, testa lisa etc. e tal! Ele, na ânsia de ser aceito na turma e engrossar o caldo da injúria, se entusiasmou com a sugestão dada pelo querido Sérgio “Aribu” e desceu da arquibancada pra se encostar na cerca, pois dali poderia ser melhor ouvido pelo atleta em campo, alvo do bullying. Assim que gritou a primeira vez, quase dentro da orelha de Arlindo, este,

o verdadeiro dono do apelido, olhou para trás, invocado, querendo saber quem ousara tamanho risco. Ele tinha verdadeira bronca de ser chamado pela famigerada alcunha e a gente sabia, é claro! Ele olhou para frente e ouviu de novo. Tico gritou e, no que olhava para nós buscando colegagem na ação, não viu a reação “te mato” de Arlindo e tomou um croque que deve ressoar em sua cabeça até hoje. Rimos de chorar! Tico, meio confuso, acabara de receber um trote e, dali em diante, seria um orgulhoso praiano, enquanto duraram aqueles lindos anos.



Antiga Avenida Ordem e Progresso, o Clube Caué ao centro e um pequeno trecho da Praia de Santa Helena à direita. Foto Magid Saade. Acervo da família de Magid Saade.

O Praia era como nossa segunda casa. Meu pai, José Arimatéa, o Ari, era radiotelegrafista da empresa aérea Nacional, que virou Real, que virou Varig, que virou saudade, infelizmente... Ele trabalhava na casa geminada à nossa, e ambas pertenciam à empresa. Ele era o contato entre o chão e o ar, através do telégrafo. Por vezes, sem entender do que se tratava, se era urgente ou não, dona Fanny, minha mãe, ao ouvir os “bip-bips” do rádio corria ao clube, onde certamente o encontraria ao lado do saudoso Viriato, do Sérgio

Sarkis, entre outros, tomando uma biritinha e combinando uma daquelas moquecas que muitas vezes a deixaram de cabelo em pé, tamanha a bagunça que ficava no rastro. Depois ele e minha mãe se entendiam e tudo se acertava.

Aliás, através do relato do Sérgio em seu ótimo livro *Nos tempos do hidrolitol*, a quem agradeço o carinho ao falar de meu pai, uma informação me encheu de orgulho e autoestima: descobri com muita surpresa e alegria que, embora tudo se desse em meio à bebedeira, havia entre mim e meu pai um elo de cabeça, criativo em relação à música, que jamais supunha existir. Ele foi compositor também! Segundo Sérgio, o hino do Praia, na verdade um hino de bêbados, fora composto por ele. E olhem, fez sucesso! Até hoje tem uma turma que lembra direitinho.

Era mesmo um sonho a nossa Praia! Que o diga, ao lado dos irmãos, a minha querida amiga Mariza Neves Guimarães, que morava em frente ao recreativo numa grande casa ladeada por enormes casuarinas envergadas pelo vento, pois ela também não saía de lá do Praia. Enquanto isso eu e meus irmãos, Magda, Jorge e Tadeu, continuávamos a brincadeira na varanda da frente, onde o tema era descobrir qual a marca, qual a cor e quantas toras de madeira viriam na próxima carreta, que eram dezenas, a apontar na esquina da Reta da Penha, veículos estes, vindos de um desmatamento criminoso que permitiram no norte do estado e que nos deixou um legado de desordem ambiental que lamentamos até os dias de hoje.

Mesmo assim, continua linda a nossa Praia! Passear na lembrança daquele tempo é estar sujeito a dar de cara com Demócrito de Freitas, vulgo Salomé, no dorso de um cavalo selvagem e galopando em puro pelo, com seu amigo Ricardo, sobre as areias brancas do aterro que deu origem à Avenida Beira-mar, ou encontrar com a figura fantasmante de Pedro Daniel e seu bigode amarelo num ponto de bonde, ou até mesmo se perguntar curioso: quais seriam os segredos inconfessáveis de Zé do Coco?

## Modéstia à parte, eu morei na Rua Madeira de Freitas!

*Claudio Abreu*

De 1960 a 1972, quando tinha de 10 a 23 anos, morei na Rua Madeira de Freitas, no então bairro Praia Comprida, que atualmente faz parte da Praia do Canto. Ela tem somente dois quarteirões, ficando entre a Reta da Penha e o morro do Cruzeiro, tendo como ruas transversais a José Teixeira, a Eugênio Neto e a Agrimensor Adolfo Oliveira.

Por ser pequena, a rua deve ter influenciado na aproximação dos seus moradores, aos quais se juntaram os das ruas vizinhas. Como são muitas, cito apenas as pessoas com quem tive maior convivência, pedindo desculpas pelas possíveis omissões. Começo pelos casais: Bolívar e Anna Graça Abreu (meus pais), Anacleto e Natalice Vieira Gomes, Gloves e Amair Vervloet, Murilo e Alcina Marques, Neném e Euthália Araújo, Ivan e Jacy Medeiros, Senithes e Amélia Moraes, Giacomo e Luciana Sandri, Antônio e Ormandina Chaves, Alfredo e Neide Mazzeli, Carlos e Christina Calmon, Luiz e Virgínia Cinelli, Colmar e Lelita Coutinho, Aluizio e Arlete Cypreste e Firmino e Antenisca.

Entre crianças e adolescentes, dois a três anos de diferença na idade alteram muito sua convivência social. Na nossa rua citarei três grupos: aqueles um pouco mais velhos do que eu, os da minha idade e os mais novos. No primeiro grupo destaco meus irmãos

Afonso e Álvaro, Renato Sandri, o saudoso Luiz Fernando Vieira Gomes (Mococa), Murilo Marques Filho (falecido), Sérgio Perim (Piluta), Gê Santos, os irmãos Djalma e Douglas Façanha e Paulo Bley. Da minha idade, cito só os mais próximos: César Ronaldo Vieira Gomes (Cereba), Alcides Vianna de Moraes (Cidinho), João Luiz Sandri, Antônio Freire de Almeida Paiva (Taca) e Fábio Lúcio Romanelli Medeiros (Fabinho, falecido em novembro de 2018) e eu – Claudio Braga de Abreu e Silva; fomos das mesmas turmas do Colégio Salesiano, do 1º ano do ginásio até o 2º ano do científico. Do pessoal um pouco mais novo cito Anacleto José Vieira Gomes, os irmãos Olímpio e José Geraldo Vianna de Moraes, os irmãos Ricardo, Danilo e Duda Coutinho (este já falecido), Luiz Augusto Cinelli, Clóvis Vervloet, os irmãos Carlos Alberto e Dadau Cipreste, os irmãos Antônio e Fábio Benezath Chaves e Pedro Façanha. Havia também os grupos das meninas: minha irmã Beatriz e Analice Vieira Gomes eram as mais velhas; Heleniza Vieira Gomes, Danuza Romanelli Medeiros (falecida), Ângela Cinelli, Moema Araújo e Rosinha, as intermediárias; e minha irmã Ana Maria, Patrícia Vervloet, Anamélia Moraes, Carla Calmon, Neidinha Mazzeli, Ângela Coutinho, Tereza Benezath Chaves e Leticia Vervloet, as mais jovens.

Todo ano havia festa junina na Rua Madeira de Freitas, com direito a barraquinhas, fogueira, balões e bombinhas. Seu grande mentor era o Seu Anacleto Vieira Gomes. Os moradores faziam as comidinhas e bebidinhas numa grande confraternização. Isto fortalecia a aproximação.

No início dos anos 60 nossa rua não era pavimentada, o que favorecia nela jogar futebol, o que nunca foi o meu forte. Outra coisa que me vem à memória eram as valas abertas que existiam em ruas próximas por serem cheias de peixinhos coloridos que faziam a festa da garotada.

Naquele tempo a gente não tinha a consciência da importância do meio ambiente. Confesso que cometi um pecado ambiental: quando tinha uns 14 anos, eu e meu saudoso primo postigo Carlos Eduardo Carvalho Alves (Dado) colocamos fogo

Mariza Neves Guimarães (org.)

no capim-angola no alto do Cruzeiro e depois descemos correndo, antes que o fogo se propagasse até a casa dos Frossard, que ficava ao pé do morro e hoje virou o prédio do 244 Club. Vieram bombeiros para apagar o incêndio que nós, irresponsavelmente, provocamos e depois ficamos na moita.



Da esquerda pra a direita: Teresa Benezath Chaves, Angela Coutinho, Anamélia Vianna Moraes, uma prima de Carla, Alcides Vianna de Moraes, Carla Calmon e Ana Maria Braga de Abreu. A Rua Madeira de Freitas aparece no lado esquerdo da foto, terminando ao fundo no Morro do Cruzeiro. Acervo Alcides Vianna de Moraes.

Uma diversão nossa era pendurar no fio elétrico dos bondes os chamados berimbaus, que a gente fazia amarrando duas pedras com um pedaço de barbante de um metro. A gente os jogava no fio do bonde, fazendo com que suas pedras ficassem suspensas e, quando o bonde passava, cortava o barbante e a pedras caíam no seu teto, fazendo um bom barulho. A gente ficava escondido para ver o lance, que achávamos o máximo.



Da esquerda para a direita, no alto: João Luiz Sandri, Ricardo Coutinho e Armando Oliveira Santos. No meio: Jorge Viana Lessa, Marcos Vinícius Cinelli (falecido), os irmãos César Ronaldo e Luiz Fernando Vieira Gomes (falecido), Fábio Lúcio Medeiros (falecido) e Gê Santos. Em baixo: Claudio Abreu e os irmãos Alcides e Olímpio Vianna de Moraes. Foto tirada na Praia de Camburi no início dos anos 1970. Acervo Alcides Vianna de Moraes.

Tínhamos o Grupo de Escoteiros do Mar Almirante Tamandaré, com o chefe Xisto. O pessoal da minha idade, exceto Taca, formava a Patrulha do Golfinho, junto com Luís Augusto Pontes e Heitor Façanha Filho. Por sermos escoteiros do mar pudemos ser reservistas da Marinha.

Um bom programa era subir o Morro do Cruzeiro para soltar raias, que a gente mesmo fazia com papel de seda, flecha e barbante. Geralmente tinham formato de estrela de seis pontas, de quase um metro de altura e um rabo imenso. A vista lá em cima era ampla e maravilhosa.

Um evento inesquecível ocorreu em 1966, quando Cereba, Mococa e eu usamos 96 folhas de papel de seda, verdes e amarelas, para fazer um enorme balão, de uns 4 metros de altura e mais de 2 metros de diâmetro, para ajudarmos na torcida pelo Brasil na Copa do Mundo. Foi complicado soltar o gigante: encostamos

uma escada num poste que havia no meio da rua para que alguém, mais ou menos na mesma altura da lâmpada do poste, segurasse o topo do balão. A operação acabou não dando certo: estava ventando um pouco e o balão, ao ser enchido de ar quente, quis subir logo e precisou ser segurado para completar seu enchimento. Daí a sua boca, que não foi reforçada adequadamente, rasgou um pouco, deixando a bucha meio inclinada. Mesmo assim o balão subiu rapidamente até uns 50 metros de altura, quando se incendiou. Sua bucha, por sorte, caiu num terreno baldio. Mas o pior estava por vir: o Brasil saiu já nas oitavas de final, perdendo para a equipe de Portugal, comandada por Eusébio.

Não posso deixar de falar sobre os cachorros e gatos. Naquele tempo, os animais de estimação viviam soltos. Era a maior aventura, para nós, andarmos a pé ou de bicicleta pelas ruas da atual Praia do Canto, principalmente à noite, pois a cachorrada vinha latindo, querendo morder a gente. Quando a pé, o jeito era arrastar a mão no chão, fingindo pegar uma pedra, e partir gritando pra cima do cachorro, que sempre recuava, com medo de levar uma pedrada. Esse artifício nunca me falhou. Vale contar a história de Faruk, o cachorro dos Ananias, que moravam na Eugênio Neto. Certa vez, Renan Fontes vinha passando com sua poderosa motocicleta e Faruk partiu para cima dele, latindo. Renan fez uma maldade: passou bem perto do poste que havia no cruzamento da Madeira de Freitas com a Eugênio Neto. Faruk, como sempre, foi latindo ao lado da motocicleta e acabou batendo no poste.

Falo agora sobre meus gatos, ambos vira-latas: Gurubel (preto e branco) e Jango (cinza e branco). O segundo era mudo e complexado. Já o primeiro era do mundo, uma grande figura. Toda noite ia à luta, em busca do amor e da aventura... No dia seguinte, todo arranhado e cansado, dormia o dia inteiro – muitas vezes de barriga pra cima, o folgado. À noite, quando eu voltava para casa, ele largava tudo e vinha comigo para ganhar um pedaço de carne. Ele andava ao meu lado na rua, que nem um cachorro, tal quando eu ia no bar do Seu Henrique, que ficava

*Praia do canto*

na Eugênio Neto ao lado da igreja Santa Rita. Seu Henrique não aceitava dinheiro em notas velhas de jeito algum. Um certo dia Gurubel sumiu e nunca mais voltou.

Nós, cachoeirenses, temos uma frase bem famosa: Modéstia à parte, eu sou de Cachoeiro de Itapemirim! Parafraseando, eu diria: Modéstia à parte, eu morei na Rua Madeira de Freitas!

## Carmélia e eu

*Cláudio Tovar*

– Maria Sapeba, a maré enche ou vaza?

Essa foi a pergunta que Nossa Senhora fez ao peixe que nadava numa ondinha, bem perto da praia.

– Maria Sapeba, a maré enche ou vaza?

Respondeu o peixe, com a cara toda torta, arremedando Nossa Senhora.

Todos os outros peixes, indignados, responderam:

– Ohhhh!

Foi então que a santinha, muito triste com o Maria Sapeba, pisou na cara dele. Então, ele se transformou no peixe mais feio do mundo, achatado, com um olho grande e o outro pequeno, sempre se arrastando no fundo do mar, com vergonha de ser tão horroroso, se escondendo de todo mundo. Ruim demais de se ver, mas bom demais de se comer...

Carmélia ria da própria história, enquanto acabava de comer o último pedacinho do linguado que o Pedrinho havia assado na brasa, especialmente para ela, naquela madrugada do réveillon de 1963. Estávamos os dois no Iate Clube, sentados na varanda, quase manhã. Não tinha quase ninguém ali, porque a última briga havia conseguido estragar a festa de quem queria ficar até o almoço.

Fiquei com a poeta, eu gostava muito dela! Aquela gordinha, mau humorada que, de repente, nos surpreendia com uma piada engraçadíssima ou uma história sem pé nem cabeça, como essa: “História de Maria Sapeba ou como esse filho da puta de peixe conseguiu ficar horroroso porque sacaneou Nossa Senhora”, como ela acabara de intitular, às gargalhadas. Depois, deu um gole no uísque e colocou os óculos escuros, visto que o dia já vinha despontando e ninguém podia ver suas olheiras, fruto da noite mal dormida.

Foi aí que decretou:

– Neste ano quero que todos os dias sejam quinta-feira!

Entendi: é que às quintas-feiras à noite, a gente se reunia no Iate Clube, pois era dia de galeto do Pedrinho, e os amigos se viam, dançavam, namoravam e se amavam, trocando beijos cheios de tesão, escondidos nos carros.

Carmélia era a sensibilidade à flor da pele, poesia pura que rondava a sua cabeça de cabelos espichados para trás, sem nenhuma vaidade, relógio no pulso, sempre de jeans e camisas de homem. Carmélia era masculina? Não, não era.

Era assim, dessa forma, que aquela flor delicada se defendia e que se mostrava, mas desabrochava quando escrevia com toda a sua sensibilidade, inteligência e espírito crítico. Mas só quando escrevia...

Em tais momentos, abandonava o escudo – a sua arma poderosa com que se tentava blindar – e se deixava levar por devaneios românticos, saudade de alguma coisa que ninguém sabia o que era, em versos e mais versos para Vitória, a ilha que tanto admirava, valorizava e enaltecia, enviando beijos, carinhos, declarações de amor a todos os que amava. Delirava! Assim, nós seus amigos, entendíamos melhor quem era, realmente, a mulher incrível que se chamava Carmélia Maria de Souza.

Naquele mesmo réveillon de 1963 eu disse:

– Neste ano eu vou embora! Vou para o mundo!

Ela respondeu:

– E eu vou morrer...

Assim foi dito, e assim aconteceu. Andei por outros países, conheci outras pessoas, outros poetas, outros artistas. Ir embora é bom porque sempre tem a saudade e aquele abraço apertado na volta. Quando retornei, perguntei aos amigos:

– Onde está Carmélia?

E eles me responderam:

– Ela se foi para sempre, não volta mais.

Fiquei muito triste!

Outro dia contei a história de Maria Sapeba para o meu neto que fazia pirraça para comer. Ele adorou e riu muito! Carmélia voltou inteira na minha cabeça e no meu coração, cheia de poesia, amor, muita fossa, porres homéricos de uísque, ternura e eu me preenchi de saudade! Voltei no tempo, voltei à minha juventude cheia de “twist” e amigos na Praia do Canto. Andei pelos meus antigos caminhos de adolescente, lembrei-me de histórias, amigos, amores, lugares: a praia, minha casa, o Praia Tênis, o Iate Clube.

Finalmente, retornei àquele réveillon de 1963, quando Carmélia e eu dissemos adeus um para o outro. Ela não sabe – ou talvez saiba, sim – mas quando me recordo, sei que estamos sempre no galeto do Iate, eternizados numa quinta-feira que nunca vai acabar. Vou me lembrar dela sempre assim, com uma gargalhada louca seguida de um sonoro palavrão!

Carmélia, minha poeta, um grande beijo para você! Ainda tenho gravado na retina e na alma o inesquecível momento, na manhã daquele novo ano que chegava, em que você olhou o mar, se espreguiçou mais uma vez, recebeu os primeiros raios de sol de 1963 e, fechando os olhos, falou:

– Ah! Essa ilha é uma delícia!

E adormeceu...



## Amigos da Praia do Canto

*Deomar Bittencourt*

Meus caros amigos da Praia do Canto, tentarei mais uma vez lembrar de nossas andanças pelo bairro nos idos da adolescência quando tudo de bom se iniciava e conseguíamos viver em grande estilo naquela época. Lembro-me nos meus 12 anos, quando estávamos, meu irmão e eu, voltando da Praia do Barracão e, ao passarmos em frente ao trampolim da Praia Comprida, dia em que a maré estava cheia e o vento sul estava a toda e, dentro d'água, o José Augusto Santos Neves estava numa boia a uns 30 metros da areia, quando a mesma virou. Não tive dúvidas, me joguei n'água e tentei salvá-lo. Ele era mais novo e estava afundando, e cheguei a ele sem noção desse tipo de salvamento, quando ele me agarrou e fomos os dois para o fundo. Sorte que eu estava calmo e descansado, pois encontrei o fundo e, segurando-o, me impulsionei para o alto. Consegui me desvencilhar dele e depois, pegando-o pelas costas, chegamos à areia. Percebendo que o perigo tinha passado e ele estava a salvo, nadei atrás da boia, que já havia se afastado e logo depois voltei, deitado nela e curtindo o momento.

Já a caminho de casa, depois desse episódio, comentei brincando com o meu irmão que iriam publicar no jornal. Mas, logo ao chegar em casa, minha tia Luthy telefonou e perguntou se eu tinha salvado alguém. Como ela poderia estar sabendo se morava em Jucutuquara? Então ela disse que havia lido a reportagem no jornal *A Gazeta* sobre o acontecido e que o meu nome constava

como o salvador. Naquela época aquele jornal saía às 12 horas. Um jornalista presente assistiu tudo e colocou como título “O pequeno herói”. Fiquei todo orgulhoso, mas levei um “brigueiro” do meu pai, alegando que o que havia feito era muito perigoso e que só um adulto e mais experiente poderia se aventurar e que eu, na verdade, correria risco de vida.

Mas o impulso do momento é próprio da minha vida, inclusive em outras situações parecidas, que vivenciei ao longo da minha existência. Fora essa situação problemática, nosso convívio com os colegas praianos foi realmente maravilhoso. Fizemos até um clube, o “Blue Star”, em que os jovens praianos da época se juntavam em suas próprias casas e realizavam o tal do arrasta-pé. Só entrava quem tinha a carteirinha. De alguns membros ainda me recordo como Ângela Martins, Maria Guilhermina, Gilson “Turco” Mansur, Sérgio, Sérvulo e Sílvio Vidal, Luiz Cláudio Tamanini, Gladys Bitran e muitos outros, que, se fosse citar todos seriam pelo menos mais de trinta membros. Era a época do rock-and-roll e do twist, o auge de Elvis Presley, Paul Anka, Pat Boone, Chubby Checker, Billy Fury e Johnny Rivers, os mais tocados. Ah! Bons tempos!

Lembro-me, ainda, de quando voltávamos de nossos arrastapés pelas ruas com pouca iluminação e, principalmente, da Moacir Avidos, onde era o Colégio Sacré-Coeur, quando nos assustávamos com as mangas caindo nas folhas secas e, então, saíamos em disparada achando que era algum fantasma ou assombração. Ótimos e inesquecíveis tempos que não voltam mais, mas que fizeram toda a diferença em nossas vidas.

## Um bonde com destino à saudade

*Evandro Neves Guimarães (Bujão)*

Se fossemos hoje denominar esta região, certamente a chamaríamos de “as Praias do Canto”, visto que, se para a administração pública era fácil delimitar o local, para os praianos não havia – e nem há – uma barreira que a defina. E nada mais adequado para demonstrar essa teoria do que um bucólico passeio de bonde.

Ao embarque, pois, começando pela Praia do Suá! Curioso nome. Dizem alguns que um francês, antigo morador do local, cumprimentava a todos com “bon soir” e, assim, começou a ser Praia do Bom Suar e depois simplesmente Suá; já outros alegam que o nome proveio da grande distância entre o centro da cidade e o então aglomerado de famílias de pescadores imigrantes da cidade de Póvoa de Varzim, que formaram a vila, originando o bairro, e que na falta de transportes era percorrida a pé com esforço e muito suor. Mas na verdade o que unia a Praia do Canto e essa era o Restaurante São Pedro, fundado por seu Hercílio, um mineiro, pai do querido Hercilinho, famoso pelo internacional Pirão, hoje estabelecido no coração do Triângulo das Bermudas. A festa de São Pedro, na rua da igreja e na rua das peixarias, era aguardada o ano inteiro pelos moradores de todas essas praias.

Prosseguindo o passeio, passamos no ponto onde, futuramente, se instalou a inesquecível Kiskina, para logo fazer a curva até a Rua Ulisses Sarmiento, onde morava a menina que Tony Tornado quase

matou numa derrapada na BR-3, quando do Festival de Verão de Três Praias em 1971. Seguindo pelos trilhos, surge o eterno Praia Tênis Clube, que certamente será mote de relatos mais específicos por parte dos cronistas deste livro. Uma forte referência é a Praça do Cauê, onde se situava o antigo clube da Vale do Rio Doce, um moderno projeto arquitetônico que, tristemente, jaz entregue a um antigo colégio estadual, que é também utilizado em dia de eleições.

E segue o bonde, sacolejando pra lá e pra cá, passa o campinho de futebol de areia e quase não dá para ver a casa de Zé do Coco, seguindo direto e firme até a atual Avenida Desembargador Santos Neves, onde havia o pronto-socorro do dr. Paulo Oliveira Santos, mas isso era lá no cruzamento com a Reta da Penha, e o bonde já se aproxima do mar, em frente ao morro da Western. Chegando à Praia do Barracão, vale a pena puxar a cordinha para o motorneiro dar uma paradinha, onde descemos pelo estribo de madeira a fim de nos refrescarmos com picolés de araquá, amendoim ou coco da carrocinha do Sorvete Polar ou adoçar a boca com um pirulito espetado numa tábua cheia de furinhos, ou talvez comer uma pele de porco bem torrada acondicionada em sacos transparentes. Na maré cheia, os meninos usando calções *double face* sobre suportes anatômicos Big, saltavam do paredão em frente à Rua José Teixeira, observados atentamente por meninas que se bronzeavam nas areias, de biquínis de bolinhas amarelinhas ou não, usando bronzeador Tan Tom ou Rayito de Sol, e mascando chicletes Ping Pong.

Não percamos o bonde que sobe a Rua José Teixeira para cruzar a Avenida Desembargador Santos Neves em um ponto histórico. Estamos próximo à Escola Sophia Müller que, junto à Escola Angela de Brienza, eram ícones da educação particular nas Praias do Canto. No trecho da rua em frente à escola de dona Sofia, acontecia anualmente a festa de Santa Rita, com direito a bandeirinhas, fogueira, barraquinhas, quadrilhas, fogos e tudo mais. À esquerda do cruzamento estava a mercearia do Seu Pedro Daniel, que tinha de um tudo, desde inesquecíveis guloseimas da Garoto, balas de mel, os ratinhos de chocolate recheados, torrone, Frutine, barrinha Leite Suíço, Amendoim Royal, Guaraná Coroa, Crush,

Grapette, Mineirinho e, ainda, bombinhas, estalinhos, cereais a granel, querosene, lampião, bomba de Flit, cera Parquetina, brilhantina Glostora. E, além dessas variedades, destacava-se a figura do Seu Pedro Daniel, com seus bigodes amarelados pelo fumo do cigarro, sempre no canto da boca, o que não impedia o seu largo e permanente sorriso.



O estabelecimento comercial do Seu Pedro Daniel. Acervo Luiz Bittencourt Daniel.

Na Aleixo Neto os trilhos equilibram o bonde em frente ao Clube Centenário, que resistiu até pouco tempo atrás e era alternativa aos finais de noite de jovens e não tão jovens da época, frequentado, também, pelas empregadas domésticas que trabalhavam por perto. E, rodando nos trilhos, passa a Rua Moacir Avidos, que não é lugar de parada, e logo estamos no Ponto Bar, onde corria solto o jogo do bicho e uma sinuquinha, que concorria com a venda do Seu Marçal. No lado oposto, finalmente o bonde chegava ao seu ponto final, em frente ao Lídio Alves, na esquina da Rua Chapot Prévot com Aleixo Neto. Na esquina oposta, o armazém do Zacarias, concorrente do Pedro Daniel, tanto em variedade de estoque quanto em simpatia.

Os trilhos ainda se prolongam até mais à frente, fazendo uma meia pera para manobras, mas ainda estamos no bonde quando o condutor vira os encostos e faz o trajeto inverso. E atravessamos, assim, quase todas as praias, que se entrelaçam desde a Praia do Suá até a Ponte de Camburi, proporcionando o convívio entre estes ilhéus privilegiados.

Deve estar pensando o leitor que vamos desembarcar, mas poxa, agora chegamos ao coração das praias e nossa viagem sai do bonde real para embarcarmos na viagem do imaginário nos trilhos das recordações. Chegamos no Triângulo das Bermudas, local de barômetros variados e infidelidades, altímetros vacilantes de discernimento e desnorteamento total da bússola dos compromissos. Logo depois o pensamento nos impulsiona para a portaria do Iate Clube e sobe a ladeira do Colégio Sacré-Coeur de Marie, local de muitas lembranças e boas histórias relatadas pelas suas alunas, com certeza nas crônicas deste mesmo livro.

Descendo os paralelepípedos das lembranças, eis o legítimo canto da praia, lugar que deveria ter sido tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Vitória, em vez de sumariamente aterrado. Ali ficavam ancorados os barcos de pesca dos maratimbas, sendo por justa causa o mais famoso deles o Seu Dondom, que doou as terras onde está situado o Iate Clube, possibilitando o início das atividades de pesca e vela esportiva no local. Continuando pela Avenida Saturnino de Brito, passamos em frente ao murinho da “Galera da Praia do Canto” onde em papos intermináveis os garotos se reúnem colocando as novidades em dia. Logo mais à frente, a casa do Constanteen Helal e logo a seguir, virando o rosto para direita, pode-se ver na Rua Chapot Prévot a Escola de Balé Lenira Borges.

Com a maré alta, e o vento de sudoeste, recebemos borrifos das ondas do mar da Praia Comprida, estourando no paredão de pedra e formando poças que ao secar deixam marcas de sal na calçada, povoada da baratinhas de praia, iscas preferidas dos pescadores com suas linhas enroladas em latas, pescando ao modo “jogada”, sem utilizar varas, em busca de tainhas e pampos. Na bifurcação da Saturnino de Brito com Desembargador Santos Neves, uma nova

parada memorável, pois o local ali é meio transcendental, aliás como tudo nas Praias do Canto. No tempo de minha infância vejo o Bar do Walter e sinto o gosto do sorvete de coco verde, e cheiro das algas marinhas secando na areia.



Antônio (do Miramar) e Acildo pescando no paredão de pedra da orla da Praia do Canto. Acervo Antônio Sérgio Macedo Silva.

Aí me perco na imagem do Miramar, ou Bar do Pedrinho, área lotada nos finais de semana, principalmente à noite, com carros estacionados à beira-mar, o trailer Beliskão, com Eugenio e Vermelhão, recém-chegado de Campos vendendo Galisburguer, Mata Fome e Cachorro Elegante que saciavam a “larica” da molecada. Zé do Coco ainda estava por ali disposto a atender sua fiel clientela... (risadinhas).

E vou descer dos bondes, o de ferro e o da minha saudade, concluindo este relato que brotou espontânea e diretamente do coração. Bondes que lá permanecem, parte de um passado vivíssimo nas lembranças, nos sentimentos e na nostalgia de tudo aquilo que marcou as nossas vidas e que, agora, estão eternizadas neste livro.



## Redes lançadas numa certa Praia do Canto

*Fernando Achiamé*

No princípio era o Nada. Ou seja, no princípio era o verbo mesmo – não dá para pensar o Nada, nem nada, sem usar o simbolismo da linguagem. Sim, do caos veio o cosmo, mas como surgiram as terras da Praia do Canto? Há muito tempo com o recuo do nível do mar. E apareceu uma restinga formada pela areia do antigo fundo marítimo. O oceano não se afastou tanto assim e o extenso areal viu-se cercado por praias, mangues, terrenos baixos que a água salobra invadia de tempos em tempos, por morros de gnaisse erodidos com calma e por uma colina de barro vermelho. Foram necessários milhões de anos para moldar essa rede de formações naturais.

Natureza pouco tocada pela mão deformadora do homem quando Saturnino de Brito, em 1896, concebeu o projeto do Novo Arrabalde. Nele estabeleceram-se as medidas de quadras e as larguras de avenidas, ruas e calçadas com o emprego de múltiplos e submúltiplos de 7, numeral sagrado para a República positivista recém-proclamada. Veículos automotores apenas começavam a existir, mas os logradouros já eram pensados largos o bastante para conferir conforto numa escala humana. E a concepção das avenidas? A Reta da Penha tem esse nome por olhar na direção do símbolo maior da terra do Espírito Santo; a Norte-Sul (atual Leitão da Silva), porque sua direção é essa; a Ocidental (depois Rio Branco) por apontar para a Europa, para a França, de onde veio o positivismo

e a denominação da outra avenida – Ordem e Progresso, agora Desembargador Santos Neves. A partir de certo momento, as ruas locais assumiram nomes de municípios capixabas. E obedecendo a uma ordem de grandeza – as denominações das cidades então maiores batizaram as ruas mais extensas, como a São Mateus, que depois teve o nome trocado para Constante Sodré, por sinal em homenagem a um ilustre mateense. E a Rua Santa Leopoldina virou Aleixo Neto.

O projeto do engenheiro sanitarista Saturnino demorou a ser executado. Bem antes disso já enfeitava a orla marítima o belíssimo colar de praias – a de um certo Bento Ferreira; a do Suá, que talvez traga no nome referência tupi a uma espécie de cervídeo (o suaçu) ou a uma planta que ele gosta de comer (a suaçuá); a de Santa Helena, vizinha a um seminário católico; a Comprida, depois subdividida em Praia do Barracão e Praia do Canto. Às margens de algumas delas, e também na Ilha do Frade, moravam e trabalhavam pescadores profissionais há bastante tempo. A partir do início do século XX, os banhistas de Vitória passaram a frequentar mais amiúde as praias da região. Utilizavam o bonde puxado a burro até a Praia do Suá e, logo em seguida, o bonde elétrico que esticou sua linha para bem mais adiante. A partir dos anos de 1910, essa rede de praias passou a se constituir num rústico balneário, onde os moradores da pequena capital capixaba podiam veranejar o ano inteiro. Salvo se soprasse com força o vento sul...

Local de contrastes, a Praia teve grandes chácaras com muitas mangueiras e poucas mansões de ricos erguidas em terrenos privilegiados nas cercanias do mar. Mas também contou com casebres de pescadores e de gente pobre construídos em locais menos favorecidos ou facilmente inundáveis, que então existiam em Santa Lúcia e na Baixa da Êgua (perto do Morro de Gurigica), e no chamado Buraco Quente ou Sovaco da Perua, situado ao lado do Canal de Camburi. As empregadas dormiam nas casas dos patrões e no bairro havia uma espécie de “delivery primitivo” para determinados artigos, além da oferta doméstica de alguns serviços. Porque às portas das residências chegavam

padeiros, pescadores, verdureiros, limpadores de fossas (não havia esgoto encanado) e vendedores diversos, bombeiros, jardineiros, lavadeiras... A interdependência das famílias ricas e pobres tecia a trama do cotidiano, mas os fios que predominavam na tela praiana são fáceis de deduzir. A partir dos anos 20, a Praia foi ocupado aos poucos por comerciantes, empresários, altos servidores públicos, funcionários de classe média, magistrados, profissionais liberais em geral. Movimento que, também com certo vagar, afastou da região os moradores mais humildes. E, a partir da década de 1940, passaram a residir na região empregados categorizados (médicos, engenheiros, advogados, administradores) da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), alguns deles oriundos do Espírito Santo e muitos outros provenientes do Rio, de Minas e da Bahia – não por acaso, as diretorias da companhia eram ocupadas por poderosos políticos desses estados.

Até certa época as mangueiras, de fato, estavam muito presentes na Praia e ocupavam até os grandes terrenos localizados em direção à Bomba, à velha Ponte da Passagem. Quando chegavam a Vitória os carregamentos de madeiras de lei extraídas da Mata Atlântica, esses espaços serviam de tombadores para os troncos que, à sombra dos copados pés de manga, esperavam sem se queimar o embarque para fora do estado ou para o exterior. A rede praiana de árvores era imensa e variada – flamboyants, acácias, fícus novos e velhos, oitis, gabiobas, paineiras, pomares com tudo que é fruta, tuias, pinheiros. E as velhas castanheiras, na verdade amendoeiras, a sombrearem a nesga de areia e até o mar ao longo da Praia Comprida. A Rua da Árvore (atual Eurico Sales) foi apelidada assim devido a um enorme tronco de eucalipto existente em seu leito. E de repente ficou na moda decorar com cascas de ovos as pontas espinhentas dos agaves nos jardins praianos em que eles cresciam. Nas flores havia o predomínio de rosas, margaridas, gerânios, bicos-de-papagaio e outras mais que não relembro de propósito para as pessoas lerem este texto e pensarem ou comentarem – ele se esqueceu de falar das plantas tais e tais, das samambaias, avencas e orquídeas.

Sei de pessoas que andaram montadas a cavalo pelas ruas descalças da Praia do Canto. As carroças puxadas por burros eram comuns e transportavam de tudo. Cachorros de boas raças, e da melhor de todas – a vira-lata, não precisavam ser conduzidos para passear porque tinham os quintais à disposição; e as ruas também para aqueles sem dono certo. Em determinada época, o pequinês gozava da preferência de muitos moradores; o porquê não sei. A rede de animais e insetos prosseguia com os gatos de casa e da rua – para esses nada era obstáculo em suas andanças e namoros. E essa rede continuava em algumas residências em que existiam criações de gansos, patos, marrecos, galinhas e perus.

Vivia-se numa roça à beira-mar plantada.

As crianças se encantavam com os peixinhos espada e com o lebiste ou barrigudinho, que a gente chamava de alibite, estes com grandes caudas coloridas, ambas espécies colocadas nas valas para devorar as larvas dos muitos mosquitos. E sabíamos dos girinos, sapos, pererecas, baratas, cupins e assemelhados. Havia peixes e crustáceos sem conta nas águas salgadas. E pássaros a perder de vista nas árvores e no céu ou em gaiolas dos aficionados. Mas, atenção, não estou a descrever o Paraíso, muito embora diversas pessoas tenham vivido no bairro os anos mais felizes de suas vidas. Havia também momentos infernais – sendo um deles ao entardecer, quando nuvens de mosquitos baixavam sobre os moradores e os atormentavam bastante. O jeito era se virar com a fumaça da espiral repelente de pernilongos, com as bombas de Flit e os cortinados nas camas.

Um dia, a criançada tinha que estudar. A rede de estabelecimentos de ensino era marcante – Escola Sophia Müller, que levava o nome da notável educadora sua proprietária; Escola Ângela de Brienza, que também educava crianças surdas, algumas vindas de fora do estado; Colégio Sacré-Coeur de Marie, que começou na Rua Moacir Avidos e depois se mudou para a belíssima Barrinha, que no projeto do Saturnino estava reservada para local de passeios dos moradores. E o Grupo Escolar Irmã Maria Horta, inaugurado em princípios da década de 1950 e que também abrigou por certo tempo a Escola de Música do estado. Sem esquecer o Parque Infantil

Maria Queiróz Lindenberg, em cujo ginásio coberto funcionou durante muitos anos a escola de balé de dona Lenira Borges.

Uma hora, os jovens tinham que arranjar amigos na vizinhança – as peladas da turma da Rua Madeira de Freitas e adjacências eram concorridas. E tome de papos com os colegas do Colégio Salesiano, as disputas de pingue-pongue, as brincadeiras e partidas de queimada ou vôlei que aconteciam fora de casa, as festas juninas nas escolas, nos quintais e nas ruas. E nos parquinhos de diversão montados em terrenos baldios anunciava-se a oferta de música de um rapaz humilde para a humilde moça em quem estava interessado. Impermanência das coisas: os pontos de encontro variaram de geração para geração, assim como tudo – os moradores da Praia da década de 1940 não tinham uma existência igual aos dos anos 60, evidente. A primitiva capela dos frades agostinianos ficava no sopé do morro onde depois se edificou o Hospital Infantil. Passado algum tempo, os frades ganharam grande terreno e edificaram a igreja de Santa Rita com tijolos maciços, que precisou ser demolida porque sua estrutura ficara abalada e deu lugar à edificação atual que demorou para ser concluída. Como esquecer as subidas, clandestinas ou com a família, ao Morro do Cruzeiro, as aulas de catecismo, as coroações de Nossa Senhora (as meninas vestidas de anjinhos), e as procissões pelas ruas locais?

E chegava o tempo de namorar – na Praia se concebia com facilidade uma rede bem articulada de festas, encontros, reuniões informais. Muitas casas possuíam pianos e eletrolas, mas bastava um simples toca-discos portátil, um rádio, uma varanda, um cantinho, um banquinho, um violão para os arrasta-pés e as paqueras acontecerem. Associações recreativas eram frequentadas pelos sócios e convidados – o Praia Tênis Clube e suas piscinas, bailes, matinês, festas de aniversário, jogos e as quadras do esporte que lhe deu o nome; o Iate Clube e seus canhões, cheiros fortes de maresia, barquinhos, lanchas, galetos-dançantes, serestas em noites escuras ou claras. O Clube Centenário detinha seguro prestígio pela beleza das negras e morenas que o frequentavam, não interessando se durante o dia fossem empregadas domésticas. De curta existência, o Cauê Clube possuía piscina de água salgada,

amplas suítes, salão de dança etc., tudo de acesso exclusivo para altos funcionários da CVRD e visitantes de uma Vitória que contava com poucos e limitados hotéis. E a batucada Mocidade da Praia? E os bares? O do Seu Pedro Daniel, o do Seu Marçal, o do Zé Pretinho, o do Seu Henrique, o Miramar, o Simbar, a sorveteria de Dona Malvina...

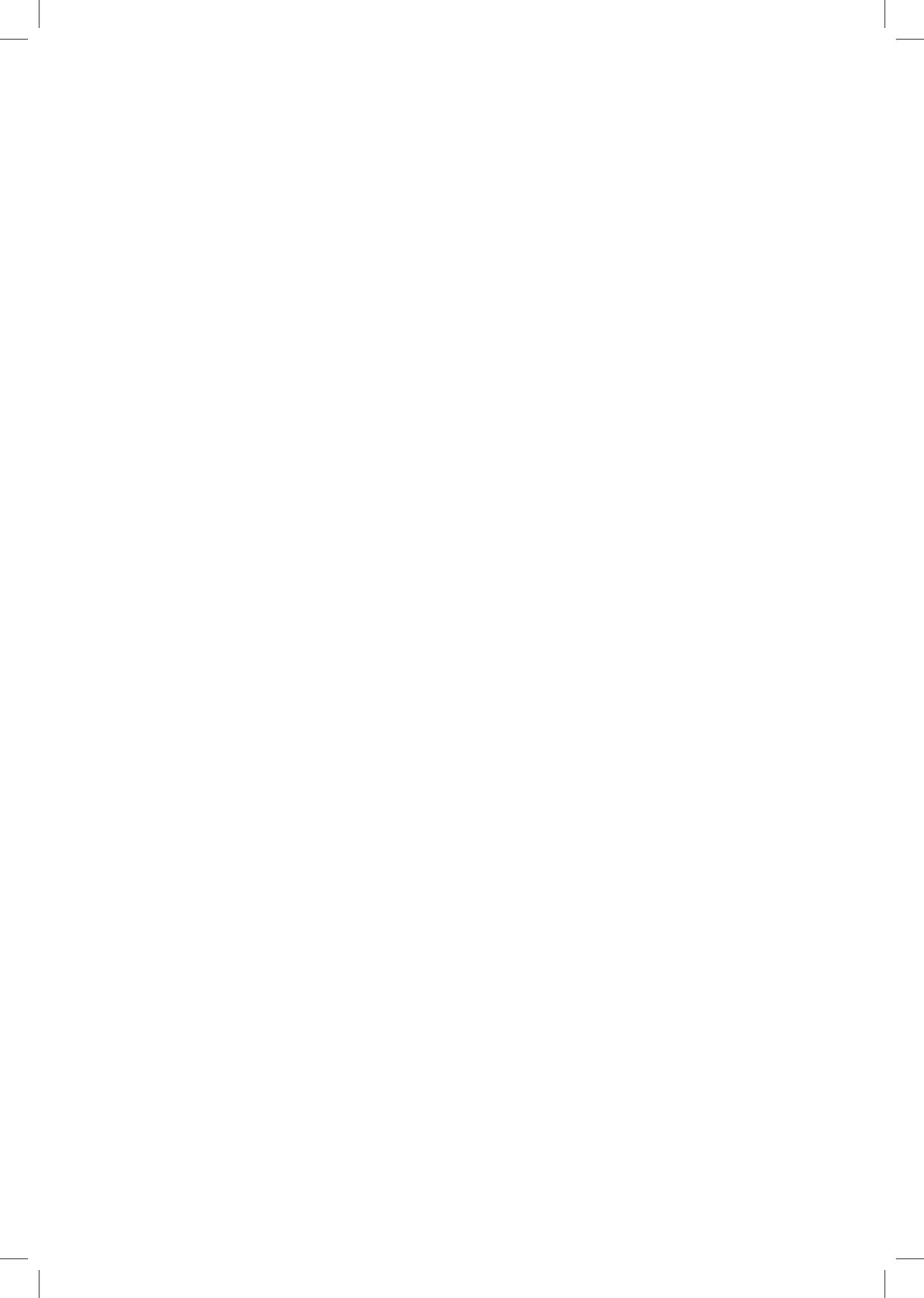
A precária rede de transportes no bairro então distante das lojas e dos serviços existentes no centro da cidade com bondes, lotações e ônibus do Marinho Delmaestro, os poucos coletivos que passavam pela Reta da Penha vindos do aeroporto ou da Serra. Automóveis particulares existiam mas não tão numerosos como agora e, assim, oferecer ou pegar carona (a “ponga”) era costume corriqueiro a envolver vizinhos, conhecidos e até mesmo pessoas desconhecidas. E numa Praia do Canto tranquila e preguiçosa podia-se distinguir o barulho feito pelos aviões a hélice que pousavam em uma Vitória provinciana nos horários conhecidos. Se estivéssemos em casa à espera do voo de alguém da família, após ouvir o ruído característico dava tempo de pegar o carro e, sem trânsito, chegar ao pequeno Aeroporto de Goiabeiras antes que os passageiros tivessem desembarcado...

Decerto haveria muitas outras malhas largas e estreitas para entrelaçar naquele tempo de uma certa Praia do Canto. As redes dos nascimentos: às vezes as crianças eram temporãs, raspas de tacho. As redes das mortes: de idosos e de não tão idosos assim. As redes dos tipos populares: Melo Bico, Zé do Coco, Vavá Três Pulinhos, Boi Berrou, Galo Velho...

É bom que este espaço seja limitado para que a nostalgia, muito grande, fique contida e se chegue a uma síntese evidente: naqueles anos os moradores da Praia pertenciam também a um grupo social maior – a família praiana. E que possuía todos os pontos positivos e negativos das relações estreitas de parentesco. O que restou disso tudo? As lembranças relacionadas aos familiares, amigos, colegas, vizinhos e conhecidos. De propósito os seus nomes não foram mencionados aqui para que não falte ninguém e todos permaneçam vivos e presentes no sentimento amoroso. Do bairro

podemos recordar com nitidez de árvores, ruas, mosquitos, tardes mornas, cada azulejo e taco das casas em que morávamos, do sol claro e forte, de um vento nordeste amigável, mas são as pessoas com quem convivemos que possuem valor real na dimensão do tempo.

E chega de lançar redes sobre um passado que sobrevive em nossa saudade de praianos. Outras Praias do Canto se sucederam e outras ainda surgirão. Igual àquela Praia do Canto, nunca mais. Ela veio do Nada e ao Nada retornou.



# Memórias de um colégio da Praia do Canto: Sacré-Coeur de Marie

*Gracinha Neves*

Reviver um tempo longínquo nos transporta à imagem de uma instituição escolar que se sobressai, altaneira, com reflexo nas brumas do mar e, gradualmente, se transforma em ecos da memória que ressoam no ar pinceladas de saudade. Aos poucos, as pinceladas de saudade se reverberam e a luz crepuscular se manifesta em recordações dos dias felizes, passados no convívio do Colégio Sacré-Coeur de Marie. Eis que ele surge, majestoso, em nossa imagem!

Os anos ficaram no passado, mas, ainda hoje, o chamado “Sagrado Coração de Maria” é um marco importante, uma instituição de grande valor educacional. Eu me sinto sensibilizada e agradecida em poder registrar, neste livro, a memória de um espaço educativo, no qual vivemos um tempo único de muitas emoções. Foram momentos ricos, e abrindo o baú de recordações, descrevemos, aqui, algumas passagens, com o prazer de mostrar como era o Sacré-Coeur de Marie do ontem.

O Colégio, com seu rigor e exigência, formava a base complementar da educação no seio das famílias capixabas. Eu não irei tão longe, mas é preciso lembrar que contribuímos, em muito, para a construção desse educandário, seja organizando festas, vendendo rifas e até solicitando doações de pessoas e empresários capixabas. Eu tive a felicidade de colaborar com a equipe de organização da

festa do cinquentenário do Colégio que foi comemorado em alto estilo com direito a missa, barraquinhas, baile e peça teatral. No encontro, entre abraços, a felicidade de todos e muitas recordações. Sentimos a ausência dos que partiram como passageiros de um novo tempo para alçarem voos céleres rumo aos céus, e encontrarem-se com Deus. Entramos em procissão, a partir da gruta, com Nossa Senhora no andor, velas acesas, e lágrimas escorrendo nos olhares de cada rosto. O tempo se revestia em sonhos! Sonhos acalentados e partilhados com as amigas de uma época de anos inesquecíveis. Revivendo esse tempo, contido em nossa visão, lembranças acesas do passado que vamos retratando nesta crônica.

O sistema de internato, do qual fazíamos parte, tinha peculiaridades únicas, como o tilintar de uma campainha soando em nossos ouvidos avisando que teriam início as orações matinais, obrigações do ofício. Horários eram rigorosamente cumpridos e certos hábitos invioláveis, como o banho, tomado somente de camisolão; já na hora da troca de roupas, uma aluna tinha que ficar de costas para a outra, visto que de frente a exposição dos corpos dava ensejo a pensamentos pecaminosos, o que era proibido!

Nas festas recentes no SCM, não podemos deixar de relembrar os anos dourados daquela época e como eram os bailes no Iate Clube, os lugares de flertes, namoricos e de arrasta-pés, e isso era o máximo! Naquelas festas comemorativas as freiras, alunos, ex-alunos, pais, professores atuais e antigos se misturaram aos sons e ritmos do iê-iê-iê; chachachá; twist e rock revivendo as décadas de 50 e 60, um tempo emocionante.

No Sacré-Coeur de antigamente, internas e semi-internas eram obrigadas a mostrar as cadernetas na chegada e quem as esquecesse ficava sem aulas naquele dia. As filas eram formadas no galpão, e cada turma tinha a sua própria. Alunas alinhadas com respeito e seriedade, bem caladinhas, pois Mère Lacreche, de caderninho em punho, marcava cruces ao lado de cada nome de quem abrisse a boca. O meu nome levava tantas cruces que mais parecia um cemitério.

Quanto aos uniformes, era um para cada estação do ano e mais o de educação física, se exigia um tipo diferente de vestimenta, com detalhes para ocasiões especiais: o de verão, o de inverno, o de gala e o de educação física. E cada qual tinha que ser usado na época que determinava o calendário, ou seja, mesmo no calor o de inverno era obrigatório. O uniforme de gala era pomposo, de tropical inglês azul-marinho, gravata, solidéu e blusa de seda. Outro detalhe importante, tinha que medir quatro dedos abaixo do joelho. Usar batom no colégio? Moça de família? Nem pensar! O emocionante era se maquiar às escondidas na saída, quando os meninos estavam na ladeira à nossa espera.

Nas aulas de canto orfeônico, hinos eram constantemente treinados, notadamente o do colégio, bem difícil de entoar devido aos registros agudos, o que favorecia a desafinação da turma, muitas vezes proposital, uma oportunidade de “implicar” com o maestro Waldir Mattos. Vale destacar que ele era uma exceção como professor – tanto ele quanto o capelão – pois homens não transitavam pelas dependências do colégio a não ser com autorização especial. Ainda em relação a hinos, devido à tradição francesa da instituição, às quartas-feiras eram entoados os hinos do Brasil e o da França, e as orações, muitas vezes, eram também rezadas em francês. Muitas vezes trocávamos as letras, e fazíamos gozação com as freiras – a letra de música então popular adaptada para “ninguém me ama, ninguém me quer, eu vou ser freira do Sacré-Coeur”, bem como outras brincadeiras, sem maldade, apenas engraçadas. Já nas aulas de bordado, cada aluna com a sua cestinha aprendia os pontos de marca, de cruz, paris, corrente e ainda fazia toalhinhas de vagonite, que eram expostas ao final do ano.

Dias tensos eram os da leitura das notas realizados em presenças da Mère Providencial e da Notre Mère. A Mère Regina, diretora, dirigia a sessão solene de forma tranquila e segura. O momento do friozinho na barriga era na hora da entrega das notas, com certificado de quadro de honra, medalhas e prêmios. Os resultados eram lidos em voz alta, as alunas subiam ao palco, o público aplaudia e as famílias ficavam orgulhosas de suas filhas. As

estrelas azuis, verdes e vermelhas representavam primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente, e eram colocadas ao peito de quem as mereciam.

O lema do SCM, além do Tudo a Jesus por Maria, era estudar de verdade para alcançar os louros no final do ano. O que agregava às notas, além dos valores das provas, eram a assiduidade, a disciplina, as contribuições às missões na África e levar mantimentos aos mais necessitados em bairros pobres e morros da cidade de Vitória. O desafio era conquistar honra e mérito com seriedade, responsabilidade, estudo e dedicação.

O ritual das reverências era incrível! Consistia em cumprimentos obrigatórios quando encontrávamos com uma freira: costas eretas, mãos cruzadas e inflexão pelo lado esquerdo, o lado do coração. Eram obrigatórios nos corredores e quando as freiras entravam nas salas de aulas: Bonjour, ou Bonsoir, ma Mère. Importante destacar as aulas de civilidade, o aprendizado dos bons costumes, noções comportamentais e as etiquetas sociais, pois educação e bons modos eram metas imprescindíveis.

Veza por outra havia os retiros espirituais, geralmente em locais diferentes: muitas orações e estudos da vida dos santos, silêncio e leituras; após, escrevíamos o que havia sido absorvido para as notas da matéria de religião. Nessas ocasiões, surgiam brincadeiras e até músicas que eu tocava ao piano e a turma do coral as cantava. Ainda sobre religiosidade, o rosário era rezado todos os dias, antes do recreio, com todos os seus “mistérios”, o que considerávamos uma espécie de tortura! Não faltavam embolações, pois quanto mais rápido respondíamos as ave-marias, mais cedo descíamos para o pátio.

O mais curioso, para nós, era descobrir o verdadeiro nome das freiras, e, para isso, fazíamos sindicâncias para desvendar os mistérios que as envolviam, mas de algumas freiras descobrimos: Mère Agnes era Alice, Mère Santa Face era Nice, Mère São Tomás era Beatriz... Outra proeza era entrar na clausura, lugar essencialmente interditado, mas que enchia as nossas cabeças de fantasias...E ainda

tentávamos saber qual seria a cor dos cabelos das religiosas, já que os véus os escondiam.



Alunos e freiras em procissão transportando a imagem de Nossa Senhora para a gruta. Colégio Sacré-Coeur de Marie em final de obra. Década de 1950. Acervo Colégio Sagrado Coração de Maria.

Fizemos parte da diretoria do Grêmio Littero Esportivo Padre Gaillac e ainda me lembro do discurso de posse de nossa chapa: “A nossa diretoria, sabemos bem, que será constituída de meninas boas, inteligentes e amigas, nós, alunas do SCM, que vivemos num ambiente santo, orientadas por essas abnegadas religiosas, temos consciência das responsabilidades que nos pesam”. Relembrar o tempo passado, vivido no seio de nossas famílias, num bairro humano e agradável como a Praia do Canto é reviver histórias de vida com emoção. Nós éramos em muitas irmãs no Colégio, ao todo onze filhos, e nossos genitores privilegiavam a boa educação. No dia da festa dos pais ou das mães percorríamos a entrada da capela em grande escala, motivo de orgulho para eles.

Silencia o tempo e a imagem do crepúsculo dilui-se aos poucos em marcas de que traduzem uma grande saudade... O nosso recolhimento transcende a atmosfera do adeus, e o nosso sentimento perpetua a memória, e que expressamos em poucas palavras: OBRIGADA, COLÉGIO SACRÉ-COEUR DE MARIE!



## Nascido na Praia do Canto

*Italo Baldi*

Mais de cinco décadas nos separam dos relatos abaixo, onde tudo parecia mais simples e calmo: o saudoso e épico bonde, usado por quase todos nós, não era só um meio de transporte, mas também um ponto de encontro ambulante, onde todos se conheciam e sentiam prazer sem quaisquer reclamações pelos solavancos e atrasos. O principal local de reunião da turma era na esquina da Saturnino de Brito com a Celso Calmon, no muro da casa do Sr. Betinho Madeira e nesse ponto estratégico esperávamos a passagem do ônibus do Sacré-Coeur, apelidado carinhosamente por nós de “galinheiro”.

O integrantes oficiais dessa turma eram Delfim e Demerval “Gordo” Nunes, Lelo, Ricardo “Goiaba” Tommasi, José Geraldo Dutra, Keka Ottoni, Peroal, Mário “Cação” Almeida, Newton “Buldogue” Menezes, Wilson e Sérgio Larica Bonfim, Marcos “Chatão” Espíndula, Renato Tarado Vieira, Franco Brezaolla, Carlos Sá Pinto, Guaracy Assis, Jorge Aarão, Joaquim Côrtes, Antônio Luiz “Pininho” Palhano, Paulo Helal, os irmãos Rogério, Ronaldo e Roberto “Pé de Pato” Vivacqua, José Emílio Bumachar, Nelson “Pitirica” Magalhães, Joel da Escóssia, Orlando “Ferro-Velho” Ferrari, Aquiles Furno, Monclair Fairik, Antônio “Taca” Freire de Almeida Paiva, Durvalzinho Nogueira, Marcelinho Barreto, Marcos Vinícius Viana, que namorava Bernadete Larica, Serginho Egito, que namorava Conceição Dutra e Fernando

Camargo. Ainda havia os não moradores da Praia do Canto e os que lá iam ocasionalmente.

Os encontros nesse ponto eram diários e de lá íamos ao Britz Bar, Simbar e as festas em outros bairros, de onde geralmente saíamos em debandada, tocados pela ala masculina regional. Não podemos esquecer das idas a Carapeba, sempre condicionadas ao motorizado da vez e que vale um relato: em uma dessas idas, estávamos na kombi, eu (Camiruxa), Marcos Chatão, Renato Tarado, Lelo, Peroal, Newton “Volemar” (amigo do Rio que só vinha nas férias), Zé Geraldo, Keka e Ricardo Goiaba. Chegando lá, vimos vários senhores de terno, rumando ao empoeirado estacionamento e foi quando Goiaba, um gozador inveterado, sugeriu que nos abaixássemos atrás dos carros e gritou: “Pai, você por aqui?” Lembro da rapidez sincronizada com que o distinto grupo olhou na direção do grito e apertou o passo em retirada. Com isso, ganhamos a noite. Nenhum dos assustados era conhecido.

Nossa turma tinha uma turma irmã, a da padaria do Seu Carlos e de dona Irene, pais de Carlinhos, Joel, Zulma, Zuleika e Zaira, onde, em frente, montava-se uma rede de vôlei, que durou até a Aleixo Netto deixar de ser tranquila. Do outro lado da rede era a casa de Chrisógono Teixeira da Cruz, pai de Tânia, Elvira e Cris. Essa rede recebia integrantes de várias outras turmas da Praia do Canto e depois o ponto de encontro passou a ser no final da Chapot Présvot. Seus principais participantes: Luiz Paulo “Pulú” Brandão, Chico Brandão, Janilson e Neném Reis, Rogério Aguiar, Cadeado, Edício, Roberto, Lurdinha e Andrea Rezende, Renato Machado, Sérgio Lamego, Roberto Costa, Orlando e Pedro Busatto, Guti Bruzzi, Marinho Arnal, Vera e Greppe, Paulo e Rita Pinto, dentre outros. O mais importante é que desse convívio surgiram vários casamentos: Chico Brandão e Lurdinha, Pulú e Zuleika, Janilson e Zaira, Pedro Busatto e Vera, esses últimos ainda juntos até hoje.

Sem mais espaço oficial para outros ótimos relatos, destaco dois vizinhos/moradores hilários. O dr. Demócrito Freitas, que morava em frente à minha casa, na Moacir Avidos, 515, onde vivi minha vida inteira, chegava toda tarde com sua simpatia,

invariavelmente “pra lá de Marraquexe”, e abria o portão com o carro, e, não raramente, permanecia dormindo lá, sinal que seu carro vinha guiado pelo seu anjo da guarda. Ao lado também morava o Seu Horácio de Carvalho e dona Célia, pais de Maria Eugênia, Fátima e Zé Horácio. Esse último, outra figura carismática, costumava dizer que seu escritório era no Miramar, onde ia todos os dias e de lá chegava na sua jardineira Chevrolet amarela, que também seria capaz de voltar sozinha, caso fosse deixada para trás. Ainda moraram lá o Seu Antônio Buaiz e dona Dáurea, pais de Rita de Cássia, Toninho e Beth, últimos habitantes da casa que teve os mais diferentes moradores na rua, o que tornou aquele endereço palco de animados fins de semana.

Sim, nascido e criado na Praia do Canto, lugar de braços amigos e portões sempre abertos para os deliciosos almoços, onde o perfume das moquecas invadia os quintais e as ruas, delicioso convite ao sabor e à mesa. O acompanhamento sempre perfeito das batidas, da cerveja, das caipirinhas e, mais do que tudo isso, dos colegas que faziam da vida uma alegria e de cada momento a razão para sentir uma saudade danada!



## Galera da Ilha

*José Henrique Murad Neffa*

Para entendermos o espírito que norteou e ainda norteia todos os que se consideram integrantes de um grupo de amigos denominado Galera da Ilha, é preciso retornar três décadas no tempo, quando Vitória era uma cidade bem menor e diferente do que é hoje, com muitos habitantes e residências, e onde praticamente todos se conheciam, nem que fosse de vista. Apesar de contar, na época, com diversas turmas como a do Centro, a de Jucutuquara, a de Bento Ferreira, a da Praia da Costa e outras, era na Praia do Canto que todos se cruzavam, nos poucos barzinhos do Triângulo, ou pelas ruas e avenidas do bairro, pelos clubes como o Iate e Praia Tênis e também nas boates adjacentes ou nas praias da Ilha do Frade e do Boi.

As turmas, apesar de terem uma certa rivalidade até certo ponto normal entre jovens na flor da idade e com a testosterona lá no alto, conviviam harmoniosamente e sem maiores problemas. Visitantes do interior do Espírito Santo, de outros estados e até de outros países eram bem acolhidos e recebidos por todos, integrando-se rapidamente à comunidade da Praia.

Então, num remoto final de ano, no início da década de 90, uma galera me pediu para fazer um almoço de confraternização no Alice Hotel, propriedade da nossa família, no centro de Vitória, para umas 20 pessoas. Decidi, então, chamar minha turma pessoal de amigos, que foi chamando outras mais... No primeiro ano fizemos

com cerca de 60 pessoas. Uma mistura bem heterogênea de atletas, empresários, vagabundos de praia, boêmios, doidões e outros tipos folclóricos. Para contrabalançar aquela juventude nervosa, alguns adultos de mais idade participavam, destacando entre eles meu saudoso tio Milton Murad, advogado de ponta e ex-presidente da OAB, que logo virou o patrono da turma. Também Antônio Canuto, outro saudoso, ex-policial federal, marcava presença e impunha uma certa ordem à turma.

Desse primeiro almoço se seguiram muitos outros, sempre no Alice. Era difícil segurar o ímpeto dessa moçada que na época ainda aprontava demais.

Cansado de todo ano organizar um evento que já tinha crescido para 200 pessoas e tinha patrocinador, premiação, garçons, som e um bocado de malucos, decidi que era hora de mudarmos de local para deixar todos mais livres e soltos. Dividi então com Fabinho Carvalho (Buldogue) a organização do encontro que, de um buffet de almoço, passou a ser um churrasco de final de tarde, inicialmente na Ilha do Boi, na Alameda Jaime Alemão, local conhecido também como praia da Direita. Bons churrascos foram feitos ali com a Galera bem mais à vontade que num hotel no centro da cidade.

Posteriormente, já com Fabinho sozinho na organização, o evento foi para o Fogão de Lenha, casa de festas que marcou época na Praia do Canto, e por alguns anos foi feito por lá. A galera já estava mais amadurecida e bem mais comportada, não lembrando em nada aquela turma aprontadora e sem limites.

Do Fogão de Lenha o encontro passou a ser no pátio do Iate Clube, onde permanece até hoje, sempre muito concorrido e com muita alegria e memórias boas.

Tendo passados quase três décadas do encontro inicial no Alice Hotel, começamos todos a ver outro significado naquele encontro anual, que nunca deixou de ser realizado ao longo de tanto tempo. Agora já são bem mais fortes as lembranças do passado, de uma juventude rebelde e louca, dos amigos que partiram e já não

estão mais entre nós, de uma Praia do Canto de outros tempos sem celular, sem muita violência e onde todos eram conhecidos. Os jovens de outrora se tornaram senhores na aparência, porém ainda adolescentes de cabeça. Continuamos mantendo nossas raízes e nossas tradições, coisa que se traduz num orgulho especial para todos.



Galera da Ilha na Praça Getúlio Vargas, centro de Vitória. Acervo José Henrique Neffa.

Há os que aparecem ocasionalmente um ano ou outro, há aqueles que são o alicerce de nossas reuniões anuais e dentre todos não poderia deixar de citar nominalmente: Eu, José Henrique Neffa (Tubarão), Fábio Carvalho (Buldogue), Antonio Augusto Machado (Gutinho), Rui Belotti, Fábio Fregonassi (Bambam), Robson Destefani, Pedro Lopes Azevedo (Penca), Marco Aurélio Paes (Goné), Sérgio Abaurre, Ricardo Conde (Kalango), Rominho Dias, Vilmar Barroso, Renatinho Barroso, José Elias Bachour, Ricardo Barroso, Alexandre Menezes (Ali Babá), Antônio Carlos Amâncio, Gelmirez dos Santos, Roberto Silva Silva, Ricardo Guimarães (Guigui), Marcelo Guimarães, Paulo Fábio Bumachar, Abner Garcia, Evandro Daher, Flaubert Fregonassi, José de Holanda (Baianinho), Hegner (Gambá), Luís Carlos Haddad (Almanara), João Carlos

Siqueira (Johny Boy), Hugo Caiado, Fábio Borgo, Odilon Viana Filho, Beto Marques, Victor Larica, João Ricardo (Cadinho) e Beбето Sampaio, Maurinho Murad, Fred (Mocinha), Robinho Vivaldi, Paulo Tasso (Maguila), Cicinho Varejão, Durval Licério (Boinha), Guigo Varejão, Ricardo Chamoun, Victor Santos Neves, Chico Bonacossa, Arnaldo Petinari Bastos, Marco Antônio Rocha (Macaco), Marquinhos Murad, Omar Mattar, Kiko Paiva, Paulinho Pacheco, Fernandinho Giestas, Ricardo Bonacossa, Fabinho Ferrari (Fefeu) e alguns outros mais que a memória não captou.

Não podemos deixar de lembrar também dos saudosos Milton Murad, Antônio Canuto, Paulo Bonfim (Paulo Play), Toninho Gorza e Beбето Abaurre.

Tenho muito orgulho dessa Galera da Ilha! No final do ano estaremos novamente juntos!

## Equilíbrio e lembranças da Praia do Canto

*Judith Ottoni*

Aquela era a vida pacata de um bairro pacato, por onde eu andava tranquilamente, a pé ou de bicicleta, sem me preocupar se era dia ou noite. Saía do grupo escolar após as aulas para ver as alunas de balé da Lenira Borges, escondida é claro, pois só se poderia ver as meninas dançando uma vez por mês ou quando havia apresentação para os pais.

Certo dia, esperei o final das aulas e, apreensiva, perguntei:

– A senhora dá bolsa de estudo para quem tem jeito para balé? Curiosa com a pergunta daquela menina de nove anos, vestida de uniforme do grupo escolar Irmã Maria Horta, Lenira respondeu:

– Quem é que tem jeito?

Com o nariz arrebitado e o olhar decidido, respondi:

– Eu! E sei fazer tudo o que suas alunas fazem.

Começamos, assim, uma história de amor eterno a três: Lenira, o balé e eu. Ali, nas pontas dos pés, aprendi que o equilíbrio está nas suas próprias pernas, uma lição que uso até hoje. O balé e a vida são assim, à medida que você se empenha e limpa os movimentos, melhor e mais bonita fica. O balé Lenira Borges se apresentou e encantou todo o nosso estado e outros também. Fazíamos parte da semana cultural de São Mateus: assim que chegávamos, movimentávamos a cidade dia e noite.

Para a reinauguração do Teatro Carlos Gomes foram meses de ensaios contando com os sábados e domingos, o que desagradava os namoradinhos das bailarinas. Brillamos! Com coreografias criativas entre o clássico e o moderno, fomos aplaudidas em pé por vários minutos. Dancei na primeira fila em algumas coreografias e solista em várias outras, entrava e sai do palco tantas vezes e com trajas diferentes que nem sempre ficavam completos. Motivo esse, que virou uma rotina ouvir os gritos de Lenira vindos da coxia:

– Judith, conferiu tudo? Não se esqueça das calcinhas!

Faz-nos rir até hoje...

O bairro gostoso, com o mar batendo no muro da Saturnino de Brito com pouca areia, mas dava para se catar budigão. E a Praia do Barracão? Ah! Aquele pequeno pedaço de praia onde tudo acontecia: o som seco das batidas do frescobol combinava com o sorriso largo e o micro biquini de Rosalba e a sunga de croché de Nena.

Era uma delícia viver aqui porque tínhamos amigos, e quantos amigos! Família de nove irmãos, quatro meninas e cinco meninos. Meus irmãos lindos, muito cavalheiros e ótimos dançarinos. Lembro como se fosse hoje a minha mãe ensinando na sala de casa os meninos a valsarem ao som de *Danúbio Azul*. Fazia parte da sua educação, na certeza de que assim os tornaria especiais, respeitadores e apreciadores do sexo oposto, o que ela chamava de sexo forte, assim com ela era. O meu irmão Keka foi o recordista nos convites para dançar valsas de 15 anos e, assim, participávamos de todos os melhores eventos, pois se um era convidado íamos todos!

Adolescentes saudáveis, às vezes nem tanto, mas dispostos a aproveitar a vida com a expectativa de que, juntos, a diversão era garantida. A volta dos Jogos da Primavera do Praia Tênis Clube era outra imagem, barulhenta e inesquecível. Trocávamos todas as latas de lixo. Não me perguntem por que isso era tão divertido.



A bailarina Judith Ottoni retratada em ação. Acervo Judith Ottoni.

Assisti a todas as mudanças: o aterro, a demolição de casas, a construção de prédios... mas, para mim, nada foi tão devastador quanto a vinda das empresas de exportação de minério e de derivados. Primeiro, a chegada maciça dos funcionários vindos de outros estados e países e depois a poluição, que só fez aumentar até hoje.

Existe um pensamento contraditório entre quem fornece emprego e quem movimenta a economia e a preservação da qualidade de vida, não mais em nosso bairro, mas em nossa ilha. O lixo das latas que trocávamos se espalha agora pelas calçadas e pelas praias, andar de bicicleta exige cuidado em relação ao trânsito intenso. O equilíbrio virou ecológico e se perdeu, mas aprendi que o verdadeiro equilíbrio está aqui, assim, em cima dos nossos pés e que a nossa força está em juntarmos pés e mãos e lutar para preservar a beleza de nossas praias e de nossa ilha. Será que vamos nos contentar com lembranças de um passado e esquecer que ainda temos um futuro?

## Santa Helena

### A Praia que deixou de ser, mas continua sendo

*Luiz Alberto Varejão,  
com a colaboração de Dilson Antônio Varejão*

Chegamos ao bairro em 1959 e fomos morar numa casa ampla, com jardim na frente e quintal nos fundos, onde havia várias árvores frutíferas como cajazeiro, goiabeira, abacateiro e mangueira, todos com deliciosos frutos, dependendo da estação. Mas nem por isso deixávamos de apreciar o quintal do vizinho, o Seu João, que habitava num terreno bem maior e era mais conhecido na área por “Tijolão”, apelido ganho pela cabeça totalmente desprovida de cabelo. Brilhava tanto que parecia encerada! Bravo e dedicado à defesa de seus valiosos frutos, quando enfurecido lembrava um pitbull. Tinha uma filha linda chamada Andréa, que a turma vivia apreciando por cima dos muros e por detrás das árvores. Pouco mais velha, namorava um cara chamado Diaz, que tinha uma moto das grandes e usava blusão de couro. Além disso era boa pinta, o danado, e ainda parecia um daqueles atores de filmes italianos que Rocco e seus irmãos representava muito bem. Morríamos de inveja da figura! Chegava com a moto roncando, buzinava e a garota aparecia no portão e ali ficavam namorando. E nós, de longe, olhando e imaginando o que acontecia. Um sofrimento...

Morávamos à Rua Ulisses Sarmiento, ao pé do morro São José. O bonde, de tantas recordações, passava encostado ao portão de nossa casa. A rua era sem calçamento, estreita e separada da Avenida Cesar Hilal – naquela ocasião apenas uma rua de acesso – por uma área de mato, encharcada em alguns pontos, onde brincávamos com diversos divertimentos comuns na ocasião. Com destaque para o Demócrito, muito magro e ágil, já despontando como um dos precursores da condição gay declarada, totalmente assumida e sem qualquer frescura, da mesma forma que seu irmão mais novo, Luizinho, condição que depois ganhou corpo no país e no mundo.

Terminavam os anos dourados e se iniciavam os anos rebeldes. Nesse período surgiram os Beatles, os Rolling Stones e teve o início a Bossa Nova. Por falar nesse movimento musical, algumas de suas mais importantes figuras, como Roberto Menescal, Maysa Matarazzo, Ronaldo Bôscoli e outros residiram durante um tempo no bairro, ocupando uma casa que ficava bem próxima à praia. Frequentavam o Praia Tênis Clube, onde aprontaram muitas, segundo relatos de quem acompanhou a passagem do grupo pela cidade.

A Praia de Santa Helena ocupava uma pequena área começando no Morro da Western e terminando no Morro São José, conhecido também por Morro da Garrafa, exatamente onde hoje funciona o pedágio da terceira ponte e parte de seus acessos. Era pouco frequentada, porque a atração maior era exercida pela Praia do Barracão, que ficava ao lado e era o local preferido dos grupos que curtiam um banho de mar.

Embora pequeno, o bairro tinha grande poder de sedução sobre os bairros vizinhos, graças à existência de algumas famílias festeiras e uma pelada que se realizava todo final de tarde num areal localizado onde funciona atualmente a Praça do Cauê. Havia também uma república nas proximidades, onde residiam vários rapazes vindos de outros estados e municípios do interior para estudar na cidade. Ali era o point onde nos reuníamos para comentar os lances do jogo recém-encerrado, como também dos campeonatos capixaba e carioca.



Em primeiro plano a Rua Ulisses Sarmiento, e ao fundo a Avenida Cesar Hilal. Acervo Dilson Antônio Varejão.

Dentre outros assuntos sempre abordados nessas ocasiões, ganhava destaque as paqueras das festinhas de 15 anos, que eram muito comuns na época e das outras que frequentemente aconteciam no Praia Tênis Clube, quase sempre embaladas pelas eletrolas mágicas de Jairo Maia e, algumas vezes, por grupos musicais locais onde despontavam talentos como Chico Lessa, Afonso Abreu, Mario Rui, Grijó e outros. E como tinha menina bonita no pedaço! Estímulo principal para as frequentes invasões de “estrangeiros” vindos de outros bairros, o que nos desagradava e às vezes gerava pequenos conflitos, geralmente encerrados por interferência do Nogueirinha e de Ignácio Pessoa, sempre atentos ao que rolava no clube.

O rock bombava, puxado pelo talento do inesquecível Elvis Presley e, na Praia de Santa Helena, nós tínhamos um grupo que apreciava o gênero como poucos. Era a fase das calças Lee, que muitos procuravam com grande empenho junto aos marinheiros que chegavam ao porto de Vitória. As mais gastas eram mais valorizadas. Com sorte conseguiam também o blusão, fazendo o conjunto; aí então era a glória. Quase diariamente, aos finais

de tarde, o pessoal, devidamente paramentado, se reunia na casa dos Lucarelli para ouvir os discos que possuíam dos roqueiros e também de outros levados pelo Fernando Beresford, que tinha um programa na TV Vitória chamado “Clube dos Brotos”. Essa turma era apelidada de “Turma do Bom Cabelo”, pelo cuidado que lhe dedicavam e também pelos topetes à Elvis Presley que cultivavam, sendo que algumas vezes foram levados pelo Fernando para fazer figuração no seu programa. E lá iam todos no Studebaker rosa de propriedade do Fernando, sem a mínima vontade de exercer a discricção.

O tamanho reduzido não impedia que a Praia de Santa Helena também tivesse seus contrastes: ao mesmo tempo que abrigava dona Carmem Carvalho, professora de português, dona de escola no bairro, e muito respeitada pelos conhecimentos que possuía, também acolhia, com todo o respeito, que era recíproco, a senhora Aurora Rezende, também conhecida como Aurora Gorda, proprietária de casas de meretrício nas “zonas” de Caratoíra e Carapebus, para onde os jovens se deslocavam para descarregar sua libido, já que a liberalidade feminina ainda estava muito longe dos níveis atuais. O bairro era residencial, calmo e todos que lá moravam se conheciam. Parecia uma grande família espalhada num espaço mais amplo. Vez por outra aparecia um carro. O destaque era mesmo para o bonde que, lamentavelmente, saiu dos trilhos. Muito diferente de hoje, quando predomina o movimento de veículos em direção à ponte que dá acesso ao município de Vila Velha, gerando um movimento que não existia e que só cresce. Bem descaracterizado em relação àqueles tempos, a Praia de Santa Helena, mesmo há muito sem praia, sobrevive.

# Pescadores da Praia do Canto

*Manuela Lopes Santos Neves*

*Minha terra tem palmeiras  
onde canta o sabiá  
e também tem muito mar  
onde nada o peroá.*

Eu sou do tempo do pescado fresco chegando cedo à casa da gente, trazido pelos pescadores que ainda viviam na Praia do Canto do tempo da minha infância. Era um tempo em que os pescadores chegavam ofertando dentões, papa-terras, robalos, sardas e linguados recém-pescados. Ali mesmo, nas casas das freguesas, o pescado era escolhido, comprado e limpo. Esse era um tempo que entre o peixe e a mesa do almoço só havia a rede e o pescador.

Os peixes vinham das colônias que ainda havia na Praia do Canto e que garantiam o prato principal de pelo menos três refeições da semana. E eram seguramente frescos, pois que chegavam às nossas casas ainda molhados, trazidos por pescadores como Sizino, que criou fama na Praia do Canto não só pelos peixes frescos. O bar e restaurante que ele abriu mais tarde na Rua Joaquim Lírio foi pioneiro no Triângulo das Bermudas, o quarteirão que desde então se tornou point da balada da cidade com a abertura de dezenas de outros bares e restaurantes. Lembro também de Jarbas, que vinha preto retinto reluzindo de mar e do sol da manhã, carregando o cesto repleto de boas espécies.

## **As colônias da Praia do Canto**

De Jarbas eu lembro bem, talvez por ser o mais frequente lá em casa. Eu achava que ele era pescador da mesma colônia do Sizino, que existe até hoje no final da Joaquim Lírio, pois que Jarbas chegava pelo lado direito da rua em que eu morava no Barro Vermelho (a Desembargador João Manoel de Carvalho) e não pelo lado esquerdo, que dava para o fim da rua e de onde podia se alcançar a Rua da Grécia, a rua de baixo, por uma escadaria. Nessa rua, que ficava então à beira do Canal da Passagem (ou dos braços salgados do Rio Santa Maria que deságuam e contornam a ilha de Vitória), também existia uma colônia que, essa sim, era a colônia de Jarbas, como me assegurou Bianca, minha irmã, a quem consultei para esclarecer fatos e detalhes desse tempo que lembro agora.

A colônia da Joaquim Lírio resiste até hoje, mas a da Rua da Grécia não existe mais, até porque a rua já nem beira mais o mar do Canal da Passagem. Foi separada dele pelas igrejas, lojas, galerias, academias, restaurantes, pela Escola de Atores de Vitória e pelo Centro de Cultura Grega que ali surgiram e muraram a rua cortando seu acesso ao mar. Os pescadores foram embora e a colônia deixou de existir. O único vestígio dela é uma rampa espremida entre muros que antes servia ao embarque ou desembarque dos barcos e traineiras. Hoje é o único acesso ao mar, sem necessidade de se pedir permissão, que sobrou na Rua da Grécia.

## **Siris, berés e o baiacu**

Eu e meus irmãos frequentávamos muito, quase diariamente, aquela colônia. Como ela ficava perto da minha casa – da minha cama podia ouvir o pó pó pó dos motores das traineiras que entravam pelo canal de manhãzinha, trazendo o resultado da pescaria da madrugada –, era comum descermos depois do colégio com nossas varinhas de bambu e um punhado de camarão para pescar siris e uns berés, que também serviram a muitas refeições. Cheguei a ficar amiga dos filhos dos pescadores, pois a colônia

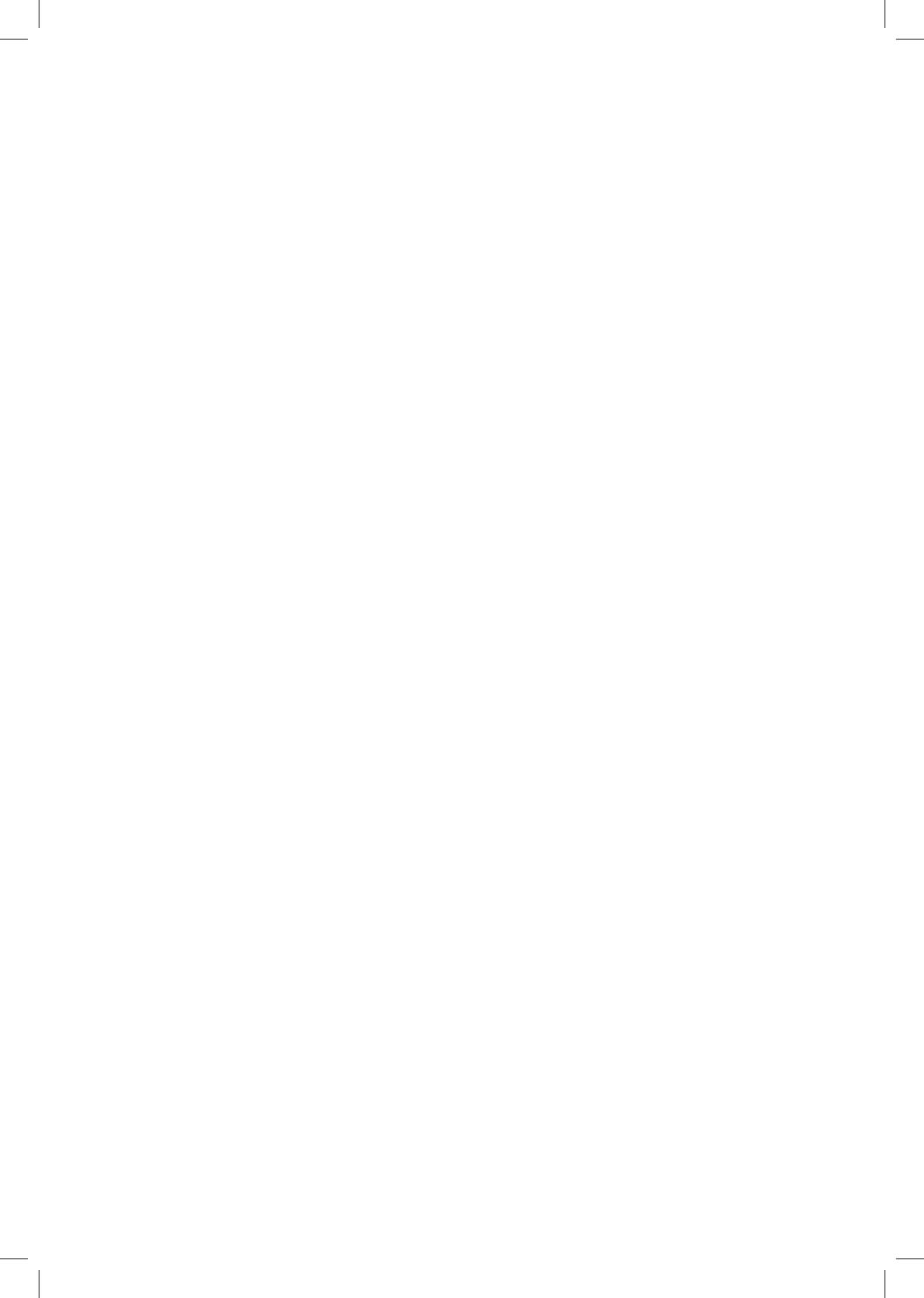
não servia apenas como atracadouro e local de armazenagem, era também endereço e moradia de suas famílias.

Lembro especialmente de um menino chamado Mazinho, que perdeu a falangeta do polegar no dente de um baiacu-arara, quando tentou tirar o anzol da boca do peixe dentuço. Apesar do acidente, ele continuou pescando com a gente e acompanhado seu pai nas pescarias da madrugada em alto-mar até desaparecer junto com a colônia. Não sei para onde foi e nem se continuou pescador.

### O peixe é pro fundo das redes

Além dos pescadores na casa das freguesas, das pescarias na beira do canal, era possível conseguir pescado fresco também nas puxadas de rede na Praia de Camburi. Que delícia que era ver a rede prateada de peixes que se debatiam na areia da praia à vista dos olhos ávidos dos fregueses. Peixe vivo comprado e limpo na hora e direto para a mesa de mais um almoço fresco.

A colônia da Rua da Grécia deixou de existir e as puxadas de redes na Praia de Camburi não acontecem mais. Tanto a rua quanto a praia ficaram por demais urbanas e os pescadores não estão mais lá. O peixe fresco na Praia do Canto ainda pode ser encontrado na colônia da Rua Joaquim Lírio ou pescado em outros pontos do Canal da Passagem, como em Jardim da Penha, o bairro do outro lado do canal que nem sequer existia nessa época que lembrei aqui.



## E a capoeira chegou

*Marcelo Neves Guimarães*

O pano de fundo deste modesto escrito é a Praia do Canto e, com toda certeza, é importante que falemos da origem da capoeira que também fez parte das histórias e da memória da nossa cidade de Vitória. Lembro-me que, a princípio, havia dois núcleos, sendo um no centro da cidade e outro em Jucutuquara, que depois se uniram no Praia Tênis Clube sob a orientação do mestre Diabo “Loro”, como era chamado por todos.

Mestre Diabo “Loro” veio de Salvador para o núcleo de Jucutuquara, mas só tive contato com ele quando foi dar aulas no nosso querido Praia Tênis Clube, mais ou menos entre 1974 e 1975.

Reza a lenda que o Diabo “Loro”, mulato, forte, e de estatura mediana, o tipo chamado “parrudo” na época, usava camisas de gola rolê e que correu para cá fugindo de alguma coisa que aprontara na Bahia. O fato é que, ele mesmo dizia, que “navalha não cortava o fio da seda” e que a camisa servia para protegê-lo de uma possível navalhada. Realmente, diga-se de passagem, ele era um especialista no estilo Capoeira Regional, fato que pudemos comprovar quando um grupo foi a Salvador, pois se constatou que ele era bastante conhecido e excelente na arte que dominava.

Meu convívio foi maior com o grupo do centro da cidade, depois de ter sido convidado para conhecer essa arte marcial,

genuinamente brasileira, por Flávio Pangara, morador do edifício Comodoro, que se situava na orla da Praia do Canto. Certo dia fomos em sua moto, uma Negrine de 50 cc, para a Escola de Samba Chapéu de Lado, que se localizava no final da Rua Graciano Neves, creio que no Morro da Fonte Grande. Lá havia dois professores: Nelcy e Salomão. O primeiro eu vi depois algumas vezes, pois trabalhava na Vale, mas o Salomão nunca mais o vi. E, bem me lembro que, além de Nelcy e Salomão, havia o Índio, da família Calhau. Ali se praticava Capoeira Angola, que é um estilo mais coreografado dessa arte, originariamente praticada pelo famoso Mestre Pastinha de Salvador. Já a outra vertente, a Capoeira Regional, apresenta um estilo mais aproximado de luta mesmo, imortalizado pelo Mestre Bimba, também de Salvador. Naquela época, os seus praticantes usavam uma calça feita de um tecido apelidado de “carne-seca”, sem camisa.

Desse grupo do Praia Tênis Clube se destacaram Binho, Eduardo “Bodão” Santos Coutinho, já falecido, Tadeu Pereira, que chamávamos de Capenga e esse arremedo de escritor que aqui se arvora a tentar colocar em papel a minha experiência nesta prática, impulsionado por esta louca irmã Mariza, que adoro. Recordo-me também de Marcelo Machado, o Moranguinho, filho de Seu Machado e que morava na Pracinha do Cauê, de Parrá, filho de Luiz Paixão e outros, como Walmir Formigão, e como esquecer dele? Tive um afundamento do malar após ser atingido por uma meia-lua aplicado por ele, um tipo de golpe rodado onde o calcanhar atinge o oponente e, acreditem, atinge pra valer! Quem frequentava também esse grupo era o onipresente José Henrique “Tubarão” Murad Neffa, além de Alex Puralho, Zé da Máfia, que era de Jucutuquara e, se não me engano, Gutinho Machado, dentre outros.



Diabo “Loro” e Binho numa exibição de maculelê, no ano de 1974. Acervo Marcelo Neves Guimarães.



Grupo de capoeira em 1974, na Praça Cristóvão Jacques. Da esquerda para a direita, em pé: Amâncio Perereca no pandeiro e vocal; Binho e Luiz Paulo no berimbau; Tubarão Neffa de bermuda; e Rogerinho Capixaba meio escondido. Agachados, prontos para iniciar o jogo: Ary e Fabinho Fefeu. Acervo Marcelo Neves Guimarães.

Quando não chovia, fazíamos nosso treinamento na “bola de cerâmica” que ficava ao lado da piscina no PTC, ou no próprio

salão do clube. Após um tempo o mesmo grupo migrou para o Clube Centenário, que se localizava também na Praia do Canto. Naquela época nós treinávamos intensamente, e os treinos no Centenário se iniciavam às 18 horas mas, antes disso e não muito raramente, íamos lá para a nossa casa localizada à Rua Afonso Cláudio, 76 para treinar, quando pendurávamos um saco de pancada na goiabeira e tome porrada no bicho. E mamãe, coitada, tinha um quarto de costura bem em frente a esta goiabeira e ficava observando tudo. A máquina dela no tic tic tic e nós no pam pam pam. Uma loucura!

Voltando ao Centenário, cujo presidente era Delano e o zelador Pernambuco, apareceram mais pessoas querendo praticar a capoeira, e foi onde apareceu Carlitão Medeiros e, posteriormente, o Rogerinho, que veio a se tornar o Mestre Capixaba, o melhor de todos, sob a batuta de Mestre Camisa do Rio de Janeiro. Não se pode falar de capoeira em Vitória sem citar também o Mestre Luiz Paulo, um abnegado que seguia a orientação de Mestre Peixinho, também do Rio de Janeiro. Não esquecendo também do Mestre Ari, que atualmente ministra aulas nos Estados Unidos.

Depois de um certo tempo, Diabo “Loro” foi embora de Vitória, se não me engano para o Paraná, onde foi assassinado e, eu acredito, em função da bronca que já o havia trazido de Salvador para Vitória. Mas a capoeira não acabou, antes de Diabo “Loro” viajar ele tornou Mestre Binho seu sucessor, um capoeirista muito técnico. Eu diria hoje que o Binho era um artista da capoeira e eu um atleta. Ele era melhor e continuou ministrando aulas no Centenário, onde também apareceram Fabinho Buldogue e Amâncio Perereca, promotor de justiça, que se tornou um compositor de mão-cheia de músicas da arte. Eu segui com ele naquele clube e treinando também futebol de salão no Saldanha, outra paixão que tive.

Em 1980 fui estudar em Governador Valadares, Minas Gerais, e perdi o contato com a capoeira, mas ficou em mim gravada e cravada a paixão por esse esporte, que mistura perfeitamente luta marcial com musicalidade e, quando bem coreografado, é muito prazeroso de se ver e, principalmente, de se praticar. Com o retorno de Rogerinho para Vitória, após longa temporada como discípulo

de Mestre Camisa, criou-se um grupo que se reunia no Helenu's, na academia de dança de dona Lenira e também no Saldanha da Gama.



No Clube Saldanha da Gama, uma linda esquiva de Ary de uma “ponteira” aplicada por Rogério (Mestre Capixaba). Ao fundo, Caio e Fabinho “Bulldog” Carvalho. Acervo Marcelo Neves Guimarães.

São estas as minhas memórias, e peço desculpas se esqueci alguém ou alguma passagem. A memória nos prega peças e muitas vezes, quando menos esperamos, elas vêm e nos surpreendem. Ao escrever esta crônica posso ter deixado de fora gente querida e casos bem significativos. Mas quero ressaltar com muita sinceridade que vivi emoções incríveis e que dentro de mim, no canto da alma onde moram as alegrias e as lembranças, se encontram e se misturam a paixão e a saudade.



## Recordando a nossa Praia do Kanto

*Marcelo Paes Barreto*

A partir da década de 50, minha infância passei morando na Rua Chapot Prévot, 214, na casa da minha família, situada ao lado da residência dos Tommasi, perto da mercearia do Seu Henrique e em frente à residência dos Schwab. E ainda próximo residiam os amigos Guti Bruzzi, Felipe, Fausto, Joel da Escóssia, Camiruxa, Goiaba (falecido precocemente), José Emílio, Rogério 17, Marcos e Bel. Brincávamos na calçada de areia da mercearia todas as tardes, jogando bola de gude, pião e ferrinho. De tempo em tempo o bonde chegava ao ponto final na Rua Aleixo Neto esquina com Chapot Prévot.

Meu pai, a pedido das minhas irmãs Cíntia e Lavínia, adquiriu no Magazine Helal uma incrível e grande novidade: uma vitrola. Aos sábados à tarde, as amigas das minhas irmãs, Terezinha, Angela Tommasi e Patrícia Vivacqua, vibravam ao som do twist. Algumas delas iam dançando à moda Elvis e quase chegavam ao chão. Uma alegria muito familiar. Também tínhamos, nessas tardes, o divertimento do pingue-pongue.

Ao anoitecer todos se dirigiam para suas casas, onde a distração era o rádio e a tv preto e branco, e o jantar preparado pelas dedicadas mães. Vez por outra, por volta das 19 horas, nos dirigíamos para varanda da residência dos Tommasi, onde o Seu João sentava-se com um violão e começava a tocar e cantar; logo, aproximava-se Pedrinho, o carteiro, iniciando uma agradável

*Praia do canto*

seresta. Sempre estávamos ouvindo a boa música o Ricardinho, o Lelo, o Eduardo Dadinho, o José Emílio e eu, até por volta das 9 horas da noite. Tínhamos ali, naquela varanda dos Tommasi, as primeiras boas serestas da Praia do Kanto.



Da esquerda para a direita: Marcelo Paes Barreto, com o Aero Willys do pai, e Ricardo Tommasi (Goiaba) na Rua Chapot Prévot. Acervo Marcelo Paes Barreto.

Aos domingos íamos todos à Praia do Barracão, uns a pé, outros de bicicleta. Havia sempre bons jogadores de frescobol, bons nadadores e boas rodas de bate-papo. O ambiente era muito agradável, familiar, na melhor Praia do Kanto. Volta e meia também chegava no calçadão o Jorge Ramos com sua imponente lambreta.

Por volta do ano de 1965, o nosso amigo Camiruxa recebia permissão de seu pai para dirigir a kombi. E aí, com uma kombi azul e branca, tínhamos condução para toda quinta-feira participarmos do galeto dançante do Iate Clube, onde o cozinheiro Pedrinho preparava o delicioso galeto com arroz à grega. Com aquela kombi íamos para as festas do Clube Vitória, do Praia Tênis e, por que não, para Carapeba. Foram anos muito divertidos, onde estávamos juntos e bem conduzidos pela kombi do Camiruxa!!! Eram integrantes da “equipe de amigos da kombi”: Camiruxa, Ricardo Goiaba, Lelo, Marcelinho, Chatão, Cação, Ari, Wilsinho Larica, se a memória não me falha!

No início dos anos 70 a nossa turma de amigos resolveu registrar a nossa marca e idealizou um adesivo com a palavra “Kanto”! A partir deste fato, passamos a colocá-lo nos nossos automóveis! Escrever Kanto com esta grafia é mais do que uma grafia diferenciada. Representa a Turma do Kanto! Foram momentos lindos!!! Onde chegávamos, ouvíamos alguém falar: A Turma do Kanto chegou!!! E fica para sempre em nossos corações e memória!

Fico muito emocionado ao recordar aqueles velhos e bons tempos, quando a amizade era sincera, as conversas super agradáveis, os divertimentos sadios, muito respeito e alegria, coroados por uma quase perfeita, coerente e responsável harmonia social.



Alcides e seu Fusca com a identidade registrada pelo adesivo "Kanto". Acervo Alcides Vianna de Moraes.

## Relatos saudosos de um ausente

*Marco Aurélio Rocha*

Década de 60, morando ali no Edifício Lilian, eu desde muito cedo era super apaixonado por aviões. Meus olhos e ouvidos estavam sempre voltados para o céu e qualquer aeronave que eu avistava ou ouvia era objeto de muita atenção e vibração. Sempre gostei, e até hoje gosto, de acordar bem cedo. Normalmente saía a caminhar ali pela beira da praia, entrava na água e, muitas vezes, dava uma nadada até o nosso tão famoso trampolim. Naquela hora do dia o que me chamava muito a atenção eram os eventuais brancos rastros de condensação de jatos da aviação internacional, vindos da Europa. Eu os fitava fascinado e me imaginava um dia lá em cima, e sonhava ser aviador, e disso fiz meu plano de vida: voar.

Estudei na Escola Sophia Müller e vivi momentos inesquecíveis. Meus colegas e eu, pré-adolescentes, frequentávamos todos os bairros vizinhos da Praia do Canto, Comprida e Santa Helena. Íamos e voltávamos do Centro, que denominávamos “Cidade”, tanto de bonde quanto de ônibus. Frequentávamos as missas da igreja de Santa Rita de Cássia mais como ponto de encontro e muito pouco para professar a nossa fé, porque também não faltavam as chances de ver e sermos vistos pelas meninas. As praias que mais gostávamos era a Comprida, em frente ao Edifício Moema, ao Simbar e ao bar Miramar, do Seu Walter e Seu Antônio, e a Praia do Barracão, bem mais concorrida. Muitas vezes íamos

para a piscina do Praia Tênis Clube, quando podíamos também jogar basquete, vôlei ou futebol de salão.

Aos poucos surgiram os famosos arrasta-pés, que eram sempre nas casas de um de nós, em varandas ou garagens. Muitas vezes coincidiam com aniversário de alguém da turma, mas a atração maior era dançar ao som do conjunto *The Mamas and the Papas*, *Beatles*, *Creedence Clearwater*, *Rolling Stones* e alguns cantores da Jovem Guarda. O dançar era super “comportado”, na maiorias das vezes com as meninas mantendo a distância de um palmo, apesar do constante e safadinho “chega mais um pouco” dos meninos, sendo que as bebidas eram coca cola, guaraná, Mirinda e Fanta. Os namoricos ali se iniciavam e o máximo era pegar na mão, pois os beijos eram uma etapa bem mais à frente, após muito tempo só pegando nas mãos mesmo.

A orla era pontuada de castanheiras e sempre me perguntei quem teve a brilhante ideia de ali plantá-las, numa sequência regular indo desde o Miramar até bem próximo à ladeira do Sacré-Coeur. Creio até que eram nativas da região servindo de testemunhas mudas a vários inícios ou fim de namoros, e faziam uma boa sombra durante o dia, além de serem convenientes e escuras também à noite, em função da pouca luminosidade do local. Lá continuam até hoje, apesar de envolvidas pelo cimento e pelo asfalto da nova avenida que as ultrapassou e delas tirou o destaque de serem a bucólica orla de nossa praia.

Vale destacar a nossa turma do muro da Betinha, Elizabeth Soares Linhares, que era uma queridíssima amiga, colega de turma na Escola Sophia Müller, acometida de uma paralisia nas pernas desde bebê e que possuía uma personalidade ímpar, funcionando como um magneto, pois atraía os amigos que sempre estavam com ela. Morava em uma bela casa em frente à Praia Comprida, tendo um muro baixo na frente, onde nos reuníamos, e ali ficávamos quase que diariamente, à noite, em longas conversas, ouvindo músicas e vivendo um ambiente dos mais prazerosos. Betinha era incluída por nós em todas as atividades, desde os banhos de mar até as sessões de cinema, quando volta e meia tínhamos que subir com ela e sua

cadeira nos ônibus. Mas tínhamos sempre a paciência e educação dos motoristas. Ela sabia de tudo e todos, e era muito especial, considerada e amada. Nossa querida para sempre, Betinha.



Betinha no aniversário de 15 anos de Alice Linhares. Acervo de Antônio Carlos Sessa.

Em 1965 fui morar na Rua Adolpho de Oliveira, logo abaixo do morro do Guajuru, conhecido como Morro do Cruzeiro, onde fazíamos guerras simuladas, usando “metralhadoras” feitas com cabos de vassouras. Depois, um pouco maiores, íamos com espingardas de ar comprimido, das famosas marcas Rossi e Caramuru, sendo então a “guerra” contra os camaleões. Volta e meia tínhamos que “bater em retirada”, pois os grandes cachorros do Seu Nicolau Von Schilgen, avô da Letícia, ameaçavam subir a parte da pedra que dava para a chácara deles. Certa vez na correria fiquei para trás e até considerei subir na cruz de madeira do topo, mas ainda bem que não foi preciso.

A caça submarina era uma outra atividade que muito me entusiasmava e eu a praticava constantemente. Nela fui iniciado

pelo Seu José Cerqueira, amigo de meu pai Cleber, morador daquela simpática casa ao lado do bar Miramar, pai da Beatriz, que foi a minha primeira namoradinha, colega na turma do muro da Betinha. Ele me deu de presente um par de nadadeiras, máscara e canudo, e fomos em sua baleeira, remando até a Enseada da Castanheira, na Ilha do Frade, onde, numa água limpíssima, aprendi os macetes e técnicas de arpoar algumas das tantas lagostas que naquela época abundavam ali.

Crescemos e nossa turma de “mergulhadores” também. Alguns nomes para não esquecer os colegas de mergulho nas ilhas do Frade, do Boi, Gaetas e Ponta do Sacré-Coeur: Paulo Alves, Fernando Saade, Ronaldo Saade, Roberto Manato, Odilon Sarlo, Pedro Lauro, Heitor Façanha, e alguns outros.

Volta e meia nos reuníamos no Bar Miramar para comer batata frita e tomar “vaca preta”, ouvindo as estórias dos nossos “ídolos” do mergulho: Zé Cerqueira, Jaime Carvalho e o muito famoso Mané Diabo.

Ingressei na FAB em março de 1969 e tive que deixar a minha tão querida Vitória, um jovem adolescente de 14 anos, mas bem determinado a viver a minha vida nos céus. Materializei meu sonho me tornando oficial aviador, piloto de caça da Força Aérea por 12 anos, alcançando o posto de major. Vitória se tornou para mim uma fortíssima lembrança e também saudade e referência afetiva de uma infância muito feliz. Voltava sempre, por breves períodos de um a dois dias quando em rápidas escalas ou pousos técnicos, para visitar meus pais Ivette e Cleber Rocha que permaneceram morando na Rua Adolpho de Oliveira e depois na Ilha do Boi.

Pela posição geográfica de Vitória, eu a sobrevoava constantemente indo ou vindo para o Nordeste ou para a Europa. Olhava sempre pra baixo e de longe a namorava e voltava no tempo. Confesso que muitas vezes mudei a minha rota só para sobrevoá-la e ver a “nossa” ilha. Após 23 anos na FAB, me transféri para a aviação comercial, voando tanto em linhas domésticas quanto em

internacionais. Em 2004 saí do Brasil indo voar na Ásia e depois na Turquia, mas o coração nunca se esqueceu da nossa ilha. Nunca!

No próximo mês de julho, encerro minha carreira de piloto de linha aérea, pois completarei 65 anos. A empresa para qual trabalho, a Turkish Airlines, me deu a opção de escolher a rota para minha despedida e claro que escolhi, sem hesitar, a rota Istambul – Guarulhos – Istambul. Passarei sobre Vitória na ida e na volta, meu último voo como comandante do Boeing 777, deixarei um branco rastro no céu da madrugada, ali pelas 04:30 horas da manhã, seguindo sobre o oceano em direção a Dakar na África. E lá de cima estarei “namorando” a minha querida ilha, em um momento bem único de minha vida e carreira, após voar por 47 anos e 5 meses, por cerca 24.000 horas, mais de 50 anos. Após eu “lá” embaixo ter sido um sonhador guri, que me imaginava um dia estar “lá” em cima.



## O muro da vergonha

*Mario Luiz “Caçõ” Martins de Almeida*

Parece mistério, mas até hoje eu não consigo entender por que a nossa turma da Praia do Canto batizou com esse nome o muro da casa do Seu Betinho, na esquina da Avenida Saturnino de Brito e Rua Celso Calmon. Entretanto, ele tornou-se um de nossos pontos de encontro, lá pelos idos de 1965.



Praia do Canto. Avenida Saturnino de Brito, esquina com a Rua Celso Calmon, à esquerda. Acervo do Foto Clube do Espírito Santo. Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

O local foi estrategicamente escolhido porque podíamos “azarar” as alunas do Colégio Sacré-Coeur de Marie, que passavam (desfilavam?) ali todos os dias, pela manhã, quando da saída das aulas, na volta para suas casas. A paquera era o máximo: fingiam não “dar bola” para nós, rapazes, e sabíamos que não era verdade... Como elas andavam em grupos, quando passavam em nossa frente assobiávamos, juntos, para acompanhar a marcha. Às vezes alguma delas se atrapalhava com o ritmo e, até, tropeçava...

Também naquele local nos reuníamos nas manhãs bem cedo e, já empunhando nossas pranchas, nos fins de semana e feriados para irmos a Camburi surfar. Era onde eu ia com meu jipão Land Rover que na época estava sem o silencioso da descarga e “roncava” alto, avisando que em poucos minutos partiríamos. Se o colega Marcos “Chatão” Espíndula aparecia com a camionete Studebaker do pai dele, íamos mais longe, às vezes Jacaraípe, às vezes Guarapari!

Algumas “presegadas” foram prontadas ali, como não poderia deixar de ser. Numa delas, após a Prefeitura ter efetuado uma poda dos galhos grandes das castanheiras que existiam ao longo do calçadão e os deixado por ali, tivemos uma “brilhante” ideia: colocamos alguns daqueles galhos espalhados ao longo da pista da Avenida Saturnino de Brito e, obviamente, nos escondemos atrás do muro para ver os resultados. Não deu outra: um morador das proximidades vinha com seu carro (se não me engano era um sedan DeSoto, do qual ele tinha mais carinho, cuidado e ciúme do que com qualquer outra coisa...) na direção Centro – Praia do Canto e, sem observar a armadilha que preparamos, literalmente “atropelou” vários galhos que quase causaram um acidente mais grave! Conseguiu parar o carro e desceu dele xingando tudo e todos, e nós, com aquele frio na barriga, ficamos quietinhos até que ele foi embora.

Em outra oportunidade o colega Demerval “Gordo” Nunes apareceu no muro com dois camburões, de 20 litros cada um, cheios de gasolina, que ele havia “pegado emprestado” de alguns veículos estacionados nas ruas. Como Seu Cyro, pai dele, o proibiu de utilizá-los no seu Simca Chambord para dar umas voltas, exigindo que ele desaparecesse com o produto, “Gordo”, então, despejou os 40

litros no bueiro que havia na esquina do muro, acendeu um fósforo e o jogou ali! Não deu outra: o combustível, confinado, explodiu, criando uma labareda e um estrondo gigantesco, levantando inclusive um pedaço de concreto do calçamento do outro lado da rua! Passamos, todos que estavam ali, um susto enorme!

Outro lance que não me esqueço: logo que surgiram as motos japonesas em Vitória, comprei uma Yamaha RD 200 Eletric, em 1972. Cheguei um dia na esquina do muro pilotando-a e, para fazer uma “graça”, resolvi dar uma empinada. Evandro “Bujão” Guimarães subiu na garupa, eu dei duas aceleradas e arranquei... Aí o acelerador travou, a moto empinou, deu dois quiques no asfalto quente e “PLOFT”! Fomos eu, “Bujão” e a moto pro chão! Resultados: joelhos e cotovelos ralados, guidom entortado e espelho retrovisor quebrado... E a lição: empinar? Jamais, novamente! Acho que “Bujão” concorda comigo...

Mais uma da turma: havia uma obra em algum lugar que não me lembro exatamente onde era e, todas as tardes, passava um caminhão com a caçamba repleta de trabalhadores, provavelmente cansados, retornando para casa ou para o alojamento, após um dia inteiro de labuta. E nós, sentados no muro, gritávamos em coro: “BOIAAAAAAAAAADA!!!!!! Eles ficavam p... da vida e respondiam: “TUA MÃE, FILHOS DA P...”! No dia seguinte e no outro, a mesma coisa! Algumas vezes nós nem gritávamos, mas eles já se ouriçavam quando nos viam e já iam se manifestando: “TUA MÃE, FILHOS DA P...”!!!!

Muitos outros fatos aconteceram ali, daria para escrever um livro só com eles! Porém, aí é outra história...



## Surgem os surfistas

Mario Luiz “Cação” Martins de Almeida

Nossa turma da Praia do Canto começou a tomar gosto pelo surfe por volta de 1966. Alguns de nós assistiram ao documentário *The endless summer* (título no Brasil: “Alegria de verão”) naquele ano, o qual mostra a viagem de dois surfistas pelo mundo, e serviu de inspiração para começarmos a praticá-lo aqui em Vitória. Por meio do filme aprendemos várias termos técnicos usados, como *hang five*, *hang ten*, *drop*, *cutback*...

Naquela época usávamos umas pranchas pequenas de isopor, as “planondas”, mas tínhamos que pegar as ondas vestindo uma camiseta senão nossa barriga ficava totalmente “assada”; ou, então, pintávamos a superfície das pranchas para que não causassem este grande desconforto. Em seguida, começamos a surfar utilizando pranchas de madeira fabricadas no Clube Saldanha da Gama: era uma estrutura coberta com folha de Madeirit bem finas; porém, tinham um defeito, já que as “cavernas” enchiam d’água e as pranchas pesavam muito. Então, criamos um sistema de esgotamento: fizemos uns furos na parte frontal, no fundo delas, que vedávamos com tampinhas de pasta de dentes que são cônicas e, de vez em quando, saíamos da água, sacávamos as tampinhas e esgotávamos a água acumulada... Tampávamos novamente e voltávamos para as ondas!



Da esquerda para a direita: Carlos Evandro Monjardim Motta (Charles), Luiz Paulo “Pulú” Brandão, Carlinhos Drews (Alemão), Rogério Vivacqua Moreira Vieira, Marcos Espíndula (Chatão) e Mario Luiz “Cação” Martins de Almeida.  
Acervo Mario Luiz Martins de Almeida.

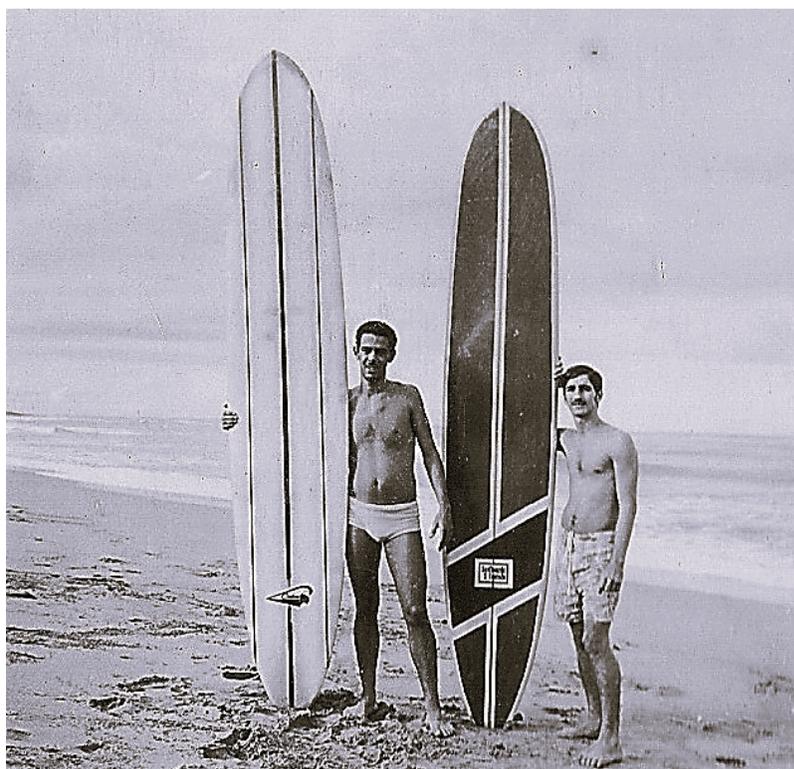


Orlando Ferrari – Ari - Surfando. Acervo Orlando Ferrari.



Wilsinho Larica Bonfim e Mario Luiz M. de Almeida exibindo suas pranchas em Camburi. Acervo Mario Luiz Martins de Almeida.

Uns dois anos depois um irmão de nosso colega Ítalo Baldi, o Nilsinho, trouxe dos EUA uma prancha de fibra de vidro *longboard*, top do top, encomenda do baluarte (!) e precursor do surfe em Vitória, Orlandinho Ferrari, também conhecido como “Ary”. Daí em diante ninguém queria saber de outra coisa: eram muito mais leves, deslizavam muito melhor. Outros colegas também adquiriram pranchas de fibra: Taca, Marcos “Chatão” Espíndula, Demerval “Gordo” Nunes, Paulinho Helal, os irmãos Ronaldo e Rogério Moreira Vieira, Serginho “Kibrita” Larica Bonfim, João Luiz Sandri, os irmãos Francisco e Luiz Paulo “Pulú” Brandão, Paulinho Prado, Jorge Lessa, Carlos “Charles” Evandro, Duarte Henrique (desculpem-me se esqueci de alguém...).



Marcos Brandão e João Luiz Sandri em Camburi na década de 70. Acervo Alcides Vianna de Moraes.

As pranchas do Chatão e a do Gordo eram pesadas pra caramba! Naquela ocasião não havia a ponte de Camburi. Atravessávamos o canal remando as pranchas e as carregávamos a pé até a região da Ilha do Socó, onde as ondas quebravam mais e eram “perfeitas”, permitindo que deslizássemos até a areia! Quando o mar estava de ressaca, aí mesmo é que adorávamos! A volta para casa ficava bem difícil, pois a fome era “negra” e tínhamos que caminhar carregando as pranchas e atravessar o canal novamente. Vez em quando pegávamos uma maré vazante ou enchente e a correnteza no canal nos complicava um pouco mais. No verão, devido ao sol de todos os dias e ao sal da água do mar, ficávamos “louros” sem termos que pintar os cabelos. Alguns anos depois as coisas melhoraram, com a construção da Ponte de Camburi. Seu Rubens, meu pai, comprou uma camionete para ele e me deixou usar o jeep Land Rover que

possuía. Eu, vejamos só, com 16 anos, “motorizado”! Lógico que só dirigia pelas redondezas, já que não tinha carteira de habilitação. Assim, juntávamos dinheiro, abastecíamos o “jipão”, como ele foi apelidado, com um pouco de gasolina, colocávamos as pranchas em sua parte traseira e partíamos para Camburi. Um alívio, principalmente na hora de voltar pra casa e não ter que caminhar aquilo tudo! Havia, também, a camionete Studebaker do Seu Ernani, pai do Chatão, que o deixava usar. Como já era habilitado, íamos nela para outras praias, como Jacaraípe, Barra do Jucu e Guarapari. Com as pranchas e alguns de nós na caçamba, cabelos ao vento...

Não posso deixar de citar o time feminino que também se aventurou conosco pelo surfe: lembro-me da Bernarda Ferrari, da Bernadete Larica Bonfim e da Tânia Noé, que levavam bastante jeito! Além dos ótimos momentos que curtimos juntos deslizando nas ondas, também ocorreram passagens não tão agradáveis (pocas...). Numa delas, Bernarda recebeu uma “pranchada” no rosto e teve um corte no lábio, saindo muito sangue; em outra ocasião Bernadete Larica foi alcançada pela prancha do Taca, atingida na região lateral das vértebras, perdendo o fôlego e dando um susto enorme em todos.

Nessa mesma época, influenciados pela moda no Havaí, da qual tomávamos conhecimento pela revista *Surfer's Magazine*, eu e Orlandinho passamos a produzir camisetas *T-shirts* pintadas à mão com motivos iguais aos que víamos nas revistas: marcas de fabricantes de pranchas e de outros produtos usados nesse esporte. Desenhávamos num papelão, recortávamos com um pedaço de lâmina de barbear e pintávamos as camisetas com estes moldes, utilizando tinta de tecido. E vendíamos tudo! As bermudas, ou melhor, *surf trunks*, eram confeccionadas em casa. As minhas, com uma barra de cor diferente no meio, dona Eugênia, minha mãe, era quem as produzia. E faziam sucesso... Na foto, lá no começo deste texto, estou usando uma delas! Nos anos seguintes as pranchas evoluíram e ficaram menores, mais leves. Passaram a ter duas “quilhas”, e até três! E aí surgiu um aprendiz, o Renato Larica, que muito bem orientado pelo Mestre Orlandinho, além de se tornar

um excelente surfista, passou a fabricar pranchas em fibra de vidro, tornando-se referência nesta atividade! Nessa época, eu já não surfava mais...



Bernadete Larica Bonfim (no meio) e amigas antes de entrar na água para surfar. Acervo de Marcelo Paes Barreto.

Apesar de adorar o mar, fiz outras escolhas e abandonei a carreira, não sei se promissora, mas muito saudável. Não frequentávamos academias de ginástica nem “puxávamos ferro”, mas éramos “sarados”! Rs... Desta turma toda, eu tenho certeza que somente “Ary” continua surfando; os outros, não sei... E ouvi dele o seguinte: – O dia que eu parar é porque morri! Vida longa, Orlandinho, muitas ondas ainda para você surfar!

## Retalhos de memória

*Mariza Neves Guimarães*

A primeira casa em que moramos na Praia do Canto, em 1952, situava-se na Avenida Saturnino de Brito e apresentava em frente a bela paisagem da Ilha do Frade e uma estreita faixa de areia, palco de muita história. A vizinhança era completada pela Chácara Von Schilgen, o bar Michel, a casa de tio Orlando Guimarães, os Baiense Gonçalves (Neuza, Maria Júlia, Maria Francisca, Eliana, Julico, Jorge e Orlando), descendentes dos pioneiros da Ilha do Frade e parentes da querida Sophia Müller. Um pouco mais à frente, José Cerqueira Lima, dona Gerusa e seus filhos Cecílinha, Beatriz e José. Seguindo, o bar do Seu Antônio e o do Seu Walter, o Miramar, do qual existem muitas histórias para contar, os Coimbra, os Linhares, os Chulam, os Lamego, os Nonato, os Medeiros, Santos Neves, Linhares, Calmon, Leal Reis, o Praia Tênis Clube....assim era a nossa Praia do Canto: todos vizinhos e amigos. Posteriormente morei na Avenida Desembargador Santos Neves, em três pontos diferentes e depois na Rua Afonso Claudio, lá no cantão.

Um dia, ao testemunhar dona Clementina Vellozo Santos passar com sua kombi cheia de “fadinhas”, uniformizadas para suas reuniões, resolvemos ser “bandeirantes”. Com reuniões no SESC, depois na Escola Angela de Brienza e sob a orientação da chefe Júlia Cohen, nos organizávamos em 4 ou 5 patrulhas. Daquela denominada “Alamanda” faziam parte: Maira Pessoa, Luiza Leal

Reis, Ana Andreia Neves, Bernarda Ferrari e eu; da “Miosótis”: Bernadete Larica Bonfim, Andrea Valladão Rocha e Conceição Dutra. A memória falha e não me recordo do nome das outras patrulhas e de quais delas faziam parte Luciana Oliveira Santos, Rachel e Ruth Ferreira Bastos, Eduarda Sá Pinto, Nara Teresa Rosetti Rebello, Oswilda, minha irmã Ana Guimarães e muitas outras. Acampávamos em Roças Velhas (Cariacica), acantonávamos em Guarapari e também no sítio onde hoje é a Pedra da Cebola. Aprendemos que “Semper Parata”, o nosso lema, seria estar sempre de *prontidão para ajudar*, e que a gravata deveria ter o nó padronizado, o direito, além de vivenciarmos a importância de sempre fazer uma BA, isto é, uma boa ação!



Nossa Companhia de Bandeirantes. Acampamento na década de 60. Acervo Eduarda Aché.

Com a chegada da adolescência, as brincadeiras de crianças nos quintais davam lugar aos grupos que iam se constituindo, sendo que o oficial funcionava na casa de Geysa Wanderley, irmã de Alice, que moravam na Rua José Teixeira e tinha uma mesa de pingue-pongue, disputadíssima, além de um quintal enorme cheio de árvores frutíferas, que despertava a cobiça. Entrar e “levar” amoras, sapatís, goiabas e outras mais, sem ser visto, fazia parte do nosso aprendizado de estratégia. E invariavelmente, em decorrência das disputas, o clube era “fechado”. Então, migrávamos para o outro

clube, que funcionava na garagem do enorme terreno da casa de Tereza, Paulo e Angela Nicoletti.

Aos domingos, o destino era o cinema, que podia ser o São Luiz ou o Santa Cecília. O sinal dado por Bernarda Ferrari de dentro do ônibus da Viação Marinho, que vinha lá da Avenida Rio Branco, canto da Praia do Canto, era o braço estendido para fora.... Que perigo! Embarcavam no ponto em frente à Maternidade São José, perto do Praia Tênis Clube, Ana Andreia Neves, Luiza Leal Reis, Maira Pessoa e eu. Era toda uma semana de preparação. Até os cabelos, às vezes, eram passados a ferro! Claro, depois de preparado vários dias com Wella Med. E os pensamentos carregados de ansiedade surgiam: quem estará lá? Estará na porta, fingindo não estar esperando? Terá entrado? Veio? Ih! Será que está aqui no São Luiz ou foi para o Santa Cecília? Marcantes os filmes “Candelabro Italiano”, “Sete Noivas para Sete Irmãos”, “A Noviça Rebelde”, “Os Reis do Iê-Iê-Iê”... (isto lá é nome que se dê a uma obra-prima dos nossos ídolos maiores The Beatles?). A temática não era o que mais importava. Em ordem de prioridade estavam os primeiros beijos – roubados ou não – a pipoca, a pastilha forte, os dropes Dulcora e a jujuba, contracenando com desejos nada explícitos, mas ansiosos e sonhados ao longo de toda uma semana. Durante a sessão, trégua de expectativas. Cuidado com o torcicolo! Coração saltando... O filme... que filme? A luz acendendo, iniciávamos preparativos para a saída nos indagando quem realmente estaria naquele local. Estaria sozinho? Com outra menina? E o coração batia forte novamente. Saíamos comentando, não o filme, mas as ausências e presenças com gosto de pimenta! Invariavelmente, estávamos escudadas nos amigos fiéis Antônio Carlos “Dadá” de Medeiros, com seu cabelo jogado no rosto, Antônio Carlos “Boca” Varejão Camargo, Carlos Pandolpho Teixeira Filho, Paulo Sérgio “Paê” Saade, com sua medalhinha centralizada, Paulo Roberto “Boi” Monteiro Esteves, João Carlos Teixeira de Siqueira (uma pausa aqui para reverenciar seus irmãos que partiram muito cedo: Maninho e Polinho), Ronaldo Vivacqua, Roberto Lino de Carvalho (Gato). Bem! Nem sempre eles eram só amigos. E lá podíamos encontrar também Andrea Valladão Rocha,

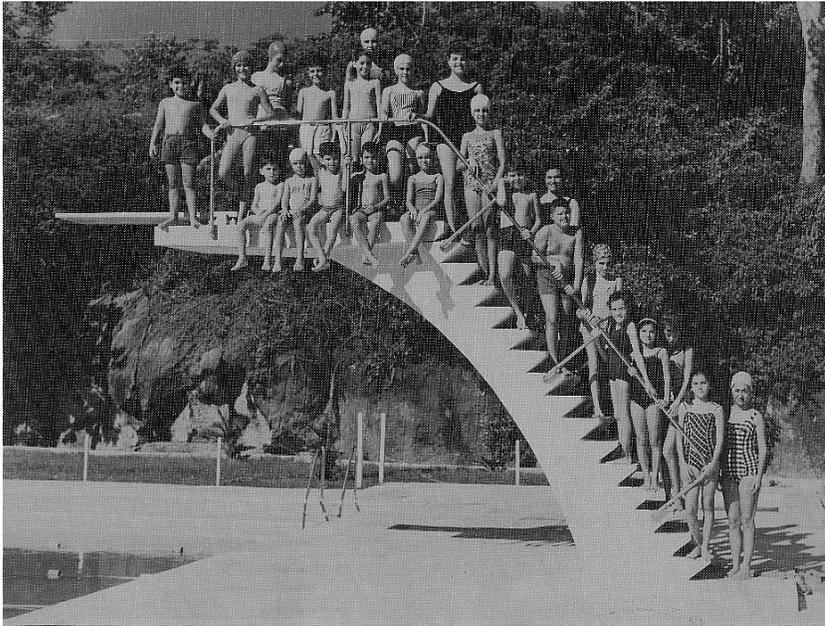
Bernadete Larica Bonfim, Maria Oliveira Neves, Helenisa Vieira Gomes, Thereza Nonato e Moema Calhau, que se dividia entre as amigas da Praia do Canto e da Rua Professor Baltazar.

De volta à Praia do Canto, um outro importante compromisso: a missa das 18 horas na igreja de Santa Rita. Talvez missa não fosse o termo adequado, mas uma referência do local. Espremidas na janela da sacristia, dividíamos a atenção entre o *Oramus Dei* e aquela olhada furtiva, tipo panorâmica, para não perdermos nenhum ato. Afinal, algum olheiro do jornal “O Linguarudo” ou o “H-Zeta” poderia estar registrando algum fato imperdível, relatados por seus editores e colaboradores João Luiz Sandri, Marcus Vinicius Cinelli, Vitor Aguirre Sarlo, Antônio Carlos de Medeiros (Dadá), Paulo Sérgio Saade (Paê) Antônio Rogério Cola (Lelo), e com colaboradores “sombras”, dos quais desconfio ser um deles Paulo Boi. Tempos depois Dadá e Paê se tornaram colunistas sociais de jornais oficiais: que máximo!

Com o coração alentado, iniciávamos a semana em nossos colégios e descobríamos que nem toda a história era contada e a que era contada, nem sempre era a verdadeira. Em outros dias, aulas de inglês na Praia do Canto. Sim, porque o IBEU funcionou na Escola Irmã Maria Horta e nossa professora nesta época era Liney Lucas. Fazíamos o Intermediário e, quando não havia aula de inglês, íamos correndo para casa. Às 19 horas começava a novela *Deusa Vencida* e, em função do racionamento de energia na Praia do Canto, dona Maria Alice Pessoa nos levava no seu Gordini verde musgo para a casa de dona Maria Laura Belesa, no centro da cidade, para não perdermos o capítulo da novela. Lá encontrávamos Madalena, Eliana, Tizinha, Laura, Lulu e João Belesa.

A piscina do Praia Tênis Clube era obrigatória nas férias e finais de semana, se conseguíssemos atravessar aquele ficus cheio de “lacerdinhas”, que ardiam nos olhos, dando-nos a oportunidade de olhar de soslaio para os “meninos”. É claro que Luiza, amiga querida de sempre, e eu, a essa altura, já tínhamos vasculhado a piscina, “xerifando” da varanda dos fundos da sua casa. Vestíamos nossos maiôs confeccionados por dona Vanda ou dona Telma. No primeiro

curso oficial de natação, com a professora Teresa, que viera do Rio, aprendemos a nadar. E nesse cenário crescemos, paqueramos, alguns encontraram os amores de suas vidas, outros trocaram de amores ou os perderam... E também testemunhamos aqueles namoros mornos e também os mais quentes!



Alunos do curso de natação no Praia Tênis Clube, início da década de 60. Acervo Mariza Neves Guimarães.

Produtos diferenciados eram adquiridos com Maria Helena Bonino ou com Ivete Rocha. Perfumadas com *Cabochar* ou *Muguet du Bonheur*, nos finais de semana participávamos dos famosos arrasta-pés na casa de amigos. O som, proveniente das vitrolinhas tipo Sonata, reproduzia melodias, principalmente dos Beatles (jamais Rolling Stones!), de Roberto e Erasmo Carlos, Renato e seus Blue Caps e todos aqueles italianos e franceses que nos faziam sonhar e até dançar de rosto colado. E, facilitados pela ingestão de cuba-libre e leite de onça, flertávamos com uns, nos esquivávamos de outros e voltávamos para casa já pensando no próximo arrasta.



Aniversário de 15 anos. Da esquerda para a direita, em pé: Antônio Carlos “Dadá” de Medeiros, não identificado, Antônio Carlos “Boca” Varejão Camargo, não identificado, Rogério Vivacqua Vieira, Paulo Roberto “Boi” Monteiro Esteves. Sentados: Não identificado, Maria Teresa Mello, Maira Pessoa e Roberto “Gato Seco” Lino de Carvalho. Acervo Maria Teresa Mello.

No verão, migrávamos para Guarapari. Era só alegria e uma grande excitação! E à medida em que crescíamos, mudávamos de point: Praia dos Namorados, pedra do Siribeira, escadaria do Fórum, Bar Azul, show na Choupana e há quem diga que frequentávamos também as boates! Quando findava o verão deixávamos aquele balneário e voltávamos à nossa rotina, iniciando um novo ciclo de crescimento e amadurecimento.

Ao longo desses anos, a ponte de Camburi caiu, nossas praias foram aterradas, Ronira minha amiga-irmã e eu já não divergirmos sobre de quem seria a propriedade do mar aterrado, não vemos mais o coronel Nicanor com seu terno branco sorrindo e nos estalando um beijo, nem dona Sophia com suas ações em prol dos menos favorecidos. Tivemos perdas irreparáveis, mas também alegrias intensas. E aqui estamos nós, em um novo ciclo, seguindo, com retalhos de memória.

## O Sacré-Coeur de Marie da Rua Moacir Avidos

*Marizé Rosetti Rebello*

Todos os sinos do mundo repicaram ao mesmo tempo, inclusive um, especial, que ficava no Colégio Sacré-Coeur de Marie à Rua Moacir Avidos, abrigando cerca de 120 alunas internas, semi-internas ou moradoras das imediações. Não era dia de missa, não era dia de nenhum santo. Os sinos tocavam em regozijo e júbilo ao fim da Segunda Guerra Mundial. Sim, eu estava lá, uma criança que não sabia que viveria tanto e nem que estaria aqui, escrevendo e relembrando uma época distante, diferente e muito significativa do bairro nobre e chique chamado Praia do Canto. E escrevendo sobre a importância que teve aquela instituição para os moradores, até a doação do terreno das novas instalações, no antes denominado Morro da Barrinha e depois Ponta Formosa, à maravilha que é hoje. Até então, o bairro era considerado muito distante, havia poucas casas, muita areia e incontáveis pitangueiras e mangueiras, e eu considero que o Sacré-Coeur, com sua fama e sua sede em Paris, colaborou muito para o crescimento da Praia do Canto em vários sentidos. Era um privilégio de poucas estudar lá.

Na década de 40, a Moacir Avidos era calçada com paralelepípedos apenas entre a Saturnino de Brito até a Joaquim Lírio, o resto era areia e muita areia mesmo! Mas algumas famílias possuíam lindas residências no bairro que, lentamente, iam sendo construídas. Todavia, recordo algumas que já existiam, as casas das

famílias que eu considero “desbravadoras” como Côrtes, Vivacqua, Coimbra, Ayres, Diaz, De Biase, a chácara dos Von Schilgen e a dos Guimarães, e aqui minha memória falha. Os outros moradores eram os pescadores e seus casebres em meio ao areal e mato à vontade; aliás, foram esses donos de pequenos lotes que os venderam para as casas que seriam construídas depois.

Entre a Praia do Canto e a cidade, o bonde fazia o trajeto e nele havia um tipo de reboque, especial para transportar as alunas e as freiras escolhidas para vigiar as meninas entre as idas e vindas. Tal preocupação devia-se ao fato de que alguns rapazes se aproveitavam dos embarques e desembarques das suas namoradinhas e subiam nos estribos querendo conversar, trocar bilhetinhos e enviar recados, o que era proibido. E, quando eles se aproximavam do bonde, eram logo afastados. Zangados, hoje eu diria “revoltados”, um belo dia eles conseguiram desengatar o reboque e o bonde se foi, nos deixando paradas na Praia de Santa Helena, tendo que voltar depois para nos buscar. Desse episódio eu acredito que algumas amigas vão se lembrar até com saudade.

Para estudar naquele colégio, além de muito dinheiro, era preciso pertencer a família tradicionais de fazendeiros, exportadores de café, profissionais de renome e comerciantes. Devo evidenciar que o entrosamento dos pais e mães com as freiras era essencial para quem quisesse fazer parte daquele grupo seletivo. Minha mãe era uma das privilegiadas convidadas a tomar chá com as religiosas e eram ocasiões destinadas a “conversinhas” sobre o que se passava nos lares, e as curiosas irmãs gostavam de ficar inteiradas sobre tudo o que se referisse às famílias das suas alunas. Elas se interessavam muito em saber se os pais se “davam bem”, se “alguém tinha se separado”, se as “finanças estavam se mantendo elevadas” e até se algum bem material tinha sido adquirido pelas mesmas e tal relato eu considero parte importante nesta crônica. Acredito que a minha mãe estava apta a fornecer muitas informações, visto que estava sempre sendo convidada. Fazia parte do contexto, como se diria hoje.

Nós, as alunas, sentimos os horrores da guerra que apesar de distante, atingiu o Brasil e o nosso estado. Passamos muito tempo comendo à base da broa de milho, da polenta, da carne assada dura, do macarrão cheio de carunchos, do leite quase transparente, nas sopas de folhas de mamão, na manteiga racionada, no feijão aguado, nos banhos gelados. Peixe e frango, nada disso era servido, pois a época era de muita economia e racionamentos. É claro que alguns pais levavam alguns alimentos para suas filhas, principalmente leite condensado, goiabada, marmelada, geleias; porém, alguns deles, muitas vezes, desapareciam misteriosamente nas despensas e jamais chegavam à nossa mesa. Léa Siqueira me vem à memória, já que bebia quase uma lata de leite condensado por dia. Na verdade, eu era o que se podia chamar de “boa boca” e achava tudo ótimo. Algumas alunas, como minha irmã, até faziam uma brincadeira de pedir para colocar o feijão num copo, já que mais parecia suco; outras, internas, reclamavam muito e não conseguiam comer quase nada, o que deixava os pais preocupados, e daí o envio de alimentos mais substanciais.

Mas eu digo que apesar de tudo o que se passava no mundo, aquele foi um tempo de ótimas e felizes lembranças e quero destacar alguns nomes e fatos que deixaram suas marcas no colégio da Rua Moacir Avidos. Um deles digno de destaque: todos os anos, uma aluna era eleita rainha do colégio e, para isso, os votos eram vendidos e, num determinado ano, a disputa estava acirrada entre Valéria Rocha e outra, de família menos proeminente. Valéria e Marlene eram irmãs, todavia, por Marlene ser muito linda e Valéria um pouco menos, seus pais acharam por bem que a segunda fosse eleita para que não se sentisse triste e, assim, vários pais, inclusive o meu, compraram muitos votos para a eleição de Valéria. Na véspera da contagem final, seu pai chegou a ir ao colégio com um carro importado e disse que o carro dele ficava lá, de presente para as irmãs, mas que a filha “deveria” ser coroada. E foi, mesmo tendo levado uma queda na véspera e estivesse vermelha, cheia de mercúrio e esparadrapos no rosto. Muito aplaudida, por sinal...

Não posso deixar de citar as minhas colegas, mulheres inteligentes, que faziam discursos, poesias, trocavam bilhetes escondidos, cantavam, tocavam violão e faziam a alegria de outras como eu, pequena e tímida. Destaco as que me vem à lembrança, pessoas espetaculares como Maria José Veloso, (Mimina), Marlene e Valéria Rocha, Lia Lobo, Morena Pretti, Léa Siqueira, Nara Saletto, Maria Clementina Veloso (Memento), Zilá Pretti, Diuzetti Rosetti, Irene Nunes. E as freiras, senhoras cultas, de conhecidas e importantes famílias como Mère Loretto também chamada de Madame Loretto, Mère Marie Eden, Mère Gonzaga, Mère Rosa de Lima, Mère São Thomás, Mère Regina... Havia também uma espécie de casta especial, que eu jamais deixaria de citar, formada pelas “irmãzinhas”, moças simples que usavam roupa e véu azul escuro que jamais virariam freiras por conta da sua pouca instrução e que cuidavam da lavanderia e do restaurante. Cabia a elas comandar as juvenatas, que hoje seriam as faxineiras ou empregadas. Muitos nomes de colegas e freiras eu não consigo mais recordar, perdoem-me, são coisas da idade. Quanto às irmãzinhas e juvenatas, sinceramente, eu acho que nem naquela época eu sabia como se chamavam.

A imagem de Nossa Senhora, que todos os anos era coroada, tinha vindo de Portugal, era linda demais, preciosa, e ficava no altar principal e todos os anos havia a festa da coroação. Numa dessas cerimônias, foram escolhidas para coroar a imagem as alunas Diuzetti Rosetti e uma outra aluna – duas peças fundamentais em matéria de travessuras inimagináveis. E ambas decidiram que fariam do momento algo inesquecível, quando uma fingiria desmaiar e a outra trataria de amparar. Como combinado, Diuzetti fingiu o desmaio, mas como era muito bem nutrida e pesada, seu pé esbarrou na sagrada imagem, que caiu do pedestal ficando o corpo inteiro e a cabeça pulando e rolando ante os olhos apavorados de todas; dias depois, ocorreu o enterro dos restos da santinha, num canto do enorme quintal, em cerimônia triste e sombria. Não é preciso dizer que os pais dessas meninas – Mário Rosetti e Mário Gallerani – tiveram que comprar e mandar buscar outra santa idêntica, em Portugal, o que

custou uma fortuna e grandes aborrecimentos. A única arte que fiz, e lembro, foi quando alugaram um ônibus escolar e Martha Ornelas e eu o roubamos, ela ao volante e eu na embreagem, e demos a volta no quarteirão, aventura que nos valeu um final de semana sem ver os pais.



Alunas do Colégio Sacré-Coeur de Marie, ainda na Rua Moacir Avidos. Acervo Marizé Rosetti Rebello.

Encerro o meu relato com a mais bonita das festas: a maioria das alunas do antigo colégio e eu estávamos presentes à cerimônia, quando foi inaugurada, na Ponta Formosa, a gruta de pedras onde uma santa abençoava a todas nós, construída para marcar o início de uma era que se traduziria, mais tarde, em um grande e novo prédio, que era o sonho mais do que acalentado durante muitos anos por pais, freiras e alunas. Procissão ladeira acima, um policial carregando a santa que ficou na gruta, missa, muitos cânticos, emoção e alegria merecidos. Para a obra foram necessárias doações vultosas de muitas famílias, dinheiro vivo, produto da venda de muitas sacas de café, dos pais comerciantes, além dos montantes arrecadados em festas e comemorações, incessantemente. Aquele novo Sacré-Coeur de Marie seria – e, de fato, foi e continua sendo –

um orgulho para alunos e ex-alunas, destaque e visão obrigatória dos moradores da Praia do Canto, turistas e passantes; sólido, enorme, muito bem conservado e modernizado, uma visão que realmente encanta aos olhos mais exigentes. Eu não tive o privilégio de estudar lá porque acabei o curso antes da sua inauguração, porém me sinto alegre e vaidosa quando digo que o meu bisneto é o primeiro da quarta geração de crianças de uma mesma família, que hoje faz parte do seu quadro de alunos.

## A praia proibida

*Nara Teresa Rosetti Rebello*

Hoje é dia de tocar violão, e o pessoal deve estar esperando. A bicicleta azul, meu xodó, o violão amarrado na garupa e vou pedalando, porque mesmo à noite, não há perigo algum: neste bairro, adolescentes podem fazer serenatas longe de casa e as crianças não temem brincar nas ruas, fazer barquinhos de papel nas poças quando chove e jogar ferrinho em terrenos baldios. É uma delícia! Passo pela casa de Ítalo Baldi, olho para o jardim da morada em frente para ver se dou sorte de dar de cara com Duarte Henrique e “refrescar as vistas” e dou uma paradinha na venda do Seu Marçal, onde compro cigarro mentolado, pergunto que bicho deu – só por curiosidade mesmo – para mostrar que sou “de casa”, já que nem jogo, pego o troco em pastilha forte e pronto. Ah! Eu poderia fazer a curva, rumar de novo até a Moacir Avidos e dar uma espiada na garagem da casa de Mary Delanos, na esperança de que, com sorte, uma camionete azul estará por lá, sendo lavada por Roberto. Mas viro à esquerda e, mesmo sem iluminação, já estou na Joaquim Lírio, e depois a Celso Calmon e logo chego gritando:

– Conceição!

Não, não é a Conceição de Cauby que “todos se lembram muito bem”... É a irmã de Zé Geraldo, gente! E lá vem ela, cabelos na cintura, baixinha, animada com duas primas mineirinhas que vierem passar uns dias por aqui. Já temos praticamente um coral, ora se não! Porque para cantar “Meu limão Meu Limoeiro”, as

músicas do filme “A Noviça Rebelde” e “O Calhambeque” todos se transformam em Jovens Cantores da Praia do Canto. O grupinho feminino chega aos poucos: Bernadete Bonfim, Andrea Valladão, Tania Schmidt, Ana Maria Athayde, Angela Costa, Zita Rosana Gallerani, Andrea Saletto e outras; quase sempre a plateia varia, e é difícil saber quem estará hoje, mas quem chega vai sentando juntinho. Os meninos, alguns que vieram cedo, preferem ficar em pé como Antônio Rogério Cola (Lelo), Wilsinho e Serginho Larica Bomfim, Orlando Ferrari, Carlinhos Dutra, Paulinho Helal... Esses são cadeira cativa e Deus me livre se faltarem, visto que não somos anjos e a paquera existe sim, e, se não existisse, a serenata não teria a menor graça!

Estamos pertinho do mar e das estrelas. Nas pedras sob nossos pés que balançam, as ondas também embalam com acordes suaves as canções que surgem sem ensaio, assim, sem mais nem menos, porém deliciosamente enfeitando a calçada e saudando a lua linda que surge por trás das nuvens. E o perfume de maresia se esconde nas folhas das castanheiras. Penso que se um dia fizerem um aterro a beleza desse recanto poderá se perder para sempre, pois os barcos de pesca do Iate Clube e as lanchinhas particulares ficarão tão distantes que ninguém nem se dará ao trabalho de admirar. Como estão projetando, as casas ficarão muito longe do mar, pois praças e asfalto em uma larga avenida impedirão que se ouça o toque de uma castanha caindo no chão. As castanheiras frondosas e centenárias ficarão perdidas, no meio do nada, e sua sombra não servirá a não ser para trazer um tipo de recordação que só de imaginar me faz mal.

Uma pausa é necessária, afinal só temos um violão e quem o toca jamais viu uma partitura à frente, e sai tudo assim, de ouvido, desafinadamente carregado de boa vontade. E vamos comentar, hoje, o que aconteceu na “praia proibida” do Colégio Sacré-Coeur, quando umas e outras resolveram fabricar “duas peças” a partir de recatados maiôs com uma furiosa e ousada tesoura, o que provocou um “frisson” nos rapazes que estavam na lanchinha ao largo, de binóculos, olhando as gatinhas na maior cara de pau. Não fossem os

gritos deles não teriam as religiosas descido a rampa quase “catando cavaco” para nos tirar o furtivo prazer de deixar o sol queimar mais um pedacinho, só um pouquinho a mais de um tanto que já era bem coberto. Que absurdo! No Rio de Janeiro, até uma atriz grávida usa biquíni e outras fazem “topless” em Copacabana e a gente, da roça, que mora numa capital comumente confundida com Vitória da Conquista, não pode nem esquecer as proibições e as restrições por meia hora sequer.



Nara e sua guitarra na festa da Menina Moça, no C. R. Saldanha da Gama, em 1967. Acervo Nara Teresa Rosetti Rebello.

Se as suas pedras pudessem falar, contariam os nossos segredos lá trocados na semana passada, quando, num gostoso piquenique, comentamos em alto e bom som a festa de quinze anos de Beatriz Oliveira Santos, um show de evento com direito a eletrolas estereofônicas, salgadinhos de derreter na boca, cascatas de camarão, doces caramelados e um lindo e decorado bolo confeccionado por Olga Couto. Falariam também as pedras que o comentário geral foi que a aniversariante convidou uma turma da cidade, com gente que nós nunca tínhamos visto e que até dançamos com rapazes desconhecidos! Por sinal, estavam muito chiques, de terno, especialmente um, que despertou a minha atenção e até pediu o meu telefone. Que me chamou de “garotinha”. Ah! Rachel Ferreira Bastos, minha conselheira de assuntos diversos, eu preciso muito falar com você amanhã e quero que me diga o que fazer, caso ele ligue. Só não venha me dizer que, como ele já é formado e tem emprego, que eu conheci um primeiro pretendente a casamento. Pedras, por favor, guardem bem este segredo!

Ah! Este lugar que oscila entre o sagrado e o proibido ainda vai ser lembrado, com uma quase insuportável nostalgia, quando, primeiro os filhos e depois os netos desta nossa geração atual também brincarão, pisando as suas areias, subindo nas mesmas pedras, fumando escondidos e tirando retratos – ou haverá, futuramente, outra forma de guardar recordações? Será que serão coloridos, impactantes, nítidos e até com movimento? Ontem mandei revelar alguns... Levarão as merendeiras com garrafinha? Comerão sanduíches de pão Pullman? Usarão bronzadores feitos à base de óleo Johnson e iodo para ficarem bem dourados? As meninas, será que contarão seus segredos umas para as outras, do tipo “Eu já estou usando sutiã, mas ninguém pode saber”? Não sei... A praia há de ser palco de muitas e muitas histórias, e eu espero que não sejam esquecidas.



Piquenique na praia do Colégio Sacré-Coeur de Marie em 1968. Acervo Nara Teresa Rosetti Rebello.

O repertório musical vai acabando e o tempo, esse implacável desorganizador de pensamentos e de serenatas, diz que é hora de se levantar, deixar caírem os sonhos na calçada, colocar o violão na garupa e pedalar correndo de volta para casa. O mesmo itinerário, as ruas bem escuras, só que mais rápido, cada vez mais rápido, antes que venha o cansaço, o sono, a dor da saudade. Olho meus amigos e amigas, como se quisesse guardar para sempre o rosto de cada um deles, ouvir eternamente o som de cada voz e jamais, jamais me permitir crescer e me perder de ninguém, pois esta noite, esta serenata e esta turma o tempo não terá coragem de aterrar.

Amanhã tem mais serenata, e vou tentar cantar uma nova música que ouvimos no radinho na praia hoje. Estamos no ano de 1966. É italiana. Ganhou o Festival de San Remo, canta Gigliola Cinquetti e começa assim:

– Dio, Como Ti Amo...

## Caranguejo bota ovo?

*Paulo Linhares Ayres*

Meu pai, Antônio Carlos Ayres, contava que o velho Dante Michelini era uma pessoa muito espirituosa, um brincalhão, além de um articulador de grande influência na sociedade capixaba nas décadas de 50, 60 e 70.

Depois de fechar mais uma negociação com um grupo de estrangeiros em seu escritório, o Dante convidou os gringos para um almoço em sua residência na Praia do Canto, onde hoje é o Hotel Sheraton.

Já estava tudo combinado com a Maria, empregada da família de longa data. Ele pediu que ela comprasse duas cordas de caranguejo; em seguida, cada crustáceo foi amarrado em pauzinhos e fincados pelo jardim. Feito isso, colocou três dúzias de ovos de codorna em grupinhos de três em três e espalhou pelo extenso gramado, que ficava à frente da varanda de sua residência.

Depois de um belo almoço, Michelini convidou os gringos para tomar um café na varanda e, dirigindo-se a Maria, falou:

– Maria, por favor! Você pode verificar como foi hoje a produção dos nossos caranguejos?

Apareceu então a dita cuja, com uma cestinha, e começou e recolher os ovinhos espalhados pelo gramado. No que Dante Michelini fala:

– Traz aqui, Maria! Deixe-me ver como foi a produção de hoje!

Os gringos ficaram estupefatos. E, sob olhares incrédulos, voltaram para os seus países. Tempos depois, chegou um telex com o seguinte conteúdo:

– Favor confirmar: Caranguejo, no Brasil, bota ovo?



A família de Leda e Antônio Carlos Ayres. Da esquerda para a direita, em pé: Polé, Pepe, Dão, Zezinho e Beto. Sentados: Toninho, Ninandi, Utinha, Leda, Antônio Carlos, Míame, Andreia e Laura. Acervo Família Linhares Ayres.

## O dia em que um Ford 29 voou para as areias da Praia do Barracão

*Paulo Roberto Monteiro Esteves*

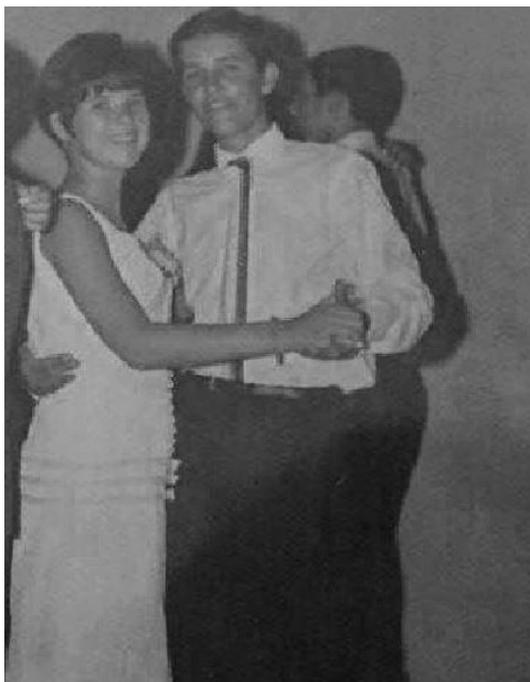
Falar em superação sem lembrar do nosso querido amigo/irmão Robertinho Vivacqua é não conhecer esse assunto. Nasceu com uma grave doença cardíaca, com pouco tempo de prognóstico de vida. Seu porte físico sempre mostrou isso. Para uma pessoa comum, uma vida difícil, mas não para ele.

Viveu muito mais do que a previsão inicial. VIVEU, e não sobreviveu. Nunca deixou de fazer tudo que quis e que os (muitos) amigos faziam. Sempre com muito entusiasmo, alegria e um excelente humor. Bebemos “todas” juntos, jogamos muito pôquer e frequentávamos todas as festas. E ele dançava com todas as meninas, muito mais do que nós!

Sempre teve uma paixão por carros, até que comprou um Ford 1929, que reformou com todo carinho, e nos fazia inveja ao desfilarem com ele pela Praia do Canto. Alguns amigos mais próximos andavam de carona com ele; outros ainda mais próximos tiveram o privilégio de dar uma voltinha dirigindo.

O carro era lindo! E com a simpatia dele ao volante, acho que brilhava por onde passava. E no verão principalmente, quando ele chegava à Praia do Barracão, estacionava lá em cima perpendicularmente ao paredão que separava a rua da praia.

Afinal, ver as meninas com seus biquínis se bronzeando deitadas nas toalhas sobre a areia era um momento de puro êxtase para os meninos.



Danusa Romanelli Medeiros e Roberto Vivacqua Moreira Vieira, ambos falecidos, no aniversário de 15 anos de Elizabeth de Toledo Carvalho. Acervo Elizabeth Toledo de Carvalho.

E foi num desses dias que o Ford 29 chegou perpendicularmente à praia. Mas não parou no meio-fio, avançando sobre a calçada. E, fazendo um breve voo, desceu até à areia, pousando sobre as toalhas das meninas. Claro, elas estavam se banhando no momento, o que fez com que o acidente não fizesse nenhuma vítima. Nem o carro se machucou, tendo posteriormente saído da praia de volta para a rua lá pelo canto perto do Morro da Western onde o nível da areia alcançava o da rua.

Foi um grande susto! Mas hoje me vem a seguinte reflexão: eram dois fortes, o Ford 29 e seu dono!

Nosso amigo/irmão Robertinho, você será para sempre um grande exemplo para todos nós!

# Praia Tênis Clube

*Penha Lima Correia*

Para iniciar o texto sobre o querido Praia Tênis Clube, devo dizer-lhes que ele foi um “paraíso” em minha vida! Sem dúvida, era a continuação do meu lar, desde a minha meninice. Ainda pequena, em seu salão, fazia aulas de balé, tendo como professores o bailarino do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o capixaba Ernani, que se associou à professora de Educação Física, a senhora Maria Marques e criaram a primeiríssima Escola de Balé do Espírito Santo.

Naquele local, Rachel Avidos, Anna Angélica Barbosa, Penhoca Linhares, Nilza Leal, Soninha Amorim, Nieta Pretti, Danuza Valejo, eu e muitas outras alunas, fazíamos as nossas aulas semanais e também ensaiávamos para as apresentações no Teatro Carlos Gomes, Teatro Glória, Estádio Governador Bley, Clube Vitória e outros.

Crescemos, e na nossa juventude, em que também tínhamos no grupo a minha irmã Zilce, sob o comando da amada Maria Alice Pessoa, cujo marido, o médico Ignácio Pessoa, fazia parte da diretoria do clube, criamos a famosa Festa do Galo, que era maravilhosa e realizada no mês de dezembro. Havia, também, as matinês dançantes nos dias de domingo, os fantásticos Jogos Praianos e até as festas de debutantes, os jantares, as quintas dançantes... Momentos inesquecíveis!

Em 1955, Jorge Corrêa chegou a Vitória com sua família e logo começamos a namorar. A seguir noivamos e nos casamos, em

1960, também no PTC, onde, conseqüentemente, nossos quatro amados filhos Flávio, Adriano, Gustavo e Bruno acabaram sendo praticamente criados. Nos anos de 1972 e 1973 moramos no Rio de Janeiro e, ao voltarmos, em 1974, fomos morar ao lado do mesmo clube e lá, nossos filhos se desenvolveram. Daí poder dizer e repetir: o Praia Tênis Clube foi o nosso Paraíso.

Sob o comando do querido Álvaro Nogueira, o Nogueirinha, o clube era administrado com amor e maestria, o que sempre acabava em sucesso. Na diretoria tivemos só gente muito amiga e extremamente competente. Podemos citar, entre outros, Lígia Ramallete, Ignácio e Maria Alice Pessoa, Aécio e Carminha Bumachar, Palmeirinha, Milton Murad, Marcos Murad, Nenel, César Cruz, Capitão Nicanor, José Pitú e o meu Jorge Corrêa, que também ocupou o cargo de Diretor Social, ele de direito e eu de fato, pois assumi realizar os eventos, em especial as quintas dançantes com jantar.

Na parte esportiva tínhamos o especial amigo Carioca, técnico de natação, que conseguiu levar aos pódios sul-americanos, as campeãs Fabíola Saad e Flávia Neffa, sem contar os títulos estaduais e nacionais. No tênis, o técnico era o conhecido Tião, que também dominava os pódios com seus valiosos alunos. O bar do clube era explorado pelo amigo Zé Luiz, e o garçom, Seu Hermes, uma figuraça.

Os bailes eram embalados pelas maravilhosas músicas da época: bolero, fox, samba, tango, valsa e outros gêneros, sob o comando do saudoso pianista Hélio Mendes, do pistonista Mundico e dos demais competentes músicos.

Não temos dúvida que aquele clube tão querido, durante um longo período, era a nossa segunda casa e os seus frequentadores uma família unida num aconchego maravilhoso. Nós, e os que tiveram o privilégio de viver momentos tão especiais e amados, podemos dizer que fomos divinamente abençoados. O verdadeiro “praiano” guarda, no coração e na alma, o inesquecível clube Praia Tênis Clube. A ele um Viva! E a nossa eterna saudade.



Na Festa do Galo do PTC. De baixo para cima, na primeira fila: Sandra Queiroz do Vale, Penha Lima, Zilce Lima, Rachel Avidos, Dina Tereza Miranda e logo atrás de Rachel, Maruza Pretti. Segunda fila: Joel Cabral, Anna Angélica Barbosa, José Alfredo Cabral, Nilza Leal, Nilze Coimbra e Álvaro Scudieri. Última fila: Penhoca Linhares, Selene Barbosa e Nenel Miranda. Ao fundo à esquerda e de perfil, o casal Pedro e Odete Moraes. Acervo Maria da Penha Lima Correa.



## O início do voo livre

*Ricardo Neves Guimarães (Guigui)*

Numa bela manhã de 1980, cheguei ao Iate Clube do Espírito Santo e encontrei Morris Brown, Fragoso, Zé Magrelo, Coquinho, Baducho e Fernando Larica. Convidaram-me para voar de asa delta. Eu disse que iria, desde que ficasse de motorista fazendo resgate, pois tinha muito medo de altura.

Fomos, então, para a fazenda de Fernando Larica aprender a voar, sem didática nenhuma, mas bem dispostos e corajosos. E assim fizemos por vários dias! Comecei a ler algumas apostilas que ficavam no carro, e passei a treinar também. Morris certo dia olhou para mim e falou:

– Está preparado? Nós vamos para Roda D'Água, em Cariacica!

Empurrando o carro morro acima lá fomos nós, atolando, sacolejando, caindo e saindo dos buracos, até chegar à beira de um precipício capaz de dar medo até em treinados aventureiros. No entanto, o sacrifício era compensador pois, de repente, surgia nas alturas uma vista ampla e esplendorosa de toda a ilha de Vitória.

Meio receoso, comentei com Morris:

– Não aprendi a fazer curvas. Vou bater naquela pedra imensa que tem lá na frente!

E ele respondeu:



Da esquerda para a direita, em pé: Wildes, Guigui, Baducho, Coquinho, Frank Brown. Agachados: Morris Brown, Fernando Larica e José Carlos Kluger (Magrelo). Acervo Ricardo Neves Guimarães.

– Sabe sim! Você não vai querer bater na pedra, vai? Então vai, porque da curva você não vai poder escapar!

E assim foi. Decolei e, chegando na tal pedra, tomei um susto tão grande que curvei de medo. Já pousado, em terra firme e aliviado, Morris olhou firme para mim e disse:

– Não falei que você sabia curvar?

Este era o Morris, o inglês voador!

Ao longo dos anos foram aparecendo mais adeptos como João Maciel, Toniato, Wilds, Frank, Gavin, João Caldas e muitos outros. Levamos anos voando em vários estados como Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, formando uma incrível família de voadores, nossas namoradas, depois esposas, e histórias super divertidas.



Da esquerda para a direita: Morris Brown, Fragoso, Jairo (RJ), Frank, Leila Brown, Gavin Bourbon, Luiz Toniato, Guigui (agachado) e Maria Emília “Miloca” Aguirre. Acervo Ricardo Neves Guimarães.

Nos anos 80 ninguém conhecia asa-delta e, quando pousávamos nos pastos das fazendas, os colonos pensavam que éramos marcianos, mas logo nos acolhiam com muito carinho. Certo dia Baducho e eu fomos voar de ressaca, pois tínhamos ficado num forró até tarde. Subimos a Pedra Azul com a asa nas costas e começamos a voar, eu ao lado de Baducho. Subitamente, percebi que ele estava vomitando muito e pensei: isso não vai dar certo... Dito e feito: Baducho arrastou com ele cinco antenas de TV para um curral, deixando toda vila sem ver a novela naquele dia. E eu caí num buraco no final da vila, perto do curral, espantando toda a boiada.

Em outra ocasião fomos voar no Pico da Bandeira com alguns cariocas. Decolamos e começamos a subir muito rápido. A 2.500 metros começaram a se formar muitas nuvens embaixo e nos tampando totalmente. Eu estava sem bússola, rádio e paraquedas reserva; mas como os cariocas voavam ao meu lado, eu tentei segui-los, mas eles sumiram naquela imensidão cinza com trovoadas,

raios e todo tipo de turbulência: chuva, granizo, um horror! A asa começou a ficar incontrolável despencando e subindo com muita força ao ponto de estalar, como fosse partir tudo. O frio era insuportável, meus dedos congelaram, o rosto doía muito e pensei: vou morrer de frio ou bater na montanha e ninguém vai me achar nunca mais! Comecei a me exercitar dentro do equipamento para o sangue circular e não perder os sentidos. Com aquela turbulência, meu capacete se soltou e ficou voando perto de mim querendo me acertar. Com muita dificuldade para controlar a asa, comecei o procedimento de descida fazendo 360° para baixo com muita força e girando. Consegui ver, então, o cafezal e Morris, já pousado, e um carioca com os paraquedas reservas numa fazenda. Estabilizei a asa, mas, para minha surpresa, ela subiu de novo me sugando para dentro da nuvem, com turbulência e subidas e descidas fortíssimas. Pensei que iria morrer de frio ou bater na montanha, isso a 3000 metros! Minha vida toda veio à mente em segundos. Então pensei: se conseguir sair dessa vivo, eu vou me casar com aquela menina!

Comecei a descer de novo com muita dificuldade, conseguindo pousar já à noite na fazenda do Sergio Rabelo, onde eles me prestaram os primeiros socorros, pois estava congelado e com hipotermia.

Vim para Vitória e pedi a mão de Miloca em casamento. Hoje estamos há 32 anos casados e eu com muita certeza de que o amor está no ar!

## Música na grande Praia do Canto

*Rogério Coimbra*

Há mais de meio século, na área hoje chamada de Praia do Canto existiam quatro praias: a de Santa Helena, a do Barracão, a Comprida e a do Canto. Naquele tempo, a vida era solta, livre de ameaças, comprometida com o livre fluxo da natureza. Velas içadas promoviam sobre o mar a dança incessante de barcos felizes sobre claras águas marinhas, que beijavam areias povoadas de gente comprometida com o lúdico. E à noite, havia a música. Uma, então mais antiga, música de sofrimento, angústia e tragédia e, outra, despertando o amor, o sorriso, a flor, o barquinho, a tardinha, abraços, beijinhos e um violão enluarado.

Na Avenida Ordem e Progresso, atual Desembargador Santos Neves, Roberto Menescal, entre uma e outra caça submarina na Praia Comprida, praticava na casa de sua tia Noêmia Batalha os seus primeiros acordes de violão. Fora seduzido pelas sessões que ouvia da turma da Praia, conduzidas por Evanilo Silva, Cariê Lindenberg e Zé Maria Ramos, entre outros. Menescal voltou para o Rio e foi um dos percussores da Bossa Nova, ao lado da também capixaba Nara Leão.

Cantava-se nas casas, cantava-se nas ruas. Em depoimento à jornalista Ana Nahas, Cariê Lindenberg, o grande propagador da canção moderna, bem descrevia o cenário de então: “Minha filha, não tinha nem paralelepípedo, nem asfalto, era tudo chão de terra, entendeu? As pessoas de fora adoravam. A cachorrada começava a

latir e a gente cantava umas músicas bonitas para acalmar. Era um negócio inusitado o pessoal cantando na rua”.

E cantava-se muito também nos clubes: na Praia Comprida ficava o Praia Tênis Clube, e, na Praia do Canto, na formosa ponta do bairro, o Iate Clube do Espírito Santo.

O histórico acontecimento de música, do Praia Tênis, foi a Festa do Galo. Foi uma ideia de Vânia Sarlo para fazer uma festa no dia 25 de dezembro, ano de 1964. Juntaram-se Reinaldo Brotto, Evanilo Silva, Luiz Paulo Dessaune, Guilherme Punhal, Zé Mário Tironi, Cacá Nogueira. Moacir Barros tocava e cantava com a base de Hélio Mendes, Edílio, Betinho e Cícero Ferreira. Muitos colaboradores, paus pra toda obra: Penhoca Linhares, Niza Leal, Nilze Coimbra, Paulinho e Marcelo Cavalcanti, além dos garotos Claudinho Tovar, Afonso Abreu e Rogério Coimbra. Cariê Lindenberg só fornecia as canções pois não cantava em público e havia participações inesquecíveis da dupla Nêgo Adotivo e Charles Britan, o Fubá. Nesse show Vânia Sarlo apresentou-se na cadeira de rodas de Nogueirinha, diretor do clube, sob a canção Pernas, de Sérgio Ricardo. Puro surrealismo. O sucesso foi tanto que a turma se apresentou depois em Governador Valadares.

Também ficou marcada na história do Praia Tênis a série de domingueiras com o moderno trio de Jorginho Seadi, piano, Mário Ruy, bateria e Afonso Abreu, baixo, que até hoje está em plena atividade e é uma das principais testemunhas e o protagonista de todo movimento musical da Praia do Canto há muito mais de 50 anos.

Próxima ao Praia Tênis, na Santa Helena, situava-se a casa alugada que abrigou a cantora Maysa, e seu namorado Ronaldo Bôscoli com a turma do Tamba Trio, e o Menescal, isso em 1961. Essa turma deixava insones as tranquilas noites da Praia do Canto.

No Iate Clube o tom era de informalidade. E, ao redor de seus velhos canhões, a turma sempre estava a saudar a natureza e seus amores com improvisados vocais, destacando-se o violão de Helinho Esteves, o Helinho Foguetão, filho do pianista Hélio

Esteves, o Hélio Macaxeira, e irmão da cantora Cristina Esteves, esta, que integrou o elenco de outro memorável show no clube, o *Depois do Carnaval*. Carmélia M. de Souza, Luiz Manoel Nalin e Rogério Coimbra organizaram um pocket show (moda à época) que *pocou* no Iate. Afonso Abreu, Jorginho Seadi, Mário Ruy, Virgínia Klinger, Cristina e Nalin comandaram o espetáculo sob a batuta de Oswaldo Oleari que narrou o script de costas para o público. Mas o bom dessa história foi a presença do piano.

Como não havia um piano decente, a pianista, e primeira velejadora de Vitória, Beatriz Abaurre, que morava na ladeira cuja casa era próxima à entrada do antigo Iate, simplesmente teve que derrubar a parede de sua sala para que seu piano descesse a ladeira. Amor à arte. Amor aos amigos.

Era uma praia do canto mesmo, a praia que sempre gostou de cantar.



# Vital

## uma folia que deixou saudade

*Rominho Dias*

A história da Praia do Canto também foi construída com folia, alegria e muito axé. Pelas ruas do bairro passou um evento que marcou época, a Lavagem do Triângulo. Tudo começou no ano de 1994. Na época, um capixaba, Rommel Rubim Dias, mais conhecido como Rominho, e um baiano, o Américo Telles, se encontraram num bar e, em meio a um bom papo sobre o movimentado Carnaval de Salvador, pensaram: “Por que não fazer algo assim no Espírito Santo?”. Instantes depois, nascia a ideia da Lavagem do Triângulo, inspirada nos eventos inter-religiosos tradicionais da Bahia.

Estimulado com a boa ideia, quase que imediatamente se juntou ao grupo um outro capixaba, Abner Garcia Romano, o Biné. Ele era proprietário do bar onde Rominho e Américo se reuniam, o Discrepância. Estava formado, então, o trio que comandou a inesquecível Lavagem do Triângulo.

Ainda se inspirando na principal referência em eventos de rua, Salvador, os realizadores do evento decidiram incluir na Lavagem, um bloco capitaneado por uma banda que animaria e puxaria seus foliões pelas ruas do bairro. Depois de muitas sugestões sobre o nome que o bloco teria, foi decidido que ele se chamaria Mukeka, em homenagem ao principal prato típico capixaba.

Também se juntou ao grupo, no comando do bloco, dois outros integrantes, a capixaba Lilian Moussallem e o baiano Vavá Meira. Coube a eles a organização do primeiro bloco de carnaval de rua em terras capixabas. Vestir abadá e pular em área demarcada por cordas era uma novidade para a maioria dos capixabas.

A realização do primeiro evento deu um certo trabalho. Era o primeiro com este perfil na cidade. Tudo estava por fazer. A começar pela escolha dos integrantes da banda que puxaria o bloco. As primeiras apresentações foram com o vocalista Ademar e a banda Furtacor, um grupo baiano, com experiência em eventos com este perfil e que deu conta recado. Logo na saída os participantes já tinham entendido qual era a proposta do projeto e caíram na folia.

Nos anos seguintes foi necessário trocar a banda e após processo de seleção, a escolha recaiu sobre um jovem tímido, baiano radicado em Vitória, em começo de carreira. Se chamava Saulo e tinha ali sua primeira experiência como puxador de trios elétricos. Hoje é um dos grandes nomes da música brasileira, sendo personagem indispensável nos carnavais de Salvador. Presença constante no Espírito Santo, Saulo sempre conta sobre o início de sua carreira em terras capixabas, na banda Mukeka, na Lavagem do Triângulo.

Assim como ele, o evento imediatamente caiu no gosto da galera. Em sua primeira versão já arrastou milhares de foliões pelas ruas do bairro. De 1994 a 1999, puxou milhares de foliões animados pelas ruas Aleixo Neto, Joaquim Lírio e Celso Calmon, entre outras, sempre ao ritmo do melhor axé. Um evento realizado pelo trio Rominho, Américo e Biné que marcou época.

Importante: a Lavagem foi um embrião para a realização de um dos eventos de rua mais importantes da história do Espírito Santo, o Vital, carnaval fora de época que, durante 13 anos, divertiu e emocionou capixabas e turistas com apresentações de bandas locais e nacionais. Uma folia que deixou saudades.

## Os guaiamuns e o bonde

*Ronaldo Ewald Martins*

Na década de 1950 o final da linha do bonde era o limite da Praia do Canto, ou quase. Nossa casa, recém-construída, ficava mais adiante, ao final da Rua Aleixo Neto, perto da esquina com a Rua Afonso Cláudio. O limite extremo do bairro era espremido beirando o canal e chegando até a atual Rua da Grécia, local chamado Bomba porque havia uma bomba de combustível encaixada na pedra do Barro Vermelho. Bem próximo, no Itaúnas Futebol Clube, a partida era interrompida por guaiamus e maré alta, que invadiam o campo situado por trás da Rua Afonso Claudio, limitado pelo terreno do Seu Nahum Prado. Logo adiante, na Avenida Rio Branco, a “venda” do Seu Evangelista tinha um pouco de tudo: arroz, feijão, farinha, carne-seca, banha de porco, querosene, bola de gude, feira de pião, papel de seda e flecha para fazer pipa, este último item, nosso grande interesse.

A ladeira do Barro Vermelho era especial para a descida dos carrinhos de rolimã e só percebíamos que não tinha freios quando os joelhos começavam a arder, ralados! Ali na Bomba morava Diolinda, lavadeira caprichosa que servia a grande parte dos moradores da região. A atual Rua João da Cruz era terreno de manguezal que fazia parte das poucas casas da Rua Afonso Claudio. Nela, um dos primeiros moradores eram os japoneses senhor Riogi Haga, e esposa Ana, casal educadíssimo. Meu pai muitas vezes foi presenteado com frutas e legumes do quintal deles por ser médico da filha do casal, Maria Alice.



Em primeiro plano, a Praia do Canto, com a ladeira para o Colégio Sacré-Coeur e o Iate Clube à direita. Ao fundo, a ponte caída em 1967, a Praia de Camburi e a Ilha do Socó. Segunda metade dos anos 60. Foto Paulo Bonino Pacheco. Acervo do Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Vitória.

Na Rua Afonso Cláudio, uma das primeiras casas construídas foi a do Seu Arnóbio Loureiro e dona Sophia Müller, professora da escola primária do mesmo nome. Em frente à casa do pescador, o Seu Francisco, num terreno com uma mangueira enorme, uma outra lavadeira, dona Jacinta, criava filhos e netos. Ao lado, a sapataria de Antônio e Pedrinho, que nas horas vagas mostravam habilidades no violão e cavaquinho. Próximo a eles, no bar do Seu Raimundo, os pescadores tomavam sua pinga no retorno da pescaria, sempre derramando no balcão ou no chão a parte do santo. No final da Rua Joaquim Lírio, numa área de pescadores, havia o Clube Navegantes, que, pela agitação, teve o singelo apelido de “Sovaco da Perua” ou “Espera Tapa”. Por um período, a sede foi transformada pela garotada em um clube de aeromodelismo, onde despontaram suas habilidades Eduardo Tommasi, Mario e Marcus Aguirre, Jolindo e Ronaldo Martins e outros, promovendo até competições com seus aeromodelos. Hoje a região abriga vários restaurantes, entre eles os famosos Pirão e o Di Don Don. Figuras inesquecíveis transitavam pela região: Melo Bico, Zé do Coco, Seu Francisco da Farinha, o

verdureiro, a carrocinha do leite, o amolador de facas, os vendedores de algodão-doce e de quebra-queixo. O pão era deixado nos portões das casas ainda na madrugada, mas às vezes era surrupiado por algum boêmio safado.

Pouco depois, surgiu a padaria do Seu Carlos e Seu João na Rua Aleixo Neto. O cheiro do pão à tarde anunciava que estava na hora de lanchar e sair correndo para pular da primeira escadinha no paredão da praia, admirando os nadadores, Seu Emilio Bumachar e Mané Diabo. Na Rua Joaquim Lírio, em frente das casas das família Cola, Pachito e Américo Madeira, os jogos de vôlei e as deliciosas festas juninas na casa de Lissú (Seu Carlos e dona Alice Madeira) eram pontos certos de paquera. Próximo ao Grupo Escolar Irmã Maria Horta, em frente ao bar do Seu Marçal e à casa de Ricardo Bombom, situava-se o Ponto Final, e a era o final mesmo. No bonde, as mesmas propagandas de sempre: *Phymatosan*, *Creme de Arroz Colombo*, *Pomada Minâncora*, *Phosphoro marca Ôlho*, *Sabonete Eucalol*. Muitas vezes andávamos no reboque economizando alguns tostões, gastos com guloseimas no bar do Seu Pedro Daniel antes de chegar no Colégio Sophia Müller na Avenida Saturnino de Brito.

Quanto ao guaiamu ou guaiamum, creio que vale explicar que é um tipo de crustáceo da família dos gecarcinídeos, encontrado desde o estado da Flórida, nos Estados Unidos, até a região Sudeste do Brasil, cujo habitat são locais lamacentos nas áreas de transição entre o mangue e a mata, em terrenos arenosos e úmidos, de onde retiram o necessário para a sua sobrevivência. Para nós, na época, eram extremamente chatos e inconvenientes, pois muitas vezes boas partidas de futebol no campinho do Itaúnas Futebol Clube deixaram de ser jogadas. Além da maré alta!



## Um garoto no Iate Clube

Ronaldo Ewald Martins

Até cerca dos 12 anos, na década de 1950, meus limites de mar eram a orla de Praia do Canto até a Praia do Barracão; eventualmente, a deserta Praia de Camburi. Ao conhecer o Iate Clube e os barcos à vela a mágica foi imediata. Meu pai, Jolindo Martins, João Luiz Carneiro, José Tarquínio e outros competiam em veleiros da classe *Lightining*, barco grande de duas velas. Pouco depois, ganhei um barco pequeno que me limitava a pequenas distâncias e mar calmo. Embora eu me achasse o descobridor do mundo, passeava até a Ilha das Andorinhas e à praia em frente ao Sacré-Coeur mas, naquele barquinho, nunca fiz a volta na Ilha do Frade. Nos galpões do Iate, Airton Pinto da Vitória fazia reparos em tudo que fosse necessário: casco, convés, mastro, retranca, leme, estrados e remos, com admirável habilidade. Pouco depois, o Seu Luiz Machado começou a construir barcos da classe *Snipe* e eu e meus irmãos ganhamos um batizado de *Boato*.

As competições mais importantes do clube eram a Taça Cidade de Vitória nos dias 6, 7 e 8 de setembro, com participação de competidores locais: Fernando Jacques Teubner (Jacaré), Morris Brown (Inglês), Guaracy Assis Filho (Guará), Annibal (Bal), Jolindo (Dico), Ronaldo (Bolão), José Rebouças, Ricardo Esteves (Bombom), Álvaro e Afonso Abreu, Charles Bitran (Fubá); José Eugenio (Zene) e Bento Machado, Mário e Marcus Aguirre (Cuco), Murilo e Maurício Peixoto, José Adolfo Vivacqua

(Dolfinho), Marco Antonio Madeira (Tatão), Marcelo e Murilo Drews Morgado Horta, Patrick Fitzherbert (Pat), Fiorino Petrochi e outros, além de competidores do Rio e de São Paulo. Eventualmente, velejadores argentinos animavam o clube. Era previsível a animação na água e em terra até os dias das regatas. Outra competição de ponta era a Volta da Taputera, em fevereiro. A partida era no Iate e os barcos percorriam o canal do porto fazendo a volta na pedra da Taputera, em frente ao Centro de Vitória, retornando até à linha de chegada no Iate. Numa dessas sofri um bocado: havia passado no vestibular, a cabeça estava raspada e o barco quebrou o leme, perdi a boina e tivemos que esperar o reboque... Retornamos ao clube horas após o término da regata. Além da natural gozação, aguentei a careca queimada por duas semanas.



Galpões do Iate Clube em dia de regata. Foto do dr. Luiz Castelar. Acervo Antônio Carlos Sessa.



Na varanda do Iate Clube, da esquerda para a direita, em pé: Antônio, Jolindo Martins, José Tarquínio, Morris Brown e João Luiz Carneiro. Agachados: Murilo Peixoto, Murilo Morgado Horta, George Burns, Fernando Vieira e Airton Pinto da Vitória. Acervo Beatriz Neves Burns.

No lado triste, o desaparecimento de Solano Martins Faria na pesca de mergulho próximo ao que é hoje a Ponta de Tubarão. Por triste ironia do destino, anos depois, em plantão médico como residente no Hospital dos Servidores do Estado (HSE), no Rio de Janeiro, presenciei a morte da viúva Maria Helena, vítima de um terrível acidente de carro. Também muito doloroso o acidente em que Sérgio Calmon, o Veneno, fraturou o pescoço pulando do paredão do Iate quando a maré já estava vazia, tornando-se tetraplégico.

Inesquecíveis as aulas de Morris Brown sobre fundamentos do esporte à vela, comportamento no mar, diferenças de tempo e vento. Ele era muito rigoroso no que se referia à segurança no barco e no mar. Aprendemos sobre tábua de marés e normas básicas da Capitania dos Portos. E tivemos o privilégio de conviver com Julião Pires de Almeida, o Dondom, e suas infalíveis previsões de tempo e sabedoria de vida. Olhando um entardecer claro, Dondom previa o dia seguinte com *vento sul* e não errava nas suas lições simples e importantes sobre barcos e mar.

Na varanda do clube o fotógrafo Reblin, após deixar o trabalho na Santa Casa, sentava-se e consumia suas cervejas na maior calma do mundo. Compunha o pessoal da “escota de vidro”. A história das

brigas nas festas de réveillon não é nada edificante, mas destacavam-se algumas senhoras que colocavam ordem na casa: Telina, Edith Machado, Lourdes Martins, Zazá Paiva... O galetto com Pedrinho no comando da cozinha era o tom das noites de quinta-feira em que a paquera corria solta, animada pelas deliciosas serestas com a participação de Bento Machado, Cariê, Carmélia e outros, ocasião em que o garçom Castrinho comandava com categoria o famoso bar.

Deliciosas regatas nas noites de lua cheia eram feitas com tripulação mista e os maiores prêmios, naturalmente, ganhava quem chegasse nos últimos lugares... Momentos assim fizeram rejuvenescer aquele – ou eu – que ousa denominar-se, com muito orgulho e até hoje, Garoto do Iate Clube.

## Feliz o tempo que passou...

*Ronaldo Nascimento*

Falar das Praias e das praias é falar de saudade...

É falar de um tempo em que o mundo era menor e nesse pequeno mundo todos se conheciam, as famílias eram grandes, unidas e amigas.

Falo de um lugar onde vivi, sem nunca ter morado, mas que guardo nas recordações do tempo em que era jovem. Daquela Praia que continua em minhas lembranças quando passo e olho para as velhas castanheiras que guardam tantas histórias em seus troncos.

E como era paradisíaco o trecho que começava entre as casas do advogado Edgard Mello e do professor José Santos Neves, e que terminava depois do Praia Tênis Clube, onde o saudoso Nogueirinha era presidente eterno e Ignácio Pessoa seu comandante; tanto que aplicou suspensão maior em Paulo Milled que acendeu um “cordãozinho cheiroso” em pleno show de Betânia, acabando com a festa do Mais Simpático!

Mas como há tempo que passa e o tempo não sente, era lindo ver a lua nascendo lá para os lados de Tubarão, com o mar batendo nas castanheiras, às vezes atravessando a rua e chegando bem perto das residências dos Schlemm, Ruschi, Delanos, Vivacqua, Von Schilgen e Madeira.

E no vai-e-vem das recordações, lá no canto da Praia, o Iate Clube tinha seus personagens folclóricos, Dondom, Pedro “Chororô”

Vivacqua, Reblin e Ludovico, com a flotilha 245 comandada pelo campeão Fernando “Jacaré” Teubner, vencedor nas regatas Volta da Taputera.

Além dos bondes e lotações, tinha mais nossa Praia porque Serginho Sarkis comandava o Michel, american bar frequentado pela geração dourada, e nas areias em frente os “craques pedaleiros” Victor Sarlo, Rogério Medeiros, Mandinho Gonçalves, Wilmar “Nenê” Costa, Cirinho Medeiros, Zé Maria Ramos, Rominho Nonato e Ronaldo Benezath jogavam futebol, e Vânia Sarlo, ousada para a sua época, entrava de peito aberto nos “rachas” da rapaziada.

E por falar em saudade vem a lembrança do Bar Michel, da Praia do Barracão e das meninas bonitas que desfilavam pela orla, mergulhavam na piscina do PTC, e encerravam o ano como estrelas maiores da Festa do Galo.

Hoje baila no ar um resto de canção e um cheiro de saudade que é tudo que fica, daquilo que não ficou, como diria minha “Félia”, Carmélia, porque todos que aqui estão guardam lembranças de amigos que há muito não se encontram, ou de uma poesia escrita em uma mesa de bar, ou quem sabe uma flor envelhecida marcando a página de um livro preferido.

Esquecendo que saudade é coisa que dá e passa, aqui estamos nós, para os abraços, sorrisos e recordações que não irão se perder quando a tarde cair e o sol descansar lá no céu.

# Reminiscências do Bar Michel e o fenômeno da fosforescência na Praia Comprida

*Sérgio Figueira Sarkis*

Nasci no centro de Vitória, na década de 30. Naquela época era comum nascer em casa com a ajuda de uma parteira, como foi o meu caso. Maria Lucia Vianna foi a pessoa que ajudou mamãe a me trazer ao mundo. O local era a Rua Sete de Setembro 300, bem debaixo do Morro da Fonte Grande, juntinho à Convertidora e à garagem dos bondes que circulavam pelos bairros da capital. Fui criado brincando na rua, sem qualquer perigo, pois a movimentação de automóveis era mínima e podia-se até jogar pelada de futebol sem qualquer interrupção. Além de frequentar colégio da região, cresci participando de passeios pela Praça Independência, hoje Costa Pereira, chacinhas nas calçadas e, principalmente, matinês nos cinemas da época: Carlos Gomes e Glória. Nos domingos de verão frequentávamos as praias Comprida e Barracão para um banho de mar e um mergulho no trampolim, que ficava na Praia Comprida e tinha até escorregador. Poucas famílias residiam no bairro da Praia. Não havia praticamente comércio algum e tudo tinha que ser adquirido na “cidade” (no Centro).

Meu pai costumava alugar uma casa de veraneio, que ficava de frente para o mar, diante de uma enorme e frondosa castanheira, mas cujo nome, soube depois, era mulembá, tão grande que até

brincar de pique a gente brincava, correndo pelos galhos e, às vezes, quando não tínhamos saída, caíamos no mar, evidentemente com a maré cheia. Nossa casa ficava na Praia do Canto, entre as ruas Moacir Avidos e Chapot Prévot. Cresci neste ambiente agradável que juntava a convivência no Centro e na Praia.

Ao final da década de 50, precisamente em 1958, resolvi montar um negócio que à época era promissor, um american bar. O Bob's, no Centro, foi o precursor desta atividade em Vitória. Denominei-o Michel, em homenagem a meu pai, já falecido na época. Ficava na loja do Edifício Moema, de frente para o areal da Praia Comprida. Nos estudos preliminares concluí que os meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro eram aqueles que naturalmente as vendas seriam boas e que nos outros eu teria que criar alternativas como chamariz dos fregueses. Fizemos bingos dançantes, patrocinamos futebol de areia, criamos pratos e sorvetes diferentes, principalmente sorvete de coco verde etc. Porém, a realidade foi diferente. Quando saíamos dos meses bons, o movimento caía violentamente. Foi então que surgiu o fenômeno da fosforescência no oceano, que à noite fazia com que o mar, ao movimento das ondas, se iluminasse. Bastava a pessoa pisar na areia molhada para esta se acender como uma lâmpada. E, ao se jogar uma pedra na água, formavam-se círculos concêntricos iluminados por alguns segundos. Isso durou um bom tempo e atraiu dezenas de pessoas que saíam de suas residências, fosse do Centro ou de qualquer bairro, para apreciar o fenômeno e, conseqüentemente, fazer um lanche e tomar um sorvete de coco verde no Michel, o que salvou, por um período, o nosso negócio. Foram noites incríveis, não só para mim, mas também para todos os moradores, que tiveram a oportunidade de ver o espetáculo da fosforescência e que, pelo que sei, nunca mais se repetiu em nossas praias.

E viva a natureza!

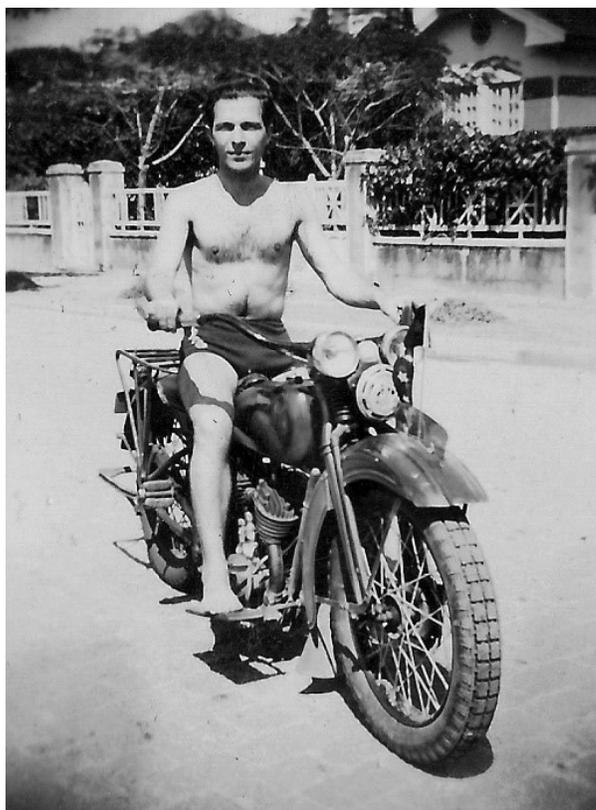
## A invasão das motos na Praia do Canto

*Tacaa de Paiva*

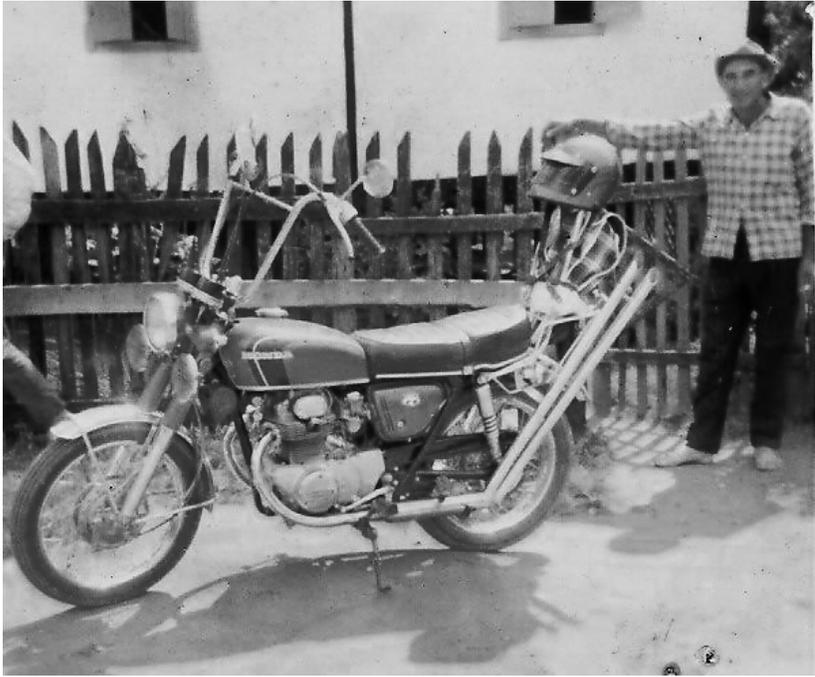
Do que se tem notícia, o Tio Dodô foi o primeiro motociclista de Vitória na década de 20. Mais tarde, surgiram César Nonato de Sant'Ana e Dionísio Abaurre, também pioneiros, mas com habilitação datada de 1935. Sua carteira me foi doada por um dos herdeiros, o amigo Cesinha Nonato. A partir de 1937 circulam também pela Praia do Canto os cunhados Mário Arnal e Victorio Busato.

Minhas lembranças, entretanto, se iniciam com Renan Fontes, montado numa potente Indian, na década de 60, e Morris Brow passando com uma Royal Enfield de 500 cc nas ruas de paralelepípedo da Praia do Canto. Na década de 70 é que começaram as motos japonesas a chegarem a Vitória, sendo que a primeira delas foi uma Suzukinha verde limão de 50 cc do nosso saudoso Jaiminho Alemão.

Eu estava no Exército em 1969 e um sargento tinha chegado de Manaus e trazido uma Honda CB-350 e como eu não tinha os 4.500 cruzeiros para comprá-la, passei a informação para o Rogerinho Vivacqua, que foi o seu comprador. A partir daí, auxiliado por um emprego no Senai, pude juntar algum dinheiro, reforçado com a venda de abóboras que trazia da fazenda, e comprar minha primeira moto, uma Honda CB-350. Com isto, trouxe algumas motos para Vitória, iniciando, assim, o movimento da invasão das motos na Praia do Canto.



No alto, Victorio Busatto, em 1937. Embaixo, na moto, Mário Arnal, com a Ilha do Frade ao fundo, também em 1937.  
Acervo Família Busatto



A primeira moto de Antônio Freire de Almeida Paiva (Taca de Paiva), uma Honda CB 350 de 1971. Acervo Taca de Paiva.

Logo a seguir, abriram-se revendas em Vitória e coube ao Ricardo Suzuki, ao Elias Bonadiman e aos irmãos Helal, Zaki e Paulinho acabarem de implantar, definitivamente, o amplo comércio das motos no Espírito Santo. Aconteceram, também, as primeiras corridas de motocross e os treinos ocorriam nas areias do Aterro da Comdusa. Bujão e eu treinávamos ali e a população da Praia do Canto prestigiava nossos treinos no calçadão, onde outrora o mar batia.

As pistas de Cobilândia e Guarapari eram palcos de disputas acirradas, principalmente a de Guarapari, que revelou pilotos de renome estadual e nacional, como o Vitinho Larica, o Marcelo Tepedino e o Laurinho Hoffman. Tivemos vários astros do motocross nacional correndo por lá e não poderia deixar de citar a figura do popular Chaveta, carioca e exímio motociclista.

De lá para cá, a motocicleta invadiu, não só a Praia do Canto, mas todo o estado e o país. Hoje contamos com diversas revendas das

mais afamadas marcas e o trânsito de motocicletas é algo assombroso pela sua mobilidade e economia. Surgiram, então, diversos moto-clubes na capital e no interior, sendo que os encontros de motos passaram a ser extremamente concorridos.



Da esquerda para a direita: Rogério Vivacqua Moreira Vieira, Taca Paiva e Luiz Alberto “Lula” Alves. Acervo Taca de Paiva.

No plano esportivo, tivemos grandes destaques naquelas décadas: Sandro Hoffman, Jadson Lauret, Fernando Guerra e Rodrigo Dazzi, dentre outros. Infelizmente, sofremos perdas significativas também nas ruas da Praia do Canto e não podemos deixar de reverenciar a memória de Chicão, Márcio Pé na Cova e Renatinho Mirueira.

Passados 48 anos, ainda piloto motos e diversos outros companheiros também como Bujão, Lula Flores, Marcelo Tepedino, Rogerinho Vivacqua e tantos outros mais. Assim foi como se deu a invasão das motos na Praia do Canto, uma história a mais para recordar, contar e acelerar.

## Memórias de uma bailarina

*Tamára Pereira de Souza Medina*

Nossa história com a dança, em Vitória, começou com a chegada de Lenira Borges em 1961 e as aulas de balé começaram neste mesmo ano nas instalações do Parque Infantil Maria Queiroz Lindenberg, onde permanecem até hoje. Naquela época havia muito preconceito em relação à dança, e especialmente ao balé, motivado por histórias surgidas na França séculos atrás. Talvez por isso o nosso grupo era muito pequeno, dele constando apenas doze alunas.

O primeiro festival aconteceu ainda com poucas meninas que participavam dos quatro números que faziam parte do espetáculo. Lembro-me muito bem de um deles que era uma aula de dança no palco, em que metade das bailarinas usava um tutu preto e a outra metade um tutu branco. A composição e o movimento das duas cores formavam lindos desenhos em preto e branco. Nunca esquecerei este primeiro momento no palco!

Os primeiros festivais aconteciam no Teatro Carlos Gomes que na época estava em péssimo estado de conservação. Para que as apresentações acontecessem, o Sr. Paulo, marido de dona Lenira, contratava garis que iam para o teatro uma semana antes para limpar, consertar e prender as cadeiras, reparar banheiros e afastar baratas e ratos... As cortinas rasgadas eram costuradas pela minha mãe. Tudo feito com muito carinho e muito empenho para que os convidados pudessem se sentir bem no dia da apresentação.



Bailarinas participantes do festival de 1963. Escadaria do Palácio Anchieta, Vitória.  
Acervo Tamára Pereira de Souza Medina.

Em 1969, o teatro foi reinaugurado no governo de Cristiano Dias Lopes e a Academia Lenira Borges Ballet Studio teve a honra de fazer o espetáculo de inauguração, o que acabou sendo uma linda festa e uma grande conquista cultural para a cidade de Vitória.

Recordo-me, também, da nossa preparação para prestar exame para a Royal Academy of Dance (RAD) de Londres que tinha Margot Fonteyn como presidente, sendo que o nosso examinador foi o bailarino inglês Claude Newman. Fomos todas aprovadas naquele teste, o que não era nada fácil, e recebemos o tão esperado diploma. Fomos o primeiro grupo na América do Sul a fazer um exame fora de Londres, fato inédito para a época.



Beatriz de Oliveira Santos e Tamára Pereira de Souza Medina dançando “Brasileirinho” no Teatro Carlos Gomes. Acervo Tamára Pereira de Souza Medina.

E, assim, a academia foi despontando, novas alunas iam chegando e, junto com o crescimento da escola, acontecia também o dos festivais, que ficavam cada dia maiores, sofisticados e mais belos. Dessa raiz brotaram muitas bailarinas que depois abriram suas academias no estado, dentre elas Karla Ferreira, Mitzi Marzzuti, Ingrid Mendonça e Mônica Tenore. Outros alunos foram dançar em

grandes companhias do Brasil e do mundo como Joseny Coutinho (Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro), Armando Aurich (Balé da Cidade de São Paulo), Livia Rangel (Balé de Minas Gerais), Letícia Muniz (Altenburg Gera Theater da Alemanha) e Inês Bogéa (Grupo Corpo e atual diretora da São Paulo Companhia de Dança).

Entre tantas memórias não podemos esquecer da nossa querida pianista dona Clotilde, que por tantos anos nos acompanhou em todas as aulas com a mesma paciência e dedicação que lhe eram peculiares.

Ser bailarina sempre foi o meu sonho desde muito pequena. A vinda de dona Lenira para Vitória permitiu que tal sonho se tornasse uma feliz realidade. Nas minhas memórias dos 14 anos em que dancei, guardo com muito amor momentos felizes e inesquecíveis como as aulas, os ensaios para os festivais, a primeira sapatilha e, principalmente, a primeira sapatilha de ponta. Era um grande divisor de águas subir na ponta. Porém nada se compara a estar no palco e dançar. Nada se compara à emoção de uma cortina que se abre.

Muita gratidão a dona Lenira que com coragem e tenacidade criou espaços para que todos pudessem dançar, se expressar e realizar seus sonhos. Uma guerreira que apresentou a arte da dança ao Espírito Santo. Tenho também muito orgulho por haver sido um personagem que fez parte da história do balé no nosso estado.



Início da trajetória de Lenira Borges como professora de balé. Acervo Lenira Borges.



## Quantas recordações!

*Zazá Paiva*

Ronaldo Martins pediu-me para trazer algumas lembranças da nossa Praia do Canto antiga. A princípio refutei, pois não sou escritora. Mas, pensando bem, decidi que pelos anos que vivo na Praia do Canto teria muitas lembranças de antigamente. Posso me referir como antigamente pois vim morar na Praia do Canto com 8 ou 9 anos de idade e já estou com meus 90 anos.

Posso dizer que houve coisas muito boas e muito ruins. Começo descrevendo sobre o que fazíamos nas férias escolares. Tínhamos um grupo animado e nos reuníamos pela manhã para o banho de mar. A praia se estendia até onde hoje é a pista do aterro e existia apenas a Avenida Saturnino de Brito. Ficávamos em frente à casa de Yedda Finamore, onde hoje é o Edifício Desembargador Finamore.

Assistimos à inauguração de um trampolim que foi uma sensação. Poucos se aventuravam a ir nadando até ele – eu era uma das que não temia e nadava até chegar lá. O trampolim ficava bem distante, pois o mar vinha até às castanheiras na calçada.

Naquele tempo a conversa corria animada e programávamos o que fazer à tarde. Às 12 horas era o momento de ir para casa almoçar: meu pai não abria mão da família estar reunida durante o almoço.

Quando chegava a noite, na verdade não tão noite assim perto das 18 ou 19 horas, íamos caminhando até o bar Miramar, que nomeávamos de bar do Walter, pois era o nome do seu dono. O motivo desta ida era para tomarmos o sorvete de coco verde (inigualável) feito por dona Didi, que era mulher do Seu Walter.

Acabando esta atividade, íamos para a casa de Yedda Finamore onde seu pai, dr. Rômulo Finamore, havia montado um tablado no jardim. Então, com música de vitrola (isso mesmo, eletrola), dançávamos até no máximo às 22 horas, pois esta era a hora de voltar para casa. Aí está uma das coisas boas que havia: podíamos ir para casa sem o menor perigo, andando à noite pelas ruas.

Quantas saudades, quantas lembranças, quantas recordações!



Zazá Paiva na Praia do Canto, em frente ao Miramar. Acervo Zazá Paiva.



Zazá Paiva em sua casa na Praia do Canto. Acervo Zazá Paiva.



# Praia Tênis Clube

## recordar é viver

*Zilce Lima Cabral*

A partir dos anos 50, quando ainda criança, o Praia Tênis Clube passou a fazer parte da minha vida e, convidada que fui com muito carinho para escrever esta crônica, percebo que as lembranças e as historinhas vão brotando na minha mente qual mosaico, e se encaixando pouco a pouco no cimento das doces recordações.

Onde hoje está a quadra coberta e o estacionamento eram quadras de tênis, a polivalente e sua arquibancada e, por elas, várias gerações passaram. Recordo-me de uma vez que, naquele local, antecipando o carnaval, a Escola de Samba Mocidade da Praia fez um excelente ensaio, dando alegria aos Jogos Praianos. O PTC, na época, respirava tais jogos, numa disputa entre as “bandeiras”, no total de quatro, com as cores do clube. A branca, tida como a equipe dos casados, a azul, a vermelha e a preta e cada equipe possuía uma madrinha. Com muita alegria, a minha foi a da bandeira preta. Aliás, também fui agraciada pelo clube para ser a rainha dos Jogos Praianos, carregando a tocha do fogo simbólico, escoltada por outros atletas – dentre eles, Joel – até o local da pira olímpica. Quanta emoção!

As festas eram memoráveis! O conjunto de Hélio Mendes ao piano, Betinho na bateria e Cícero no pistom era tudo de bom nas festas maravilhosas e, para completar, quando Hélio via um

par chegando ou dançando, sutil e disfarçadamente introduzia a música preferida do casal. A Festa do Galo do PTC era outro acontecimento e a decoração era elaborada por um grupo assíduo. Recordo-me que muitos ajudavam, mas destaco Rodolpho Teixeira e Claudinho Tovar. No “show” da festa podíamos contar com a “canja” maravilhosa de Mimo Finamore, a presença de Cariê, Evanilo, Roberto Menescal, Maysa Matarazzo, Ronaldo Bôscoli e tantos outros.

E as lembranças vão surgindo... Onde hoje é a arquibancada da piscina havia um estande de tiro; e uma vez tomei coragem e pedi ao Alemão Reblin, que lá estava, para me ensinar a atirar e ele feliz da vida me ensinou, o que achei o máximo. Em 1957, Maria Alice Pessoa e Lígia Ramalhete organizaram a Festa de Debutantes do PTC, quando cinco jovens debutaram: Angela Aguirre, Terezinha Bumachar, Lucinha Schlemm, Vera Ramalhete e eu. A festa aconteceu no enorme “Chapéu de Palha” que foi transformado em uma maravilhosa tenda árabe. A orquestra veio de fora: Miguel Caló! A construção da piscina só começou tempos depois, quando o “Chapéu de Palha” veio ao chão.

Como um filme, começo a lembrar o mês de julho de 1962, quando Ignácio Pessoa me perguntou se eu poderia nadar pela equipe do PTC na competição contra o Fluminensinho, de Baianinho. Eu já estava de casamento marcado, mas não tive dúvidas, na mesma hora respondi que sim. Então, Rachel Benezath, eu e outras inauguramos a tão esperada piscina. O tempo passou, nossas filhas Marcela e Monique tiveram o privilégio de nadar pelo clube, participando de inúmeras competições, bem como os netos Lucas, Caio e Fernanda.

E os flashes de memória vão surgindo... Lembrei-me agora das gincanas de carro e de lambreta. Na primeira eu participei com Carlos Eduardo Saade e, na segunda, corri com John Bitran. Imagino que todos irão se recordar das festas. E serão inúmeros casos e detalhes que virão à tona sobre esse tema. Em uma das deliciosas festas juninas Carminha Bulcão Viana Bumachar nos surpreendeu: foi uma linda Sinhá Moça! Era tudo feito com muito carinho e capricho!

Como Joel era um atleta polivalente do clube, estávamos em quase todos os jogos, principalmente os de basquete, vôlei e futebol de salão. As partidas entre os clubes eram acirradas e até torneio de pingue-pongue e biriba surgiram! E falando em Joel, não poderia deixar de mencionar a homenagem póstuma que fizeram a ele dando ao campo de bocha o seu nome. Anos depois, nossa família teve a grata satisfação de receber a placa que o homenageou antes do clube fechar em definitivo.



Zilce e Joel Cabral no Praia Tênis Clube. Acervo Antônio Carlos Sessa.

E tudo no PTC virava festa! Tenho certeza que aquele espaço era como uma continuação das nossas casas, com uma estrutura de esporte e lazer que muitos souberam usufruir em sua plenitude. Vou escrevendo e as lembranças vão aflorando. Como não lembrar da inauguração do painel de azulejos em tons de marrom e preto da artista plástica Marian Rabelo na entrada do clube? Anos depois, houve a doação do mesmo para a Escola Fernando Rabelo.

São muitas as histórias que se perderam no tempo e agora ressurgem em minha memória. E faço questão de deixar por último, nessas pinceladas de lembranças, a figura e presença ímpar e marcante de Álvaro Nogueira, o Nogueirinha, que tomava conta de tudo no clube, mesmo com suas inúmeras limitações, inclusive de

fala, e em sua cadeira de rodas. Ele ficava bravo quando alguém a pegava para uma simulada voltinha. Quantas vezes a famosa cadeira “sumia”, quando o colocavam em uma das cadeiras das mesas? Depois dele tomar umas e outras, escondiam a dita cuja e quando pedia para tirá-lo dali sempre davam a mesma resposta brincalhona: – Você bebeu, agora vai andando! Era uma implicância inocente feita pelos colegas e amigos do Nogueirinha para ele se sentir igual a todo mundo.



Da esquerda para a direita: Criança não identificada, Carmen Coelho, Álvaro Nogueira, o Nogueirinha, e Leda Linhares no Praia Tênis Clube. Acervo Maria Emília Aguirre Guimarães.

Ah! PTC.... Quantas lembranças, quantas alegrias, paixões e emoções! Tenho saudade daquele banco de pés de ferro que ficava embaixo da jardineira na entrada do clube, do lado direito. Enfim, o nome PTC para mim, se assim posso dizer, é mais um sacramento de vida das boas lembranças. Obrigada, Deus, pelo privilégio!



 (27) 3376-0363

 [facebook.com/EditoraMilfontes](https://facebook.com/EditoraMilfontes)

 [@espacomilfontes](https://instagram.com/espacomilfontes)

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.  
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.  
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas  
Cormorant Garamond.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada  
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



---

M I L F O N T E S